

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-graduação em Letras

Mestrado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa

Heitor Pereira de Lima

**ANÁLISE DE DISCURSO À MINEIRA:
o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras,
produzidas em Minas Gerais**

Belo Horizonte/MG

2022

Heitor Pereira de Lima

**ANÁLISE DE DISCURSO À MINEIRA:
o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras,
produzidas em Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Linha de Pesquisa: Linguagem e Enunciação: Interações Sociais e Práticas Discursivas

Orientadora: Profa. Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues (PUC Minas)

Coorientadora: Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira (UFSM)

Belo Horizonte/MG

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L732a Lima, Heitor Pereira de
Análise de discurso à mineira: o funcionamento do dispositivo teórico-
metodológico da AD em teses, da área de Letras, produzidas em Minas Gerais /
Heitor Pereira de Lima. Belo Horizonte, 2022.
124 f. : il.

Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Coorientadora: Verli Fátima Petri da Silveira
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Pêcheux, Michel, 1938- - Crítica e interpretação. 2. Orlandi, Eni Puccinelli, 1942- - Crítica e interpretação. 3. Escrita - Análise do discurso. 4. Teses. 5. Análise crítica do discurso. 6. Redação acadêmica. 7. Pós-graduação - Brasil. 8. Pesquisadores - Autoria. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Silveira, Verli Fátima Petri da. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

CDU: 801.73

Heitor Pereira de Lima

**ANÁLISE DE DISCURSO À MINEIRA:
o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras,
produzidas em Minas Gerais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues (PUC Minas) – Orientadora

Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira (UFSM) – Coorientadora

Profa. Dra. Freda Indursky (UFRGS) – Banca examinadora

Profa. Dra. Jane Quintiliano Guimarães Siva (PUC Minas) – Banca examinadora

Profa. Dra. Juliana Alves Assis (PUC Minas) – Banca examinadora

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2022

**Com afeto,
dedico este trabalho aos analistas de discurso brasileiros,
em especial, àqueles que *resistem* em Minas Gerais.**

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho como este pode ser comparado ao fazer uma trilha pelas montanhas de Minas Gerais. Geralmente o início do caminho é plano e reto, o que de certo modo traz conforto para o trilheiro, mas, logo em seguida, as curvas acentuadas, as subidas íngremes e os obstáculos no/do meio do caminho descortinam o real cenário que se apresenta: é preciso fazer renúncias, decidir sobre possíveis trajetos alternativos, insistir, persistir e resistir. Para que só assim a recompensa venha: além do sentimento de vitória, o belo horizonte mineiro é sempre um presente para o aventureiro.

Nesse sentido, preciso registrar meus agradecimentos a todos aqueles que durante minha caminhada, de algum modo, me ajudaram a realizar minha trilha (de fato, pelas Minas Gerais) para que o belo horizonte acadêmico fosse contemplado por mim. A todos vocês, desde já e sempre, meu muito obrigado!

Carinhosamente, agradeço:

Ao meu amado Ricardo, parceiro de (tantas) vida(s), pelo amor, pelo companheirismo e, sobretudo, pela paciência. Te ama!

À Verli Fátima Petri da Silveira, professora tão inspiradora, pelo profissionalismo, pela amizade e pela dedicação tão genuína ao trabalho, à teoria e aos alunos. Você é um exemplo para mim!

À Freda Indursky, pela atuação, na teoria e na vida, que tanto me inspira! É uma alegria, honra, privilégio e responsabilidade tê-la como leitora de minha pesquisa. Sua presença, neste trabalho, (me) significa muito!

À Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, pela amizade desde meus primeiros passos na PUC Minas.

À Jane Quintiliano Guimarães Silva, por tantas trocas ao longo do mestrado e pela leitura e disponibilidade em compor minha banca.

Ao meu pai, Lezi Pereira, meu grande amor. Te amo, paiho!

À minha família, por compreender minha ausência durante a produção desta dissertação. Amo vocês!

Aos meus amigos, pela amizade de sempre.

Ao PALLIND, grupo de estudos e afetos. Agradeço a cada colega pallindiano.

Aos professores do PPG-Letras da PUC Minas, pelo profissionalismo, marca do nosso querido Programa. Agradeço imensamente à Juliana Alves Assis, pela leitura do meu trabalho e pelas palavras tão gentis no dia da defesa.

À Kátia Regina de Sousa e Silva, amiga, parceira e, por inúmeras vezes, confidente sobre as coisas da academia e da vida.

Ao PPGL da UFSM, pela oportunidade que recebi para ser aluno especial.

À Elisangela Baptista de Godoy Sartin, minha eterna professora de Letras, por ser uma grande referência para mim.

À Liana de Andrade Biar (professora e coordenadora do PPGE, da PUC-Rio), aos funcionários e aos colegas desse Programa, pela forma tão carinhosa que me receberam na Instituição.

Aos colegas pallindianos Fidah Mohamad Harb e Elivélton Assis Krümmel, pela leitura do meu trabalho, pelas inúmeras sugestões e trocas tão afetuosas.

A todos os funcionários do PPG-Letras da PUC Minas, em especial, à Sirlane Silva Rodrigues, pelo trabalho impecável.

À Kelly Fernanda Guasso da Silva, pela revisão cuidadosa do meu texto.

Ao CNPq, pelo financiamento sem o qual, certamente, eu não conseguiria realizar esta pesquisa.

*“Com afeto ou sem afeto,
o fato é que a Análise de Discurso nos (me) afeta!”*
(LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 42, acréscimo meu)

RESUMO

A Análise Automática do Discurso (PÊCHEUX, [1969] 1997), ao promover um acontecimento discursivo, possibilitou a produção de um novo objeto, o discurso, pelo qual os estudos da linguagem foram realizados por outra perspectiva, a discursiva. Isso despertou na pesquisadora brasileira Eni Orlandi o desejo de compreender mais sobre a teoria do discurso. Ao cruzar o Atlântico por várias vezes, Orlandi trouxe para o Brasil a Análise de Discurso (AD) de Pêcheux que, com o estudo e a tradução de textos fundadores, estabeleceu a produção de dissertações e teses, bem como promoveu a vinda de pesquisadores do grupo de Pêcheux ao Brasil, o que foi construindo uma AD à brasileira. Diante disso, e levando em consideração as condições de produção de um país continental, podemos inferir que a AD praticada em solo nacional tem especificidades, questões particulares, contornos próprios. Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de compreender como o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso é mobilizado em teses, da área de Letras, desenvolvidas em Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior no estado de Minas Gerais-BR. Para isso, assumimos como recorte cronológico o último quadriênio 2017-2020 (CAPES). Nosso arquivo de pesquisa é composto por 24 teses, resultado de uma busca organizada em seis etapas de seleção, a partir das quais estruturamos dois grupos: no primeiro há 17 trabalhos que mobilizaram a AD com exclusividade, já, o segundo é formado por 7 teses em que a AD foi conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s). A partir disso, então, construímos nosso *corpus* no balançar do pêndulo (PETRI, 2013) por meio de dois mo(vi)mentos analíticos: i) a partir da introdução das teses, consideramos os recortes discursivos que apontam como os trabalhos mobilizarão a(s) teoria(s); ii) a partir das referências bibliográficas das teses, assumimos a recorrência de textos teóricos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Assim, nosso gesto de leitura sobre a mobilização da AD em Minas Gerais nos possibilitou propor uma cartografia da AD à mineira. Os resultados da pesquisa indicam que a AD posta em movimento com interesses específicos dadas as condições de produção, conjugada ou não com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s), funciona de modo singular, à mineira, por exemplo, mas sem se desprender de uma matriz que a sustenta.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Michel Pêcheux; Eni Orlandi; Teses da área de Letras; Minas Gerais.

RÉSUMÉ

L'Analyse Automatique du Discours (PÊCHEUX, [1969] 1997), en valorisant un événement discursif, a permis la production d'un nouvel objet, le discours, à travers lequel les études de langues se sont réalisées dans une autre perspective, la discursive. Cela a éveillé chez la chercheuse brésilienne Eni Orlandi le désir de mieux comprendre la théorie du discours. Traversant plusieurs fois l'Atlantique, Orlandi a apporté au Brésil l'Analyse du discours (AD) de Pêcheux qui, avec l'étude et la traduction de textes fondateurs, a établi la production de mémoires et de thèses, ainsi que favorisé l'arrivée de chercheurs du groupe de Pêcheux au Brésil, qui a construit un AD brésilien. De ce fait, et compte tenu des conditions de production dans un pays continental, on peut en déduire que la AD pratiquée sur le sol national a des spécificités, des enjeux particuliers, ses propres contours. En ce sens, cette étude vise à comprendre comment le dispositif théorico-méthodologique de l'Analyse du Discours est mobilisé dans les thèses, dans le domaine des lettres, développées dans les Programmes de Post-Graduation de Établissements d'Enseignement Supérieur de l'État de Minas Gerais-BR. Pour cela, nous supposons comme coupe chronologique le dernier quadriennat 2017-2020 (CAPES). Notre archive de recherche est composé de 24 thèses, résultat d'une recherche organisée en six étapes de sélection, à partir desquelles nous avons structuré deux groupes: dans le premier il y a 17 travaux qui ont mobilisé AD en exclusivité, tandis que le second est constitué de 7 thèses dans lesquelles AD a été combiné avec d'autres théories et/ou études théoriques. À partir de là, nous construisons donc notre *corpus* dans le mouvement du pendule (PETRI, 2013) à travers deux mouvements analytiques: i) dès l'introduction des thèses, nous considérons les coupures discursives qui montrent comment les travaux vont mobiliser le(s) théorie(s); ii) à partir des références bibliographiques des thèses, on suppose la récurrence des textes théoriques de Michel Pêcheux et Eni Orlandi. Ainsi, notre geste de lecture sur la mobilisation de l'AD dans le Minas Gerais nous a permis de proposer une cartographie de l'AD à mineira. Les résultats de la recherche indiquent que l'AD mise en mouvement avec des intérêts spécifiques compte tenu des conditions de production, combinées ou non avec d'autres théorie(s) et/ou étude(s) théorique(s), fonctionne de manière unique, à mineira, par exemple, mais sans se détacher d'une matrice qui la supporte.

Mots-clés: Analyse du discours; Michel Pêcheux; Eni Orlandi; Thèses dans le domaine des Lettres; Minas Gerais.

ABSTRACT

The Automatic Discourse Analysis (PÊCHEUX, [1969] 1997), by promoting a discursive event, enabled the production of a new object, the discourse, through which language studies were carried out from another perspective, the discursive one. This awakened in the Brazilian researcher Eni Orlandi the desire to understand more about discourse theory. Crossing the Atlantic several times, Orlandi brought Pêcheux's Discourse Analysis (AD) to Brazil which, with the study and translation of founding texts, established the production of dissertations and theses, as well as promoted the arrival of researchers from the group from Pêcheux to Brazil, which built a Brazilian AD. Given this, and taking into account the conditions of production in a continental country, we can infer that AD practiced on national soil has specificities, particular issues, its own contours. In this sense, this study aims to understand how the theoretical-methodological device of Discourse Analysis is mobilized in theses, in the area of Letters, developed in Postgraduate Programs of Universities in the state of Minas Gerais-BR. For this, we assume as a chronological cut the last quadrennium 2017-2020 (CAPES). Our research file is composed of 24 theses, the result of a search organized into six selection stages, from which we structured two groups: in the first there are 17 works that mobilized AD with exclusivity, whereas the second consists of 7 theses in which AD was combined with other theory(s) and/or theoretical study(s). From this, then, we build our corpus in the swing of the pendulum (PETRI, 2013) through two analytical movements: i) from the introduction of the theses, we consider the discursive clippings that show how the works will mobilize the(s) theory(s); ii) from the bibliographical references of the theses, we assume the recurrence of theoretical texts by Michel Pêcheux and Eni Orlandi. Thus, our reading gesture on the mobilization of AD in Minas Gerais enabled us to propose a map of AD to Minas Gerais. The research results indicate that AD set in motion with specific interests given the conditions of production, combined or not with other theory(s) and/or theoretical study(s), works in a unique way, to Minas Gerais, for example, but without detaching itself from a matrix that supports it.

Keywords: Discourse Analysis; Michel Pêcheux; Eni Orlandi; Theses in the area of Letters; Minas Gerais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Encontro com a Professora Eni Orlandi, durante o IX SEAD, em Recife-PE.....	22
Figura 2 – Encontro com a Professora Freda Indursky, durante o IX SEAD, em Recife-PE ..	23
Figura 3 – Cartaz digital da <i>live</i> , do PPG-Letras da PUC Minas	27
Figura 4 – Encontro do PALLIND	30
Figura 5 – Mateada virtual do PALLIND	30
Figura 6 – Mapa da Análise do Discurso no Brasil.....	52
Figura 7 – Mesorregiões de Minas Gerais.....	57
Figura 8 – Mapa da Análise de Discurso em Minas Gerais (2017-2020)	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – IES e as mesorregiões mineiras	58
Quadro 2 – Programas de pós-graduação em Estudos da Linguagem	59
Quadro 3 – Linha(s) de pesquisa que aborda(m) a categoria <i>discurso</i>	61
Quadro 4 – IES representadas por uma única linha de pesquisa	63
Quadro 5 – Teses selecionadas	66
Quadro 6 – Primeiro grupo de teses	70
Quadro 7 – Segundo grupo de teses	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Primeira seleção de teses	64
Tabela 2 – Seleção final de teses	69
Tabela 3 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no primeiro grupo de teses.....	86
Tabela 4 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no segundo grupo de teses	98
Tabela 5 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi	103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no primeiro grupo de teses	87
Gráfico 2 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no segundo grupo de teses	98
Gráfico 3 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise de Discurso

AAD – Análise Automática do Discurso

ADD – Análise Dialógica do Discurso

ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

BR – Brasil

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDDEM-UNIVÁS – Centro de Documentação Denise Maldidier – Universidade Vale do Sapucaí

CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CESPUC-PUC Minas – Centro de estudos Luso-afro-brasileiros – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FD – Formação Discursiva

FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo

FI – Formações Ideológicas

GT – Grupo de Trabalho

HIL – História das Ideias Linguísticas

IEC-PUC Minas – Instituto de Educação Continuada – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

IEL-UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas

IES – Instituto de Ensino Superior

IF SUDESTE MG – Instituto Federal do Sudeste de Minas

IFNMG – Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

IFSULDEMINAS – Instituto Federal do Sul de Minas

IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro

MG – Minas Gerais

PALLIND – Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso

PC – Partido Comunista

PCB – Partido Comunista Brasileiro

POSLIN-UFMG – Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais

PPGEL-PUC-Rio – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PPGL-UFSM – Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria

PPG-Letras-PUC Minas – Programa de Pós-graduação em Letras – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PR – Paraná

PROUNI – Programa Universidade para Todos

PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

SD – Sequência Discursiva

SEAD – Seminário de Estudos em Análise de Discurso

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal Ouro Preto

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

UNIB – Universidade Ibirapuera

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá

Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros

UNIVÁS – Universidade Vale do Sapucaí

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE PROSA	18
2. DO DISCURSO À LA FRANÇAISE AO DISCURSO À MINEIRA: (PER)CURSOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	36
2.1. Análise de Discurso à la française	37
2.2. Análise de Discurso à brasileira	41
2.3. Análise de Discurso à mineira	46
3. ANÁLISE DE DISCURSO: ORA MOBILIZADA COM EXCLUSIVIDADE, ORA CONJUGADA COM OUTRA(S) TEORIA(S) E/OU ESTUDO(S) TEÓRICO(S)	50
4. NO BALANÇAR DO PÊNDULO: A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> E DOS GESTOS ANALÍTICOS	55
4.1. A construção do arquivo	56
4.2. Primeiro grupo de teses: Análise de Discurso mobilizada com exclusividade nas/pelas pesquisas	70
4.2.1. Primeiro mo(vi)mento de análise: introdução	74
4.2.2. Segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas	86
4.3. Segundo grupo de teses: Análise de Discurso conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos na realização das pesquisas	88
4.3.1. Primeiro mo(vi)mento de análise: introdução	93
4.3.2. Segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas	97
5. FINALIZANDO A PROSA, POR ORA	100
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	116
I. Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 1º grupo de teses	116
II. Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 2º grupo de teses ...	123

1. PARA COMEÇO DE PROSA

“A Análise de Discurso merece que continuemos a lutar por ela”. Esse enunciado compõe o discurso dos analistas de discurso na medida em que cada um, à sua maneira, reconhece a necessidade de continuar a lutar pela teoria construída pelo filósofo marxista Michel Pêcheux, na década de 60, na França; (re)construída por Eni Orlandi, a partir da década de 80, no Brasil; e movimentada em cada pesquisa que encontra na figura de Pêcheux uma bússola inspiradora pela qual nos guiamos para refletir sobre nossas questões e inquietações, o que nos permite trilhar novos caminhos interpretativos em consonância com o momento histórico por meio das condições de produção vigentes. Esse enunciado também é título do texto de Maria Cristina Leandro Ferreira (2019), **A Análise de Discurso merece que continuemos a lutar por ela**¹, no qual a autora, considerando os pesquisadores que atuam no campo discursivo, “uns recém chegando, outros há mais tempo, mas todos já se sentindo afetados pela teoria” (LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 27), propõe duas premissas fundadoras: i) permitir se indignar frente às ignomínias, aos obscurantismos e aos retrocessos civilizatórios; e, ii) investir fortemente na formação teórica de analista de discurso.

Essas premissas só são possíveis de se tornarem algo concreto porque quem o fizer, de uma forma ou outra, é afetado pela teoria da Análise de Discurso Pecheuxtiana (a partir de agora, AD²). Por isso, a epígrafe (“com afeto ou sem afeto, o fato é que a Análise de Discurso nos (*me*) afeta”! LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 42, acréscimo meu) com a qual eu³ começo esta pesquisa, foi escolhida para além de sua função ilustrativa, introdutória, de arauto do que está por vir; não poderia ser outra: ela diz, me diz ao se dizer. Em outras palavras, a epígrafe, desde já, marca minha relação com a AD e mostra como essa teoria discursiva me interpela

¹ A apresentação dos títulos será dar da seguinte maneira: i) para títulos de livros e capítulos/partes de livros, negrito; ii) para títulos de artigos e demais produções, itálico. Ademais, o título das disciplinas cursadas será apresentado entre aspas.

² Nas pesquisas é recorrente o uso das expressões Análise de Discurso (sem adjetivação teórica) e/ou Análise de Discurso Francesa, Análise de Discurso de linha/vertente francesa (com adjetivação territorial). Nesta pesquisa, a expressão Análise de Discurso (AD) será usada em referência à teoria fundada por Michel Pêcheux, isto é, AD significa Análise de Discurso Pecheuxtiana; e, quando for necessário fazer menção a outras vertentes dos estudos discursivos, haverá uma sinalização.

³ Antes um esclarecimento: neste capítulo, em especial, ao começar uma prosa pela qual pretendo compartilhar os caminhos que me levaram a Minas Gerais e à Análise de Discurso, para mais tarde tentar confluir essas paixões nesta pesquisa de mestrado, preciso fazer uso da primeira pessoa do singular porque acredito, com toda ilusão que me constitui, na representação deste gesto enquanto sujeito-autor que toma posição na escrita de pesquisa para elucidar sua relação/identificação plena com a teoria convocada no desenvolvimento do trabalho e para ler/interpretar/viver n(o) mundo. Por outro lado, entendo que mesmo que fizesse uso do *nós* eu também poderia estar representado por um *eu* na pessoa do discurso, pois como afirma Rodrigues (2018, p. 52), “várias são as vozes que podem ser representadas pelos pronomes pessoais”. Entretanto, sigo na/com a ilusão do *eu*.

(afeta) neste trabalho e na minha vida. Mas como fazer Análise de Discurso, principalmente aquela calçada nos postulados pecheuxianos, implica, segundo Leandro-Ferreira (2019, p. 39), no “analista de discurso estar preparado para lidar com paradoxos, controvérsias e mal-entendidos”, valho-me do que a própria pesquisadora adverte:

Mas atenção: a Análise de Discurso não é um Partido, nem seus fundamentos uma religião, e muito menos seus praticantes, devotos. O analista de discurso não convive bem com dogmas que lhe tiram a possibilidade de questionar e pôr em questão seus próprios conceitos e as causas daquilo que falha e sempre há de falhar na teoria (LEANDRO-FERREIRA, 2016, p. 33).

Acredito que isso me encanta na AD: a teoria que permite falha, falta e furo; entendendo-os como constitutivos do sujeito e dos sentidos. Portanto, é ao assumir essa teoria, sendo afetado por ela, que me proponho a trabalhar nela a partir dela. Em outras palavras, a Análise de Discurso merece que eu lute por ela.

Minha trajetória acadêmica começou no ano de 2013, no curso de licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas Literaturas –, da Universidade Ibirapuera (UNIB), em São Paulo. Fui bolsista do Programa Universidade para Todos (PROUNI) e, ao longo de quatro anos, tive contato com algumas teorias dos estudos da linguagem. Por exemplo, a teoria sintática que foi objeto de discussão nas aulas da Professora Elisangela Baptista de Godoy Sartin. Nesses encontros, comecei a perceber a importância da Cognição para a linguagem e, por isso, em 2015, frequentei algumas aulas da Professora Dra. Maria Célia Pereira Lima Hernandez, à época orientadora de doutorado da Professora Elisangela Sartin, na Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Entretanto, mesmo sabendo da relevância dos estudos cognitivistas, logo percebi que não era esse o caminho pelo qual eu me construiria pesquisador. Ainda naquele ano, cursei na graduação a disciplina “Análise de Discurso”. Lembro-me da tristeza que sentia por não compreender os textos disponibilizados pelo professor responsável. O livro **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, de Eni Orlandi ([1999] 2005), foi meu primeiro contato com AD e, até hoje, retorno a esse texto para, além de refletir a partir de/com Orlandi, rir dos comentários inocentes que eu fazia numa tentativa de dialogar com o texto. Nessa obra, Orlandi esclarece algo que me atormentava:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. **E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento.** O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com

o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, [1999] 2005, p. 15, grifos meus).

Ou seja, compreender a AD era, de fato, uma complexidade para mim. Por outro lado, havia algo na ideia **do curso, do percurso, do movimento** da teoria do discurso que me despertava interesse, mesmo não a entendendo com “clareza⁴”.

Em 2016, já graduado em Letras, troquei a selva de pedras paulistana pela calmaria da cidade jardim. As coisas do coração me levaram a viver em Belo Horizonte, capital mineira. O estado de Carlos Drummond de Andrade também passou a ser meu. E foi essa experiência que me fez constatar as belezas de um lugar que eu conhecia, até então, por meio dos textos do escritor mineiro. Em **A palavra Minas**, por exemplo, Drummond promove um traçado, delineando seu estado natal através das descrições que fazia sobre a paisagem e a geografia.

Disse Drummond sobre Minas:

*Minas não é palavra montanhosa
É palavra abissal
Minas é dentro e fundo
As montanhas escondem o que é Minas.
No alto mais celeste, subterrânea,
é galeria vertical varando o ferro
para chegar ninguém sabe onde.
Ninguém sabe Minas. A pedra
o buriti
a carranca
o nevoeiro
o raio
selam a verdade primeira,
sepultada em eras geológicas de sonho.
Só mineiros sabem.
E não dizem nem a si mesmos o
irrevelável segredo
chamado Minas*

(ANDRADE, 1992, p. 433).

⁴ Sobre essa questão vale destacar que o discurso na/para AD, teoria na qual me filio, não é transparente, ele é opaco. A transparência é efeito de uma homogeneidade ideológica.

E na montanhosa Minas Gerais, já no ano seguinte, dei mais um passo em minha formação: passei a cursar a pós-graduação *lato sensu* em Revisão de Textos no Instituto de Educação Continuada (IEC), da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). O curso que objetivava formar revisores de textos não se deteve à AD, mas nesse curso sanei questões teóricas que ficaram pendentes da graduação, estabeleci relações, construí amizades, em especial com a Professora Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues, desde então, minha orientadora.

Por intermédio da Professora Daniella Rodrigues, no ano de 2019, passei a frequentar às aulas dela no Programa de Pós-graduação em Letras (PPG-Letras), da PUC Minas. O prédio 20 do *campus* Coração Eucarístico é encantador: o verde à sua volta, as salas de aula com saídas estratégicas e até escadas íngremes acolhem todos que lá estão, e comigo não foi diferente. Foi nesse lugar, nas aulas da disciplina “Escrita de Pesquisa: estratégias discursivas e modos de dizer”, que voltei a me aproximar da AD, ainda que de modo tímido. Os textos que tratavam da escrita e da leitura à luz da AD, sobretudo os textos de Freda Indursky, reacenderam em mim a vontade de entender sobre a teoria que olha para **o curso, o percurso e os movimentos**.

A partir dessa experiência, ainda no ano de 2019, resolvi participar do IX Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD) que aconteceu na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. O tema do seminário, naquele ano, foi *A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019*, reunindo dezenas de analistas de discurso interessados em refletir sobre a teoria pecheuxtiana e suas condições de produção a partir do recorte cronológico de 50 anos. Ir à Recife para participar como ouvinte do SEAD foi significativo para mim por dois motivos: além de voltar, ainda que rapidamente, à minha terra natal, pude ver e ouvir as referências sobre as quais me debruçava na disciplina isolada do PPG-Letras da PUC Minas.

A conferência de abertura, intitulada *O legado de Pêcheux no Brasil: memória e atualidade*, apresentada por Eni Orlandi, Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, mediada por Fabiele De Nardi, foi um marco para mim. Lembro-me de que, por alguns minutos, não consegui me concentrar e ouvir a exposição das professoras porque a emoção e a alegria em vê-las me tomaram. Após meu estado inebriado, ouvi as palestras das pesquisadoras, sendo que a fala de Freda Indursky, em especial, me provocou imensamente. Voltarei ao trabalho apresentado por Indursky.

Ao final da manhã do primeiro dia do evento, uma longa fila se formou ao lado da mesa central para que admiradores pudessem fazer uma foto com as professoras. E lá eu estava: tentando driblar a grande agitação dentro do auditório para ter acesso às analistas de discurso.

Por fim, consegui abraçar e registrar aquele momento com Eni Orlandi, a autora que tanto leio desde a época da graduação. A seguir, a imagem (Figura 1) mostra esse encontro.

Figura 1 – Encontro com a Professora Eni Orlandi, durante o IX SEAD, em Recife-PE



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O segundo dia do evento também foi extremamente significativo. Além de assistir às mesas, ouvir tantos pesquisadores, ler alguns trabalhos e ter acesso a obras que eu não possuía; tive a oportunidade de encontrar despretensiosamente, na fila do café, Freda Indursky que tão logo entendeu minha tietagem e me permitiu fazer uma fotografia nossa. Rapidamente, falei a ela do meu carinho e da importância da produção dela para mim, aluno que cursava disciplina isolada e se preparava para o ingresso no mestrado. A imagem seguinte (Figura 2) mostra meu encontro com Indursky.

Figura 2 – Encontro com a Professora Freda Indursky, durante o IX SEAD, em Recife-PE



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O SEAD durou cinco dias e os três últimos também foram instigantes e provocativos, principalmente para mim, sujeito já afetado pela teoria. A cada trabalho apresentado, começava a entender, a meu modo, a imensidão da AD; mas, em meio a tantas apresentações, a discussão promovida por Indursky, na conferência de abertura, me tomou pela mão.

Indursky discorreu sobre a disciplinarização e a institucionalização da AD no Brasil a partir de recortes cronológicos que ela denominou *tempos da aventura da AD no Brasil*. Ela destacou, considerando o momento inicial, os projetos de pesquisas que levaram Orlandi a atravessar o Atlântico por várias vezes para pesquisar e trabalhar com pesquisadores pertencentes ao grupo de Pêcheux. Ainda segundo Indursky, essas travessias promoveram tantas outras em “sentido inverso”. Com isso, Francine Mazière, Denise Maldidier, Jacqueline Authier-Revuz, entre outros teóricos vieram ao Brasil para realizar seminários na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e discutir os objetos de estudo dos pesquisadores brasileiros, o que foi importante para a consolidação da AD em solo nacional. Além disso, os analistas em formação, à época, tiveram o privilégio de conviver com os teóricos franceses, com os quais puderam discutir seus projetos de pesquisa.

Ainda de acordo com Indursky, foi nesse momento que Orlandi percebeu a necessidade de traduzir os textos fundadores. E assim ela o fez: organizou, selecionou e traduziu ou fez traduzir parte significativa da produção teórica de Michel Pêcheux e dos pesquisadores reunidos

em torno dele. Assim, a produção traduzida foi disponibilizada a todos aqueles que tinham interesse em compreender os estudos de Pêcheux. Dessa maneira, houve uma primeira produção de artigos, dissertações, teses, traduções, e com isso, uma primeira geração de analistas de discurso brasileiros foi formada. Indursky destacou, ainda, a importância da criação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e seus Grupos de Trabalho (GTs), nos anos 90. Nesse período, doutores e seus orientandos encontraram no GT de Análise de Discurso⁵ um espaço para discutir a teoria, as pesquisas e seus interesses.

Indursky seguiu apresentando os demais tempos da aventura da AD no Brasil. Para isso, ela utilizou um mapa político brasileiro que sinalizava com várias figuras de estrelas vermelhas os estados brasileiros nos quais a AD já se fazia institucionalizada. Com isso, algumas universidades foram mencionadas, a saber: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), só para citar algumas instituições. Na imagem apresentada percebia-se uma concentração da AD nas regiões Sudeste, local de sua implementação, e Sul; seguido de um crescimento perceptível no Nordeste brasileiro. Sem demora, Indursky se desculpou com a plateia caso alguma instituição não tivesse sido contemplada em seu levantamento e solicitou que fosse informada sobre as instituições nas quais a AD já se fazia presente para que os ajustes fossem feitos. Recordo-me que, na minha imaturidade de analista de discurso principiante, senti vontade de dizer a ela que na PUC Minas a AD era uma realidade, ainda que timidamente.

A apresentação de Indursky me inquietou e, a partir dela, me fiz algumas perguntas: Considerando o Brasil, um país com dimensões continentais, que AD é praticada em cada região brasileira? Delimitando um pouco mais, que AD se pratica em Minas Gerais? A instituição na qual estudo (e pretendo cursar o mestrado) é, de fato, terreno que fomenta a AD? Para essas perguntas, *a priori*, não procurei respostas, mas elas ressoaram em mim.

Ainda em 2019, submeti meu projeto de dissertação, intitulado *Gestos de autoria em textos científicos*, ao processo seletivo do PPG-Letras da PUC Minas. Fui aprovado e, no ano

⁵ O GT de Análise de Discurso, da ANPOLL, contempla diferentes perspectivas teóricas voltadas para os estudos discursivos por meio de três linhas de pesquisa, considerando o biênio 2018-2020: 1) História das Ideias Linguísticas; 2) Práticas discursivas, diferentes materialidades e movimentos na história; 3) Processos de subjetivação, identificação e cultura. Esse GT congrega mais de 100 pesquisadores de distintas instituições e alunos de pós-graduação que atuam como ouvinte. A Professora Verli Fátima Petri da Silveira, do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da UFSM e coorientadora desta pesquisa, é coordenadora do GT de Análise de Discurso, da ANPOLL (2021-2023), juntamente com Maria Cleci Venturini (UNICENTRO-PR). Disponível em: <https://anpoll.org.br/gt/analise-do-discurso/>. Acesso em: 02 set. 2021.

seguinte, 2020, iniciei o curso com bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ainda naquele ano, a sociedade mundial foi surpreendida com a pandemia do novo coronavírus que condicionou as pessoas ao isolamento social, como medida de tentar conter o avanço viral. Por isso, uma semana após o início do curso, passei a ter aulas por intermédio de plataformas digitais. Essa realidade que se impôs, apesar de catastrófica, teve alguns pontos positivos; um deles foi a oportunidade que tive de participar de eventos, ter acesso a obras, sem precisar sair de casa. Outra oportunidade foi a bolsa institucional que recebi para cursar, na condição de aluno extraordinário, a disciplina “Introdução à Análise de Discurso”, sob orientação da Professora Dra. Liana de Andrade Biar⁶, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)⁷. A disciplina, que traçava um panorama da análise de discurso a partir de algumas linhas teóricas, foi fundamental para que eu conhecesse essas vertentes e delimitasse, portanto, a AD que eu praticaria no mestrado.

Nesse mesmo período, aconteceu minha primeira publicação em um periódico científico. Provocados por uma materialidade propagandística, eu e Kátia Regina de Sousa e Silva, amiga da academia e da vida, nos propusemos a apreender os efeitos de sentido dos textos que reunimos a partir de suas formações discursivas. Mais uma vez, recorri aos textos de Freda Indursky, que possui uma vasta publicação sobre essa categoria analítica, para pensar a partir/com d/ela os processos de identificação do sujeito discursivo, as falhas no ritual, etc. O artigo *Os sentidos mudam e a cozinha também: análise da(s) formação(ões) discursiva(s) das propagandas da Todeschini*⁸, publicado no Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaios, representou para mim a certeza de fazer e registrar pesquisa em AD.

Essa publicação despertou em mim o desejo de fazer outra. Por isso, e intermediado pela tecnologia, resolvi deixar a timidez de lado e convidar a Professora Dra. Verli Fátima Petri da Silveira, reconhecida analista de discurso brasileira, para uma entrevista⁹ que posteriormente seria transcrita e submetida a algum periódico científico. O convite se deu pela minha admiração ao trabalho dela que sempre me instiga, a cada (re)leitura, o desejo em compreender mais sobre a disciplina de entremeio, sobretudo, no que se refere ao fazer teórico-metodológico

⁶ Agradeço imensamente à Profa. Dra. Liana de Andrade Biar por todas as interlocuções, sugestões e comentários afetuosos durante suas aulas. Muito obrigado por ter me recebido tão carinhosamente no PPGEL, da PUC-Rio.

⁷ Estendo meus agradecimentos à Francisca Ferreira de Oliveira (a querida Chiquinha), secretária do PPGEL da PUC-Rio, que desde meu primeiro contato se mostrou disponível e me auxiliou em todas as demandas burocráticas da Instituição.

⁸ Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/24701>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁹ O texto *O discurso científico: questões de leitura e escrita – uma conversa com a Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira* ainda não foi publicado.

em/da AD. Destaco o texto **O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso**¹⁰ (PETRI, 2013), que sempre está presente em minhas leituras. Após meu contato, a Professora Verli Petri aceitou o convite. Ao saber desse movimento, a coordenadora do PPG-Letras da PUC Minas, à época, sugeriu que a entrevista acontecesse no formato de *live*, prática que passou a ser recorrente em razão da pandemia do novo coronavírus, dessa forma, o público em geral (acadêmicos, professores, funcionários e comunidade em geral) poderia participar.

A seguir, a imagem (Figura 3) mostra o cartaz digital usado na divulgação da *live*, intitulada *Discurso científico: questões de leitura e escrita*, ocorrida na página do *Facebook*, do PPG-Letras da PUC Minas, no dia 23 de outubro de 2020.

¹⁰ Texto disponível em PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

Figura 3 – Cartaz digital da *live*, do PPG-Letras da PUC Minas

Lives **PPG-Letras**

Acesse: www.facebook.com/posletras.pucminas

**OUTUBRO
2020**

PUC Minas
Conhecimento que transforma

30 Anos
PPG Letras

Verli Petri
(UFSM)

Mediação:
Heitor Lima
(PUC Minas)

23/10 – 19h – *O discurso científico: questões de leitura e escrita.*

Fonte: *Facebook*¹¹ – PPG-Letras da PUC Minas.

Esse primeiro contato com a analista de discurso gerou vários outros. Dois meses após a *live*, em concordância com minha orientadora, Professora Daniella Rodrigues, convidei mais uma vez a Professora Verli Petri, dessa vez para me coorientar¹² na pesquisa de mestrado. E

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/posletras.pucminas>. Acesso em: 02 set. 2021.

¹² As injunções institucionais determinam que a atuação da Professora Verli Petri nesta dissertação seja nomeada de coorientação. Entretanto, em razão do trabalho impecável realizado por ela, sem o qual esta pesquisa, certamente, seguiria caminhos não tão interessantes, subverto essa determinação e passo a me referir à Professora Verli Petri como orientadora, ou seja, ela é uma das minhas orientadoras.

ela, gentilmente, aceitou meu convite. Logo em seguida, foi minha vez de aceitar o convite dela para participar dos encontros promovidos pelo Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob sua coordenação. O PALLIND tem sido muito importante em/para minha formação de analista de discurso. Frequentar virtualmente os encontros, me coloca, de fato, num reduto pecheuxtiano que não se fecha em si, dialoga a todo tempo com outras teorias dos estudos da linguagem; dessa forma, tenho aprendido sobre a(s) teoria(s), trocado ideias com colegas queridos e participado de um grandioso projeto interinstitucional, *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*.

O movimento da AD, discutido por Orlandi ([1999] 2005), faz parte do trabalho da Professora Verli Petri. Ela definitivamente não para: pesquisa, lê, produz, publica, orienta, participa de eventos, bancas; o que estimula os que a cercam a fazerem parecido. Afinal, uma disciplina de/em movimento demanda de seus pesquisadores movimentos. Dessa forma, tenho participado de todos os eventos para os quais ela me convida. Um deles foi a defesa de dissertação de Fidah Mohamad Harb, orientanda de Verli Petri, no PPGL da UFSM. Na pesquisa intitulada *O funcionamento do dispositivo teórico e metodológico da Análise de Discurso em trabalhos científicos para além da área de Letras*, Harb (2021) reuniu 10 teses inscritas em áreas do conhecimento que não são a dos estudos da linguagem para compreender como os autores mobilizaram a Análise de Discurso de linha francesa para a produção do conhecimento. A curiosidade de Harb em tentar compreender o funcionamento do dispositivo da AD para além da área de Letras, algo que julguei interessante e necessário, me fez lembrar do trabalho apresentado por Indursky, no primeiro dia de evento do SEAD, em 2019. Me questionei o porquê dessas analistas de discurso, Indursky e Harb, cada uma a seu modo, estavam interessadas em compreender o funcionamento da AD, uma considerando os tempos da AD no Brasil a partir dos movimentos de institucionalização e disciplinarização; e a outra, os trabalhos produzidos fora dos estudos da linguagem, mas que convocaram a AD para seu desenvolvimento. Assim, as perguntas que me fiz ao assistir o trabalho de Indursky, no IX SEAD voltaram a me incomodar, então compreendi que precisa mudar a rota de pesquisa da minha dissertação.

Após isso, e mais uma vez em concordância, agora com minhas orientadoras, resolvi mudar meu projeto de dissertação para mergulhar na “aventura da AD”. Isso só foi possível porque pude cursar a disciplina “Sujeito e Discurso – módulo I”, na condição de aluno especial, no PPGL da UFSM, sob orientação de Verli Petri, o que me proporcionou certo amadurecimento teórico. As discussões, os questionamentos e as atividades propostas me colocaram em diálogo intenso com a teoria pecheuxtiana. Pude, inclusive, retornar à obra

Análise de Discurso: princípios e procedimentos, de Eni Orlandi ([1999] 2005), para lê-la a partir de uma outra perspectiva.

Ainda na UFSM, por meio do PALLIND, comecei a participar do projeto interinstitucional *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, o que me colocou em contato direto com pesquisadores situados em várias etapas de formação acadêmica, na/para execução das atividades. O projeto que está em desenvolvimento se propõe a produzir um “artefato de leitura” no formato de “vocabulário” digital sobre a pandemia do novo coronavírus, oferecendo desse modo um material confiável que busca contemplar alguns dos sentidos sobre palavras que circula(ra)m fortemente na mídia impressa-digital durante a pandemia de covid-19, proporcionando à comunidade social uma fonte confiável de pesquisa que é possível de ser acessada gratuitamente no *site* do projeto da página do Observatório de Informações em Saúde¹³, da UFSM.

A seguir, a imagem (Figura 4) mostra um dos encontros teóricos-virtuais do PALLIND, com alguns de seus integrantes. Já a outra imagem (Figura 5) mostra a Mateada virtual, encontro em comemoração à Revolução Farroupilha¹⁴.

¹³ Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/>. Acesso em: 03 set. 2021.

¹⁴ Trata-se de uma revolução que tomou conta do Rio Grande do Sul, então província de São Pedro do Rio Grande do Sul, promovida principalmente por fazendeiros e criadores de gado, a Guerra dos Farrapos, também conhecida como Revolução Farroupilha, que tinha caráter republicano e lutou contra o domínio do governo imperial. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/07/o-que-voce-precisa-saber-sobre-guerra-dos-farrapos.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

Figura 4 – Encontro do PALLIND



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Figura 5 – Mateada virtual do PALLIND



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

No imaginário popular, a região Sul do Brasil é compreendida enquanto um lugar de/com baixas e/ou baixíssimas temperaturas. Como as minhas passagens por Curitiba (PR), Pomerode (SC), Jaraguá do Sul (SC), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) foram rápidas e, portanto, impossível de constatar ou refutar o imaginário climático sobre essa região, sou obrigado a concordar com o que dizem, entretanto, acrescento a seguinte ressalva: mas foi no

frio do Sul que encontrei calor! Calor teórico e humano, proporcionado por Verli Petri e os colegas do PALLIND.

Em razão dessa trajetória acadêmica, acredito, então, que me encontrei na/com AD. Uma AD que se reconhece enquanto pecheuxtiana e encontra em Orlandi e nos pesquisadores por ela formados fôlego para desenvolver pesquisas considerando as demandas da realidade brasileira. Diante disso, e levando em consideração as condições de produção de um país de dimensões continentais, acredito que a AD praticada em solo nacional tem especificidades, questões particulares, contornos próprios.

À vista dessa trajetória, esta dissertação foi forjada; me senti provocado a investigar como a teoria de Michel Pêcheux funciona em Minas Gerais, considerando, além da PUC Minas, outras Instituições de Ensino Superior (IES). Para este trabalho, teses da área de Letras, desenvolvidas nas IES públicas e privadas, foram escolhidas como o lugar no qual se percebe o funcionamento a partir da mobilização da AD. Além da delimitação territorial, esta pesquisa assumiu como recorte cronológico o último quadriênio 2017-2020 (CAPES). Segundo o que dispõe a CAPES:

A Avaliação Quadrienal é parte do processo de Permanência, e é realizada em 49 áreas de avaliação, número vigente em 2020, seguindo sistemática e conjunto de quesitos básicos estabelecidos no Conselho Técnico Científico da Educação Superior (CTC-ES) [...]. Os resultados da avaliação periódica de programas de pós-graduação são expressos em notas, numa escala de 1 a 7, que são atribuídas ao Programa após análise dos indicadores referentes ao período avaliado. Esta análise é conduzida nas comissões de área de avaliação e, posteriormente, no CTC-ES, que homologa os resultados finais. São estes resultados que fundamentam a deliberação do Conselho Nacional de Educação - CNE/MEC sobre quais cursos obterão a renovação de reconhecimento para a continuidade de funcionamento no período subsequente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2021).

Assim, esta pesquisa pretende responder à seguinte questão: **Como o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso é mobilizado em teses da área de Letras, desenvolvidas em Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior no estado de Minas Gerais-BR?**

E, nessa medida, convoca como objetivo principal:

Compreender como o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso é mobilizado em teses da área de Letras, desenvolvidas em Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior no estado de Minas Gerais-BR.

Ademais, elenco como objetivos específicos:

* realizar o levantamento das IES mineiras, por meio das mesorregiões do estado e do último quadriênio 2017-2020 (CAPES), nas quais a AD aparece no desenvolvimento das pesquisas (teses);

* reunir teses que possibilitem estruturar a AD à mineira;

* selecionar as sequências discursivas;

* construir o *corpus* de pesquisas e o desenvolvimento dos gestos analíticos;

* cartografar da AD praticada em solo mineiro.

Para dar conta dessa empreitada, a metodologia desenvolvida no balançar do pêndulo (cf. PETRI, 2013) possibilitou:

i) um primeiro estudo considerando a *AD à la française* a partir das três paixões de Pêcheux (paixão pela política, paixão pela língua e paixão pelas máquinas), discutidas por Leandro-Ferreira (2016); um segundo estudo sobre a AD à brasileira, atentando para os primeiros doutores formados por Eni Orlandi, de acordo com as informações do seu currículo, disponibilizado na plataforma *Lattes*¹⁵. A saber: Freda Indursky (terceira doutora), Maria Cristina Leandro Ferreira (sétima doutora) e Bethania Mariani (nona doutora). A tese dessas pesquisadoras foi escolhida em razão de sua importância para os estudos discursivos no Brasil, isto é, as três teses auxiliarão esta pesquisa a compreender os movimentos de institucionalização da teoria do discurso no país, bem como mostrará, a partir do *corpus*, para onde a AD olhava naquele momento.

ii) uma reflexão sobre a AD praticada em Minas Gerais pela qual se observou as IES nas quais a AD está institucionalizada por meio de ofertas de disciplinas, promoção de eventos da área e professores dos Programas vinculados ao GT de Análise de Discurso, da ANPOLL. Nesse sentido, a Universidade Vale do Sapucaí (UNIVÁS) pode ser considerada um forte espaço de fomento da AD pecheuxtiana em Minas Gerais, a partir do trabalho desenvolvido por Eni Orlandi e demais pesquisadores. Essa experiência vivida por Orlandi em Minas Gerais, a fez refletir sobre questões mineiras e, por isso, ela publicou textos como **Uma lenda urbana: o capeta de Borda da Mata** (ORLANDI, 2017), reflexão que possibilitou, ainda, compreender para onde os trabalhos mineiros olham a partir de seus objetos de análise.

¹⁵ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3674250332927722>. Acesso em: 01 jul. 2021.

- iii) uma discussão sobre a AD em Minas Gerais que se apresenta nas teses, ora mobilizada com exclusividade, ora conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s).
- iv) o mapeamento e a cartografia da AD à mineira.

O arquivo da pesquisa é composto por 24 (vinte e quatro) teses¹⁶, resultado de um processo de seleção para o qual seis critérios foram eleitos. São eles: i) IES que oferecem cursos pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Humanas, ii) IES que oferecem cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área de Estudos da Linguagem¹⁷, iii) IES que oferecem cursos pós-graduação *stricto sensu* na área de Estudos da Linguagem, com área de concentração e linha de pesquisa que abordam a categoria *discurso*, iv) linha de pesquisa na qual a AD foi convocada para o desenvolvimento das pesquisas, v) teses produzidas nas linhas de pesquisa, no último quadriênio 2017-2020 (CAPES), em que o termo *Análise de Discurso* apareceu nas palavras-chave, e vi) teses em que a AD pecheuxtiana foi mobilizada enquanto dispositivo teórico-metodológico.

Após essas etapas, dois grupos de teses foram estruturados:

Primeiro grupo – formou-se a partir de 17 (dezessete) teses nas quais a Análise de Discurso é mobilizada com exclusividade nas/pelas pesquisas.

Segundo grupo – constitui-se de 7 (sete) teses nas quais a Análise de Discurso aparece conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos na realização das pesquisas.

Assim, **dois mo(vi)mentos analíticos** puderam ser realizados no interior desses grupos:

O **primeiro mo(vi)mento** considerou os recortes discursivos realizados na introdução das teses, que estão organizados em sequências discursivas¹⁸ que compõem o *corpus* analítico.

O **segundo mo(vi)mento** assumiu a recorrência de textos teóricos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi mencionada nas referências bibliográficas das teses que também compõem o *corpus* analítico.

¹⁶ Dentre os diversos trabalhos desenvolvidos na Academia, há um entendimento comum de que a tese ocupa um espaço único na produção do conhecimento. Nesse sentido, dada a singularidade desse tipo de pesquisa, optou-se pela construção do arquivo deste trabalho a partir de teses.

¹⁷ O termo “Estudos da Linguagem” foi escolhido numa tentativa de contemplar o maior número possível de Programas de Pós-graduação que se dedicam aos estudos da linguagem, por exemplo: Programa de Pós-graduação em Letras, Programas de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, etc.

¹⁸ Concordamos com Courtine (2009) que sequências discursivas, orais ou escritas de dimensão superior à frase, são extraídas de um campo discursivo.

Para responder à questão de pesquisa, cumprir os objetivos elencados e propor o que estou chamando de AD à mineira, esta dissertação está organizada em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Para começo de prosa*, trata-se de uma introdução de pesquisa na qual me proponho a relatar os caminhos que me levaram até Minas Gerais, terra de Carlos Drummond de Andrade; e o início da minha trajetória acadêmica até meu encontro com a teoria materialista do discurso. Ademais, apresento¹⁹ o tema de pesquisa, a questão norteadora, os objetivos (geral e específicos) e os movimentos teórico-metodológicos do estudo.

No segundo capítulo, denominado *Do discurso à la française ao discurso à mineira: (per)cursos da análise de discurso*, promovo uma discussão sobre os (per)cursos da AD: desde a AD à la française, passando pela AD à brasileira até chegar na AD praticada em Minas Gerais, à mineira. Nessa seção, para além de qualquer marcação cronológica, reflito sobre algumas paixões que moveram Michel Pêcheux a desenvolver sua teoria e como ela chega ao Brasil e se desdobra em solo mineiro.

No terceiro capítulo, intitulado *Análise de Discurso: ora mobilizada com exclusividade, ora conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s)*, realizo uma discussão sobre a teoria do discurso que é mobilizada ou não com outras(os) teorias/estudos teóricos pelas pesquisas mineiras. Nessa seção, assim como nas outras, não pretendo aferir a AD de nenhum trabalho, mas, por meio deles, busco apreender como se dá a mobilização da teoria pecheuxtiana.

No quarto capítulo, chamado *No balançar do pêndulo: a construção do corpus e dos gestos analíticos*, proponho: a descrição da construção do arquivo e do *corpus*; o desenvolvimento dos gestos analíticos, levando em conta dois mo(vi)mentos no interior de cada um dos dois grupos de teses estruturados, o primeiro é aquele no qual a AD foi mobilizada com exclusividade, e, o segundo, no qual a AD compareceu conjugada a outras teorias e/ou estudos teóricos.

Por fim, no quinto capítulo, intitulado *Finalizando a prosa, por ora*, ao atender as injunções da escrita de pesquisa e colocar um ponto final nesta dissertação, proponho, ao compreender a mobilização do dispositivo teórico-metodológico da AD em Minas Gerais, uma cartografia da AD à mineira. Dessa forma, também proponho minha leitura da/sobre AD no estado mineiro, o que vem a contribuir com a teoria de Pêcheux, mas também instigar

¹⁹ Sobre este capítulo.

pesquisadores de outros campos disciplinares a olharem e, quiçá, cartografar sua teoria a partir de uma territorialidade e uma temporalidade, por exemplo.

2. DO DISCURSO À LA FRANÇAISE AO DISCURSO À MINEIRA: (PER)CURSOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste capítulo, não pretendemos refletir sobre os (per)cursos da AD a partir de uma cronologia determinada, por uma história linear que (de)marca um início e data seus acontecimentos. Por mais que a AD não seja uma via pavimentada, não é mais uma rua de chão batido (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2016) – embora, por vezes, repleta de obstáculos –, hoje não é mais urgente relatar os passos de fundação dessa teoria, porque os pesquisadores que nos antecederam, com suas pesquisas, desbravaram um caminho que levou a AD ao reconhecimento, sobretudo no Brasil, o que de certo modo, “facilita” nosso trabalho hoje. Diante disso, refletiremos sobre os (per)cursos da AD por meio de alguns movimentos na/da teoria, promovidos por quem a fundou e a segue, ocorridos tanto na França quanto no Brasil até seus desdobramentos no estado de Minas Gerais.

Ao começarmos pela **Análise de Discurso à la française** buscaremos refletir sobre três paixões de Pêcheux – paixão pela política, paixão pela língua e paixão pelas máquinas – flagradas em passagens de suas obras que, na leitura de Leandro-Ferreira (2016), atravessaram a vida e o fazer teórico do filósofo francês.

Em um próximo momento, a discussão que faremos sobre **Análise de Discurso à brasileira** será realizada a partir dos primeiros doutores formados pela Professora Eni Orlandi em solo brasileiro. Em nosso levantamento feito no currículo de Orlandi, disposto na plataforma *Lattes*, consta que Freda Indursky foi a terceira doutora formada, Maria Cristina Leandro Ferreira, a sétima doutora, e Bethania Mariani, a nona doutora, ou seja, essas pesquisadoras formadas no seio da AD representam a primeira geração de doutores em Análise de Discurso no Brasil e a elas todos os analistas de discurso (os já formados, os em formação e os que ainda virão), devem(os) muito. Olharemos, especialmente, para a introdução das três teses (gesto pelo qual construiremos nossos mo(vi)mentos analíticos no capítulo 4, *No balançar do pêndulo: a construção do corpus e dos gestos analíticos*) a fim de apreender a teoria do discurso mobilizada no país naquele período pelo qual foi-se construindo uma AD à brasileira, uma AD tão nossa, que em nada pode ser considerada uma cópia daquela praticada na França. Consideraremos, ainda, o SEAD que durante a escritura desta dissertação completa 18 (dezoito) anos de (re)existência e se apresenta em sua décima edição, com a temática “Entre memória e atualidade”, sob a coordenação geral da Professora Evandra Grigoletto, sediado na UFPE, estreando sua edição totalmente remota em razão da pandemia do novo coronavírus que, quase após dois anos de seu início, ainda amedronta o país.

Por fim, ao discutirmos sobre a AD praticada em território mineiro para propor o que estamos chamando de **Análise de Discurso à mineira**, olharemos: i) para o trabalho de Orlandi na Universidade Vale do Sapucaí (UNIVÁS) que ressoou (e ressoa) em outras Instituições; e, ii) para uma publicação dessa autora, **Uma lenda urbana: o capeta de Borda da Mata** (2017), que traz uma questão “mineira”, algo que impacta e estimula outras produções (artigos, dissertações e teses) a assumirem objetos de pesquisa que dizem de/sobre temáticas de Minas Gerais/dos mineiros e/ou dos pesquisadores que desenvolve(ra)m pesquisas nas terras montanhosas de Carlos Drummond de Andrade.

2.1. *Análise de Discurso à la française*

Michel Pêcheux foi um homem de muitas paixões. O que sustenta essa afirmação é a própria vida do filósofo que traduz bem as paixões que o moviam, seja enquanto cidadão francês atuante nos movimentos do Partido Comunista (PC) ou como pesquisador inquieto que fundou uma teoria na qual presentificou sua militância com seus gestos, suas palavras e seu discurso. Daqui a dois anos, completará 40 anos da morte de Michel Pêcheux, uma triste data que representa um vazio físico com o qual somos obrigados a conviver. Por outro lado, as paixões desse teórico não cessaram com sua partida, elas permanecem presentes em cada pesquisa, em cada gesto analítico promovido por aqueles que são afetados pela sua teoria.

Leandro-Ferreira (2016) nos apresentou ao propor três paixões de Pêcheux que, na visão dela, nos ajudam a compreender ainda mais sobre nossa teoria. Diferentemente da ordem de apresentação das paixões de Pêcheux proposta pela autora e assumindo todos os riscos e privilégios de uma escolha, proporemos uma organização das paixões que, no nosso entendimento, contemplam uma possível linearidade de atuação do sujeito-revolucionário-filósofo-teórico.

Começemos pela primeira paixão. Desde que assinava como Thomas Herbert, Pêcheux interessava-se pela política – **paixão pela política** – e a compreendia como prática que constitui as práticas sociais. No texto **Observações para uma teoria geral das ideologias** ([1968] 2015), o autor, sob seu pseudônimo, reflete sobre a ciência, dotada de parte técnica (estrutura) e parte política (acontecimento), que produz seu objeto atravessado pela ideologia (tipo A e tipo B). Vale destacar que a política tratada na/pela AD em nada se iguala à noção de política (geralmente, partidária) tão discutida, no senso comum, na contemporaneidade. Em outras palavras, “ao analista interessa ver como isso “a política” se materializa no discurso, compreender como um contexto de luta deixa de ser uma exterioridade, intrica-se na superfície

linguística e torna-se parte inexorável dos efeitos dos sentidos” (DORNELES, 2020, p. 232-233, acréscimo nosso).

A paixão pela política, interligada a tantas outras paixões de Pêcheux, contribui não só com a teoria, mas também com o analista que, nessa e em outras noções, encontra subsídios para realizar suas análises e, por isso, ter acesso ao(s) discurso(s).

No texto **Pêcheux, nossa bússola inspiradora** (LEANDRO-FERREIRA, 2016), ao adjetivar Pêcheux e seus interlocutores de “revolucionários”, a autora vai mencionar os movimentos de aproximação e afastamento de conceitos/pesquisadores (estruturalismo/Saussure, recepção/Chomsky, distribucionalismo/Harris, enunciação/Benveniste, teoria da comunicação e o par metáfora e metonímia/Jakobson, etc.) pelos quais nosso timoneiro (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2016) construiu seu objeto teórico. Nessa direção, e de acordo com nosso entendimento, aparece a segunda paixão de Pêcheux: **paixão pela língua.**

De acordo com Pêcheux ([1975] 2014, p. 81, grifos do autor), “a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados” [...]. Isto é, ao propor sua leitura sobre língua, Pêcheux destacou que a base linguística com a qual trabalha ele, teóricos pertencentes a outras teorias (materialista, idealista, etc.) e, até mesmo, aqueles que estão fora do campo teórico da AD, é a mesma. Entretanto, todos eles não possuem o mesmo discurso. Essa questão só foi possível porque Pêcheux propôs uma distinção entre língua (base linguística) e discurso (processo discursivo), sendo que ele considera que a língua é dotada de uma *autonomia relativa*²⁰, que se submete a leis internas, e que o discurso se desenvolve sobre a base dessas leis internas. Nesse sentido, desde então, podemos perceber como a questão da/sobre a língua foi cara ao filósofo, por isso, uma de suas paixões.

A “indiferença” da língua em relação à luta de classes, que de acordo com Pêcheux ([1975] 2014, p. 82, grifos do autor), “caracteriza a *autonomia relativa do sistema linguístico* e que, dissimetricamente, o fato de que as classes não sejam ‘indiferentes’ à língua se traduz pelo fato de que *todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*”, instigou o pesquisador a compreender a língua enquanto lugar material (dotado de sua estrutura morfológica, lexical, sintática e fonológica) movimentado por meio de determinações sócio-históricas interligadas às questões ideológicas. Pêcheux foi um apaixonado pela linguagem, mas o fato é que na/pela língua, ele mobilizou outras paixões. Nessa direção, podemos pensar, a partir de sua paixão pela língua, na paixão pela ideologia e na paixão pela luta de classes. Em

²⁰ Noção discutida por Michel Pêcheux e(m) seu grupo de estudos.

relação à primeira, reside aí o resultado do convívio de Pêcheux com Althusser, uma vez que o conceito althusseriano estimulou o analista de discurso a refletir sobre a AD e a (re)formular suas categorias analíticas (Formação Discursiva, Formações Ideológicas, Sujeito, etc.) cunhadas na/pela ideologia. Já em relação à paixão pela luta de classes, Pêcheux – enquanto comunista inconformado pela/com a interpelação da ideologia-burguesa-dominante – não se esquivou de jogar luz em questões caras à classe dominada e que, por isso, incomodava a classe dominante, tudo pelo viés da ideologia.

Por fim, a terceira paixão, agora de acordo com a organização de Leandro-Ferreira (2016), refere-se à **paixão pelas máquinas**. Denise Maldidier (2017) nos lembra que o terreno no qual emerge a Análise Automática do Discurso²¹ (AAD-69) era o mesmo da epistemologia e da crítica das ciências humanas e sociais, pelo qual foi possível a elaboração de uma análise *automática*, ou seja, “de um dispositivo técnico complexo informatizado, se inscreve em sua reflexão de então sobre as práticas e os instrumentos científicos” (MALDIDIER, 2017, p. 20). A paixão de Pêcheux pela maquinaria possibilitou que a “máquina discursiva” da AAD-69 se traduzisse, ainda de acordo com Maldidier, “na oficina que se apreende o objeto novo” (MALDIDIER, 2017, p. 23), ou seja, o discurso.

Essas paixões de Pêcheux (e tantas outras) lhe possibilitaram (re)significar o campo das Ciências Sociais e Humanas quando ele iluminou o jogo da ideologia. Não era mais plausível lidar apenas com os conhecimentos de linguagem existentes, compreender o discurso por meio de análises era possível. Pêcheux rompeu com a ideia de sujeito idealista, positivista, centro do universo; pelas lentes da ideologia, o sujeito da AD pode ser percebido, o que trouxe outros sentidos para o materialismo.

Pensar nas paixões de Pêcheux é algo tão complexo quanto é a AD. Poderíamos propor tantas outras paixões, mas preferimos, por ora, compreender AD *à la française* a partir dessas três paixões que dizem sobre essa teoria e seu teórico. Em relação à teoria, Leandro-Ferreira (2016) nos adverte que a AD não é um dogma, nem quem a pratica é um servo. Em outras palavras, o *assujeitamento* de que trata a AD não possui nenhuma semelhança com a noção ordinária de subserviência.

Já em relação ao teórico, Maldidier nos lembra que:

Michel Pêcheux não é nem o homem da tábua-rasa nem o “inventor” de uma linguística materialista, nem eclética, aquele que faz seu mel de qualquer flor. **É um filósofo que se tornou linguista, sem deixar de ser filósofo.** Este pensador sempre pensou a partir dos outros, com ou contra os outros. Ele não parou de ler e re-ler. Não

²¹ (cf. VENTURINI; PETRI, 2019).

qualquer coisa. Ele teve a surdez de sua geração, antes de se abrir a outros horizontes [...] (MALDIDIER, 2017, p. 110, grifos nossos).

E, por fim, em seu livro-depoimento, ela não deixa escapar que a “tenacidade, generosidade são duas palavras que me vêm no momento em que termino esta apresentação. Michel Pêcheux foi um ‘obreiro’, como dizemos na montanha, um semeador de ideias, de projetos, de programas” (MALDIDIER, 2017, p. 111).

Há muitas maneiras de refletir sobre a **Análise de Discurso à la française**. Em nosso gesto de leitura, buscamos compreender a AD à la française a partir das paixões Pêcheux, entendendo-as enquanto combustível que proporcionou força e coragem ao filósofo na empreitada pela fundação e reconhecimento de sua teoria. Sabemos que com isso tantas outras paixões ficaram de fora. Há muito a ser dito sobre a AD na/da França, mas não pretendemos fazer isso. Nesse momento, nos interessa, para finalizar essa discussão, apontar algo que chamou nossa atenção sobre a AD francesa e que nos ajuda a compreender um pouco a AD à brasileira, nossa próxima discussão.

Na obra **Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade**, Leandro-Ferreira faz uma constatação importante. Segundo a autora,

a história da Análise do Discurso na França, em seu início, foi uma história política de engajamento, que não mais foi retomada pelas análises de discurso vigentes desde então. Mas ela continua lá, ainda que “no armário”, produzindo mesmo assim certo desconforto e mal-estar. Nesse sentido, quando se fala no percurso da Análise de Discurso Francesa, a referência a Michel Pêcheux se impõe, ainda que ninguém se detenha mais no quadro teórico construído à época por ele e seu grupo. Isso quer dizer que noções como **formação discursiva, formações ideológicas, interdiscurso, pré-construído, discurso transversal, memória discursiva** se perderam na poeira do tempo e raramente são empregadas nas análises em curso. Se quisermos ver tais noções em funcionamento e produtivamente empregadas na análise de distintas materialidades discursivas, há que se ficar no Brasil, que continua sendo considerado [aqui e lá fora] como o lugar mais representativo dessa linha pecheutiana (LEANDRO-FERREIRA, 2008, p. 137-138, grifos da autora).

De acordo com Leandro-Ferreira (2008), compreendemos que a AD produzida na França pode ser marcada em dois períodos: o primeiro, de sua fundação, na efervescência do final dos anos 60 até o início dos anos 80; já o segundo, após o desaparecimento do fundador, em 1983, e que se estende até os dias atuais. Ademais, ainda de acordo com a citação anterior, entendemos nossa responsabilidade com essa teoria praticada no Brasil, que, conforme já dissemos, não é um simulacro da francesa e não funciona por aqui como um “puxadinho teórico” (cf. ORLANDI, 2017) da AD praticada em seus dois momentos na França. O que há

no Brasil é uma teoria que impõe a referência ao fundador, coloca questões às demandas brasileiras por meio de suas várias noções e, por isso, não aceita estar no “armário de guardados”. Isto é, o que temos no Brasil é uma **Análise de Discurso à brasileira** na qual Pêcheux “não sobrevive, ele vive” (LEANDRO-FERREIRA, 2008, p. 138).

2.2. Análise de Discurso à brasileira

O trabalho do “obreiro” não se limitou à França ou à Europa. Ele segue afetando analistas de discurso, sobretudo no Brasil, e demais pesquisadores dos estudos da linguagem, bem como de outras áreas do conhecimento (cf. HARB, 2021).

Nesta seção, apreender a AD mobilizada em solo nacional também seria possível por diversas frentes. Entretanto, com toda ilusão da escolha, resolvemos refletir sobre **Análise de Discurso à brasileira** por dois vieses. No primeiro, consideraremos as teses desenvolvidas pelas primeiras doutoras em AD formadas por Eni Orlandi (Freda Indursky²², Maria Cristina Leandro Ferreira²³ e Bethania Mariani²⁴), com o foco para algumas passagens na introdução das teses que, no nosso entendimento, nos ajudarão a compreender a teoria no momento de formação da primeira geração de analistas de discurso brasileiros. O segundo viés refere-se ao SEAD²⁵, enquanto evento pecheuxtiano que conta, no batimento da memória e atualidade, a teoria de Pêcheux para o Brasil e para o mundo.

Começaremos pelo trabalho de Freda Indursky (1992), intitulado *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira República Brasileira (1964-1984)*²⁶, que de imediato nos mostra uma questão cara à AD e à pesquisadora: o discurso político. Em outras palavras, Indursky se propôs a examinar o discurso presidencial, considerando a IIIª República Brasileira, pelo qual analisou o funcionamento do discurso

²² Tese *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira República Brasileira (1964-1984)* (1992).

²³ Tese *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade do equívoco* (1994).

²⁴ Tese *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989)* (1996).

²⁵ A primeira edição do evento aconteceu em novembro de 2003 e teve como tema *Análise de Discurso e Michel Pêcheux – uma relação de nunca acabar*, o “SEAD iniciou, portanto, como uma homenagem ao fundador e principal formulador da Análise do Discurso (AD), cuja teoria reflete e ressoa nos constantes embates materializados pela relação entre a língua, a história e o sujeito”. Em 2021, o evento completa 18 (dezoito) anos, e está em sua décima edição, com o tema *SEAD: entre memória e atualidade*, sediado, desde 2015, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/xsead>. Acesso em: 01 dez. 2021.

²⁶ Anos depois, em 1997, a partir dessa tese, Freda Indursky publicou a primeira edição do livro **A Fala dos Quartéis e As Outras Vozes**, pela Editora da UNICAMP.

autoritário. As páginas²⁷ desse trabalho, na mesma medida em que revelam o tempo no qual ele foi construído, mostram a envergadura da pesquisa de Indursky que partiu dos questionamentos:

(1) existem regularidades que percorrem os discursos de todos os presidentes militares? Tais regularidades, caso existam, podem ser entendidas como responsáveis pela manutenção de um mesmo discurso ao longo do ciclo militar, daí o resultando o discurso da IIIª República Brasileira? (2) existem diferenças entre os discursos dos presidentes militares? Tais diferenças, se por ventura existam, assinalariam transformações no discurso da ditadura? E, nesse caso, como interpretar tais modificações? Seriam elas início da inexistência de um discurso único? (3) Transformações podem coexistir com regularidades? (INDURSKY, 1992, p. 2-3).

Por essas perguntas e de acordo com nosso gesto de leitura, podemos perceber que a mobilização da AD, realizada na/pela tese de Indursky, se dá ligada à constituição da teoria e que, no Brasil, desde o início dos anos 1990, já toca(va) em questões que interessa(va)m aos analistas de discurso brasileiros. Ao se debruçar sobre o discurso autoritário que evoca os discursos político (presidencial) e militar de uma dada época brasileira, a pesquisadora, certamente, não imaginou que, no ano de 2021, prestes a completar 30 (trinta) anos de sua pesquisa, suas perguntas estariam tão oportunas e atuais ao momento sócio-histórico do/em nosso país.

Dois anos após a finalização de tal pesquisa, Maria Cristina Leandro Ferreira (1994) defendeu a tese *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade do equívoco* pela qual se trabalhou a resistência da língua em região fronteira: da Análise do Discurso com os conceitos afins da área, da ambiguidade com as demais noções correlatas, e, da Sintaxe com o Discurso. O trabalho de entremeio, do objeto-fronteira, das divisões disciplinares institucionalizadas, de acordo com nosso entendimento, colabora com pesquisas da atualidade que se propõem a trabalhar (n)o entremeio a partir dele mesmo.

Além disso, ao empreitar uma discussão que tomou a ambiguidade e o equívoco enquanto constitutivos da língua (paixão de Pêcheux), a pesquisadora vai mostrar que “a linguagem não é uma” (LEANDRO-FERREIRA, 1994, p. 2) e que, portanto, no terreno da AD, esses conceitos ganham outros contornos, são apreendidos por vias que são as mesmas de outros campos teóricos.

Por fim, Bethania Mariani (1996) defendeu a tese *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989)* que tocou em duas questões importantes: o discurso político (sobre o Partido Comunista Brasileiro – PCB) e o jornalístico (mídia impressa). Compreender como se deu o funcionamento do discurso jornalístico-político pelo

²⁷ O programa *Word Paradox* foi utilizado na produção da tese de Indursky (1992).

qual a imprensa, à época, produziu um imaginário sobre o comunismo ligado à memória *sobre* ser comunista, além de ser uma discussão importante à pesquisadora, e que se estende à sua família, é algo que desde sempre interessou aos estudos discursivos do/no Brasil.

De acordo com a Mariani:

Durante décadas, para grande parte do mundo ocidental, incluindo-se o Brasil, o comunismo foi representado como uma ameaça aos valores estabelecidos. No cinema, TV, imprensa, obras ficcionais e tratados sociológicos, a propaganda anti-comunista, ou melhor, anti-soviética, nunca deixou de se fazer ver e ouvir, veiculando um imaginário imposto pelo modelo político e econômico capitalista. Obviamente, essa estratégia silenciadora jamais impediu que os partidos comunistas e socialistas fossem fundados em todos os continentes, inaugurando uma forma de oposição política que tomava como base um outro modelo de economia e de sociedade. As palavras *direita* e *esquerda* caracterizavam, e ainda caracterizam, distintas concepções sociais e econômicas, resultantes de modelos políticos diferentes (MARIANI, 1996, p. 16-17, grifos da autora).

Ou seja, temos aí mais uma tese que colocou questões necessárias pelas quais a homogeneidade ideológica foi desestabilizada, considerando uma dada época brasileira e de acordo com as condições de produção vigentes.

A tese dessas três pesquisadoras nos ajudam a compreender a AD mobilizada na/pela primeira geração de doutores que se formaram na ciência do discurso, pela qual se deve “estabelecer uma relação de consistência entre a teoria, o método, os procedimentos e o objeto” (ORLANDI, 2017, p. 38). No texto **Análise de Discurso e a contemporaneidade científica**, presente na obra **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**, Eni Orlandi (2017), em nota de rodapé, vai nos lembrar que, durante o SEAD/2011, Paul Henry, em sua fala, referiu-se ao fato de que Pêcheux visava à ideologia e não o discurso e, sobre essa questão, ela fez duas observações:

Primeiro, que é muito comum na história da ciência, que o que se descobre não é o que se mira como alvo principal, mas, sim, parte do que se procura, e, segundo, e mais relevante, que a importância de Pêcheux está em justamente perceber que para pensar a ideologia era preciso colocar em jogo a linguagem. Daí sua aproximação dos linguistas, daí a formulação de um novo objeto nas ciências da linguagem e, em consequência, pelo seu modo de formulação, nas ciências humanas: **o discurso, pensado junto à ideologia** (ORLANDI, 2017, p. 38, grifos nossos).

De acordo com nossa leitura, acreditamos que resida aí, em nossos grifos, a noção de discurso para a Análise de Discurso. Ou seja, o objeto teórico, desenvolvido por Pêcheux, não pode ser pensado dispensando a ideologia. Portanto, na mobilização da AD, convocada na realização de cada pesquisa, em cada gesto interpretativo realizado no balançar do pêndulo (cf. PETRI, 2013), a ideologia não pode ser esquecida, colocada de lado. Ao olharmos para as teses

de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Bethania Mariani, observamos o quão forte se apresenta a reflexão que lança luz às questões ideológicas.

Indursky (1992), na seção 2.1 – *O Materialismo Histórico*, vai discorrer sobre essa área do conhecimento desde a formulação proposta por Marx e Engels, passando pelas reflexões desenvolvidas por Althusser até chegar a crítica à concepção de ideologia feita por Pêcheux, para fundamentar a teoria do discurso. Leandro-Ferreira (1994), da mesma forma, questionará a ideologia para desenvolver sua reflexão sobre a ambiguidade e o equívoco. Por fim, para Mariani (1996) a questão da/sobre a ideologia é cara no sentido de que é por meio dela que o discurso imaginário do comunismo brasileiro, promovido pela mídia impressa à época da ditadura, será refletido²⁸.

Ademais, essas três pesquisas nos ajudam ainda a entender as materialidades e os discursos problematizados pelas pesquisas do presente. Ou seja, os trabalhos de hoje olham para as questões da atualidade, mas sem abrir mão das sólidas pesquisas que os antecedem, eles não se esquivam de considerar a ideologia, questão cara à Pêcheux e, portanto, presente no (per)curso da teoria, bem como nas noções analíticas.

Na direção de seguir tecendo uma reflexão sobre a AD à brasileira, o SEAD se apresenta muito mais do que um evento²⁹ da/sobre AD. Ele nos auxilia a apreender essa teoria no batimento do passado e do presente. No entanto, não nos deteremos ao evento em sua totalidade, isto é, não olharemos para todas as edições do SEAD porque, certamente, esse movimento nos exigiria um fôlego enorme. Assumiremos, “apenas”, o livro que resulta da primeira edição do evento e o livro produzido a partir de trabalhos apresentados na nona edição, da qual participamos e discorremos no capítulo anterior.

A obra **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**³⁰ (2005), organizada por Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, resultado do primeiro SEAD que aconteceu na UFRGS, em 2003, ano que marcou 20 (vinte) anos do desaparecimento de Pêcheux, assinala o início de um projeto (idealizado por Maria Cristina Leandro Ferreira) que, desde a primeira edição, já mostrou sua relevância ao fomentar um terreno de discussões de/sobre Análise de Discurso.

²⁸ Um esclarecimento: essa discussão que fizemos foi realizada a partir de nossa leitura sobre a noção de ideologia trazida na parte introdutória dos trabalhos. No entanto, a reflexão empreitada pelas autoras sobre ideologia está presente em todo o percurso das teses.

²⁹ Além do SEAD, destacamos a importância do SEDISC (Seminário Discurso, Cultura e Mídia). Trata-se de um grande evento realizado por diversos analistas de discurso e que congrega distintos grupos de pesquisa em Análise de Discurso pertencentes à Programas de Pós-graduação de diferentes Instituições de Ensino Superior.

³⁰ Agradecemos imensamente à Professora Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva, da PUC Minas, que no primeiro semestre de 2020 nos apresentou com essa valiosa obra.

Essa obra é composta por duas partes. A parte I, intitulada **A Análise de Discurso (França e Brasil): percursos, singularidades, reinvenções**, reúne 4 (quatro) textos, escritos, respectivamente, por Jean-Jacques Courtine, Michel Plon, Françoise Gadet e Eni Orlandi, pelos quais a discussão é cotejada por questões que demarcam a AD na/da França e a AD no/do Brasil. No texto, **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**, Eni Orlandi (2005) problematizou a questão da “Escola” da Análise de Discurso, nomenclatura que até hoje demarca uma territorialidade dessa teoria, e que, no entendimento da autora, ao fazer uso da expressão “Escola” de análise de discurso francesa, por exemplo, “se privilegiaram certos lugares e depois se falaria de ‘recepção’, de ‘influência’, etc. nos outros” (ORLANDI, 2005, p. 76). Entretanto, ainda segundo a analista, ao ser realizada num determinado lugar, a ciência é produzida com a força e a especificidade de sua tradição. Nesse sentido, “o Brasil é, sem dúvida, um desses lugares em que a ciência da linguagem tem sido produzida com grande capacidade de descoberta e de elaboração” (ORLANDI, 2005, p. 76).

Já a parte II do livro, nomeada **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso (Brasil): múltiplos olhares, novas leituras**, reúne 29 (vinte e nove) textos que mostram a “capacidade de descoberta e de elaboração” da AD do lado de cá do Atlântico, dentre os quais destacamos as produções de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Verli Petri, Gesualda Santos Rasia, Ana Zandwais, José Horta Nunes, Fabiele De Nardi, Cláudia Castellanos Pfeiffer, autores importantes para nossa teoria.

Esse livro também é potente porque traduz a AD praticada no Brasil, desde sua chegada, por meio do trabalho de Eni Orlandi, até o início dos anos 2000, mais precisamente até 2005, ano da publicação do livro. As reflexões realizadas, os objetos de análise mobilizados, os conceitos analíticos, etc. presentes nos textos apontam à AD daquele momento, o que, de certo modo, nos ajuda, inclusive a compreender a AD praticada nos dias atuais.

Não pretendemos fatiar a AD produzida no Brasil, mas compreender como a teoria **do curso, do percurso e do movimento** move-se nos brasis de nosso país. Nessa direção, o livro **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil** (2021), organizado por Evandra Grigoletto, Fabiele De Nardi e Helson Flávio da Silva Sobrinho, traz uma coletânea de textos, dentre eles, o de Freda Indursky, resultado do trabalho dela apresentado no SEAD/2019, que apresenta um panorama de como está a AD no Brasil da atualidade. Os textos que compõem esse livro revelam alguns dos objetos de análise assumidos pelas pesquisas atuais: *fake news*, revolução feminista, funcionamento das *hashtags*, relação mulher-mídia, etc; ou seja, se apresenta aí as novas materialidades sobre as quais a AD é posta em movimento.

Voltamos ao texto de Indursky (2021), intitulado **Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da Análise do Discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico**, porque, para além de sua relevância aos estudos discursivos, esse texto (em 2019, no IX SEAD, ainda um trabalho em fase de desenvolvimento) foi o combustível primordial para que esta pesquisa de mestrado fosse desenvolvida. Indursky refletiu sobre como a “aventura teórica” da AD nos dois lados do oceano Atlântico, sobretudo no Brasil, foi institucionalizada e disciplinarizada por meio da tradução dos textos de Michel Pêcheux, da liderança e autoria de Eni Orlandi, da formação expressiva de pesquisadores em AD e do SEAD.

Dito de outro modo, Indursky mostrou, por meio de um mapa sugestivo, a presença da AD que praticamos no Brasil devido à presença firme da teoria em regiões e estados brasileiros, bem como em Instituições de Ensino Superior (IES). E sobre a AD no/do Brasil, discutida pela analista gaúcha, concordamos com Mariani e Medeiros (2013) que

de qualquer maneira, qualquer que seja a discussão sobre Análise de Discurso, esta não se dará sem Eni P. Orlandi e Michel Pêcheux, autores que demonstraram a relevância da construção de um lugar teórico e de um método próprio para a construção de dispositivo de análise sobre o funcionamento da linguagem em sua relação constitutiva com o histórico-ideológico. A Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio que está sempre retornando e reinvestigando seus fundamentos ao mesmo tempo em que sua reflexão desloca e reterritorializa conceitos vinculados aos campos teóricos com os quais dialoga: a linguística, mais especificamente a teoria da enunciação tomada de um ponto de vista não subjetivo; o materialismo histórico, enquanto teoria das formações sociais e suas transformações; e, também, a psicanálise, base para se compreender o sujeito dividido, uma vez que o homem não é senhor de sua morada, como afirma Freud (MARIANI; MEDEIROS, 2013, p. 23, grifos nossos).

Ou seja, temos no Brasil um lugar forte de representação da AD, na qual, Michel Pêcheux e Eni Orlandi (e tantos outros brasileiros analistas de discurso) funcionam como uma bússola inspiradora. A isto, portanto, podemos chamar de **Análise de Discurso à brasileira** que se desdobrará em cada unidade da federação assumindo questões particulares, contornos singulares.

2.3. Análise de Discurso à mineira

Antes de iniciarmos esta seção, elencamos algumas perguntas na tentativa de propor uma possível definição para o que estamos chamando de **Análise de Discurso à mineira**. Sem o objetivo de elucidar uma linha divisória na AD à brasileira, por entendermos que isso não seria nem um pouco produtivo, nos questionamos: i) A AD à mineira pode ser compreendida

como aquela realizada, apenas, no estado de Minas Gerais? Ou seja, a demarcação geográfica seria suficiente para tal definição?; ii) AD à mineira é aquela que analisa, somente, as materialidades provenientes das condições de produção mineiras? Isto é, tão somente *corpus* de pesquisa construídos a partir de questões mineiras compõem a definição regional de Análise de Discurso que estamos propondo?

Acreditamos que a resposta para essas perguntas pode ser positiva, entretanto, algumas considerações precisam ser tecidas. Como já vimos, no Brasil, a teoria do discurso fundada por Pêcheux é sólida e firme, mas não é estanque. Prova disso, para além da teoria em si, são as inquietações no próprio interior do campo dos que fazem AD, diríamos, uma AD nos moldes inaugurados pelo fundador. Epistemologicamente, sobre essa questão, Orlandi (2017, p. 41, grifo da autora) afirma que a “práxis da análise de discurso exige uma *virada* (nos estudos da significação)”. Considerando, portanto, a necessidade de uma *virada* que incide nas novas condições de produção de discurso e novas formas de assujeitamento, a autora propõe três conjuntos de considerações:

i) o primeiro diz respeito ao modo como uma ciência se constitui em seu campo; ii) o segundo diz respeito à conjuntura histórica em que isso se dá. E toca os elementos que condicionam seu campo de validade: como os modos históricos de assujeitamento, a materialidade discursiva, a língua, o discurso; iii) o terceiro implica o modo mesmo da análise que se instala e nos conceitos chave que se mobilizam [...] (ORLANDI, 2017, p. 41).

A autora significa *virada* como “ser atentos à teoria, elaborar procedimentos analíticos, formular questões e trabalhar em seu desenvolvimento” (ORLANDI, 2017, p. 42). E não realiza essa discussão considerando uma possível virada na análise de discurso que assume as unidades federativas do Brasil; no entanto, por meio dessa reflexão, podemos pensar na AD à brasileira, difundida em todos os estados do país, no caso de nossa pesquisa, em Minas Gerais, enquanto aquela que preserva seu objeto teórico (o discurso: *efeito de sentidos entre locutores*) e considera os possíveis objetos de análise (de várias naturezas). Em outras palavras, a virada proposta por Orlandi – a conjuntura teórica, a conjuntura histórica e os tipos de análise – é a inauguração de um novo campo de questões da Análise de Discurso que a leva a novas indagações. Nesse sentido, podemos pensar na AD à mineira enquanto aquela que vai além de sua demarcação territorial porque é impossível concebê-la desmembrada de uma AD maior, a brasileira; bem como aquela que assume ou não objetos de análises tipicamente mineiros porque a regionalidade da materialidade não é fator unívoco para que a teoria seja posta em movimento.

O fato é que, de acordo com nosso entendimento, é impossível compreender a AD à mineira sem considerar o trabalho da pesquisadora Eni Orlandi. Não nos referimos, tão somente, ao seu trabalho para o Brasil e os analistas de discurso brasileiros, mas ao trabalho desenvolvido por ela em uma IES mineira, na qual criou um Programa de pós-graduação.

Dividimos a atuação de Orlandi em Minas Gerais em dois momentos. O primeiro refere-se ao trabalho dela enquanto professora/coordenadora/pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Vale do Sapucaí (UNIVÁS), localizada na cidade mineira de Pouso Alegre, no sul do estado. Já o segundo momento refere-se aos frutos desse trabalho, em especial, o texto **Uma lenda urbana: o capeta de Borda da Mata** (2017), no qual Orlandi mobiliza uma questão mineira.

Durante a escrita desta dissertação, Orlandi não atua mais na referida IES, no entanto, seu trabalho segue ressoando não apenas na fria Pouso Alegre e no sul do estado de Minas Gerais, mas em diversas instituições mineiras que se debruçam sobre o discurso (conforme veremos no item 4.1. *A construção do arquivo*). Dentre suas várias ações na UNIVÁS, Orlandi, formou doutor e vários mestres, organizou periódicos, promoveu eventos e, em 2012, inaugurou o importante Centro de Documentação Denise Maldidier³¹ (CEDDEM), um centro complementar do Núcleo de Pesquisa em Linguagem, que foi organizado para reunir material bibliográfico e de *corpus* sobre os estudos em Ciência da Linguagem.

Essa rápida menção ao trabalho desenvolvido por Orlandi na UNIVÁS ou, caso fizéssemos, uma descrição detalhada da atuação dela, nada conseguiria traduzir a significância de Orlandi para AD desenvolvida em solo mineiro. Dito de outro modo, nossa timoneira plantou, nas terras férteis do sul do estado (local propício à plantação, inclusive de café), a Análise de Discurso, aquela que é francesa, é brasileira, e por aqui, nas Minas Gerais, também é mineira.

A *mineirice* que se entrecruza com AD que praticamos em Minas Gerais comparece, igualmente, nas produções científicas. Prova disso, é a fantástica lenda urbana do Capeta da Borda da Mata que é contada, sobretudo, nas fronteiras do rural, das cidades de Borda da Mata/MG e Tocos de Moji/MG. A pequena história de caráter fabuloso sobre o Mal, personificado na figura do capeta, mas que também envolve padre, religiosidade e assombração compõem fortemente o imaginário dos cidadãos mineiros dessa região e que, por isso, compareceu na reflexão de Orlandi que passou pelas noções de narratividade, sujeito, Outro, performatividade.

³¹ Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/menu/ceddem.asp>. Acesso em: 01 set. 2021.

Essa produção de Orlandi nos mostra como a AD foi (e continuará) sendo desdobrada nesse estado: tocando em questões (mineiras ou não) que afetam os afetados (também mineiros ou não) por essa teoria.

3. ANÁLISE DE DISCURSO: ORA MOBILIZADA COM EXCLUSIVIDADE, ORA CONJUGADA COM OUTRA(S) TEORIA(S) E/OU ESTUDO(S) TEÓRICO(S)

Há pesquisadores que associam os estudos pecheutianos à psicanálise, assim como há os que associam Pêcheux e Marx. Há aqueles que associam Pêcheux e Foucault e os que praticam uma AD pecheutiana aliada à reflexão de Rancière. Outros, ainda, aproximam Pêcheux aos estudos enunciativos. São pesquisadores que reivindicam uma teoria materialista para produzir reflexão e análises. Por outro lado, há analistas de discurso que trabalham com outros teóricos como Bakhtin, Maingueneau, Charaudeau, Fairclough. Ou seja: **o campo brasileiro de análise de discurso** é muito heterogêneo, mas todas essas diferentes linhas teóricas apresentam algo em comum: reivindicam o **discurso** como seu objeto de estudo (INDURSKY, 2021, p. 35, grifos da autora).

A epígrafe com a qual iniciamos este capítulo nos dá um parâmetro da configuração diversa do *campo brasileiro de análise de discurso* e, sobre essa questão, concordamos com Indursky (2021) que, nesse campo, cada pesquisa – alinhada aos interesses do pesquisador e à(s) teoria(s) que a alicerça(m) – busca reivindicar, ao seu modo, seu objeto de análise a partir do objeto teórico, o discurso. Entretanto, neste capítulo, nos interessa discutir, unicamente, a Análise de Discurso Pecheutiana em movimento nas pesquisas brasileiras, com foco nas teses mineiras que compõem nosso arquivo, nas quais a AD comparece, ora mobilizada com exclusividade, ora conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s).

Nos anos 1970, a AD de filiação a Michel Pêcheux já se fazia presente no Brasil nos cursos ministrados por Eni Orlandi na Universidade de São Paulo (São Paulo) e na PUC Campinas (Campinas), mas a notoriedade dessa teoria só ganhou contornos robustos quando a professora passou a atuar no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Campinas), a partir de 1979 – momento no qual diversos mestres e doutores foram formados, dentre eles, Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Bethania Mariani – e, já em 1984, houve a criação do Grupo de Trabalho de Análise de Discurso na Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). A formação de mestres e doutores, sob a orientação de Orlandi, naquele primeiro momento, foi primordial para a

institucionalização da teoria em nosso país – o que pode ser compreendido na/pela aventura teórica da AD³² (cf. INDURSKY, 2021) nos brasis do Brasil.

O fato é que, desde que passou a ser uma realidade no solo científico brasileiro, o objeto teórico da AD – o discurso – recebe tratamentos distintos. Sobre essa questão, desviando da ideia de pensar a ciência em sua periodicidade e de etiquetar a AD, Orlandi vai propor outra forma *externa* de se pensar essa teoria e faz isso apoiada em dois critérios.

O primeiro diz respeito à própria constituição da AD, enquanto aquela disciplina de *entremeio* (cf. ORLANDI, 2017) constituída em debate com a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo como seus *campos metafóricos* (ORLANDI, 2015). Essa tríade difere da Linguística por considerar a língua sujeita à falha; da Psicanálise por também considerar a ideologia e não tão somente o inconsciente; do Materialismo por considerar não só a contradição, mas a metáfora e o equívoco nas análises. Dessa forma, temos dentro do próprio grupo de Pêcheux, o *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), nuances da AD, entretanto nenhuma desvia do fundamento dessa teoria: o discurso enquanto “*efeito de sentidos* entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 82, grifos do autor). Ainda segundo Orlandi, essas nuances no interior da AD também se deram, um pouco mais tarde, no Brasil.

Em outras palavras, é comum encontrarmos pesquisas e pesquisadores que tendem a recobrir mais a Linguística, a Psicanálise ou o Materialismo, mas sem perder de vista o discurso, lugar no qual a ideologia será percebida. No capítulo seguinte, *No balançar do pêndulo: a construção do corpus e dos gestos analíticos*, nosso arquivo, composto por 24 (vinte e quatro) teses, foi dividido em dois grupos. No primeiro, 17 (dezesete) teses mobilizaram somente a AD na realização das pesquisas. Já no segundo grupo, 7 (sete) teses trouxeram a AD conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s). O modo pelo qual essas teses mineiras colocaram a teoria Pecheuxtiana em movimento nos interessa no sentido de que, por meio desse gesto, estruturaremos aquilo que estamos denominando de Análise de Discurso à mineira. Contudo, ressaltamos que não nos interessou olhar para o primeiro grupo de teses com o propósito de apreender a porcentagem do comparecimento da Linguística, da Psicanálise ou do Materialismo, por acreditarmos que tal ação desviaria nosso foco do objetivo primário desta pesquisa. Por outro lado, entendemos que está aí uma possibilidade de pesquisa futura.

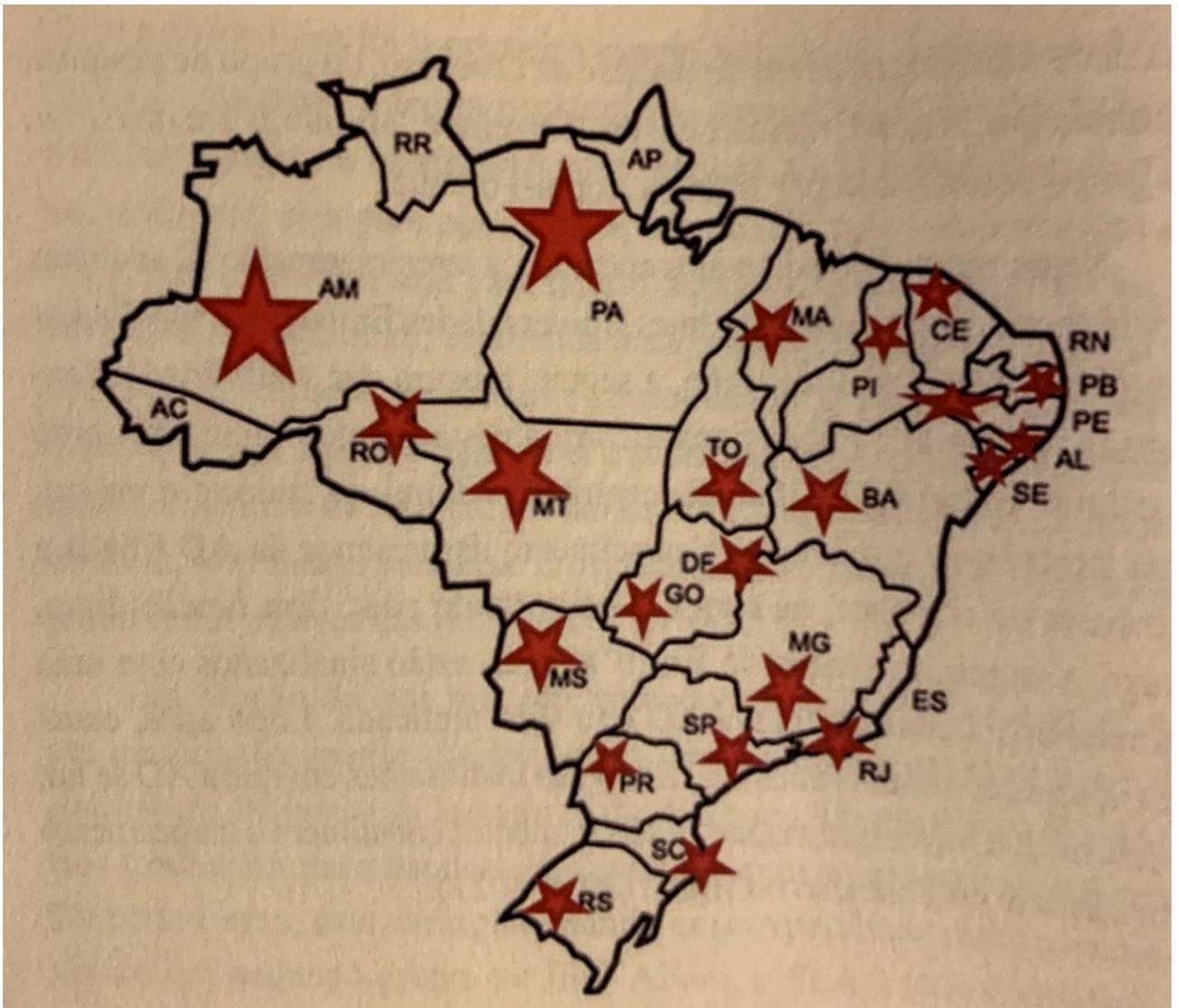
O segundo critério de Orlandi versa sobre as diferentes modalidades de AD praticadas, sobretudo no Brasil, já que, na leitura da autora, “trata-se dos sentidos dados e da natureza atribuída à noção de ‘*exterioridade*’, que é a pedra de toque da Análise de Discurso, onde as

³² A aventura teórica da Análise de Discurso Francesa fora da França, tão firme no Brasil, também é uma realidade há muito tempo em diversos países (cf. RAUS, 2021).

diferenças se explicitam, e onde a questão da *ideologia* é, ou não, considerada, ou modificada, ou só aludida e silenciada” (ORLANDI, 2021, p. 82).

O fato é que com afeto ou sem afeto, a Análise de Discurso afeta; e, por isso, em nosso país, ela segue, cada vez mais, se construindo como a nossa AD. A imagem seguinte (Figura 6), retirada do texto **Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da Análise do Discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico**, de Indursky (2021), dá conta de nos mostrar um levantamento sobre os estados brasileiros em que a AD tem sido praticada (conjugada ou não com outras teorias), considerando o período de 2019-2021.

Figura 6 – Mapa da Análise do Discurso no Brasil



Fonte: Indursky, 2021, p. 30.

Nesse trabalho, Indursky (2021), além de cartografar a AD no Brasil, organizou uma lista das Instituições nas quais essa teoria é praticada. Esse gesto da pesquisadora assumiu como

base as mais recentes listagens do Grupo de Trabalho em Análise de Discurso, da ANPOLL, e do SEAD. Pela cartografia, podemos perceber a presença unânime da AD nas regiões sul e centro-oeste, a presença quase total nas regiões sudeste e nordeste, bem como a sua expansão na região norte.

Embora tenhamos um recorte geográfico pontual, não pretendemos nos debruçar sobre a lista de Instituições mineiras organizada por Indursky por entendermos que os caminhos que percorremos para mapear a AD (os quais serão descritos detalhadamente no capítulo seguinte) podem diferir do da pesquisadora, posto que os critérios de seleção são diferentes; contudo, tanto nós quanto Indursky temos o mesmo objetivo: cartografar a Análise de Discurso. Ela num enorme esforço pelo qual contemplou o território nacional e nós assumindo a teoria, exclusivamente, em Minas Gerais.

Em seu texto, a autora vai reforçar que

é preciso mapear as noções que foram formuladas ao longo desses anos e que estão dispersas nas diferentes dissertações, teses e artigos científicos bem como em coletâneas produzidas nas mais diferentes universidades brasileiras. Essa é a tarefa que urge realizar para que possamos perceber com clareza a produção brasileira da AD. **Só assim, saberemos com exatidão sobre a atualidade dessa aventura discursiva em terras brasileiras** (INDURSKY, 2021, p. 34, grifos nossos).

As palavras de Indursky (2021) mostram o longo caminho de possíveis frentes de trabalho que podem e precisam ser assumidas pelos analistas de discurso brasileiros porque, “ao atravessar o Atlântico, a AD desterritorializou-se para reterritorializar-se no Brasil, trazendo consigo seu traço questionador” (INDURSKY, 2021, p. 35); ou seja, a reterritorialização da AD no Brasil representa uma infinidade de possibilidades de pesquisas que se abrem para a/na teoria que se ocupa **do curso, do percurso e dos movimentos**. Em razão também disso, essa teoria – que em nada pode ser entendida como uma disciplina de modelo pronto e acabado, pela qual se aplicam automaticamente as mais variadas análises – tem em sua natureza, a interrogação: para si e para o mundo. A interrogação enquanto *movência* (*movência teórica*) que (nos) prova que a AD não ficou “congelada no tempo ou subserviente a um modelo fixado pelo mestre e, por essa razão, intocável inquestionável” (INDURSKY, 2021, p. 35).

Nessa direção, temos em solo brasileiro, o que, de certo modo, se estende às unidades federativas, uma teoria ligada à sua origem, mas sem se fechar nela/a ela e que, ao ser forjada em nosso país, tem características que não escondem o tom que a demos. Isto é, “uma AD que

não hesita em convocar outros autores para juntar-se aos textos fundadores. Essa é a marca do dispositivo teórico da Análise de Discurso Brasileira” (INDURSKY, 2021, p. 36).

Assim se fez/faz AD no Brasil: ora mobilizada com exclusividade, ora conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s). Dentre as mais variadas conjugações da AD com outros saberes, destacamos a força da AD conjugada com a História das Ideias Linguísticas (HIL) presente nas pesquisas brasileiras. Sobre essa questão, Harb (2021) dedicou um capítulo de sua dissertação, intitulado *Um pouco mais sobre Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas*, no qual ela reflete sobre essa junção, conferindo o reconhecimento aos autores nacionais e internacionais que se debruçam sobretudo na HIL, e como ela é desdobrada nas mais diversas IES brasileiras e se materializa nas pesquisas; ademais, aponta para a História das Ideias Discursivas, frente de pesquisa de Eni Orlandi que, de acordo com Harb (2021, p. 36), “é uma área da História das Ideias pensada a partir da História das Ideias Linguísticas”.

O professor José Horta Nunes, um analista de discurso que faz história das ideias linguísticas³³, em seu texto *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas* (2008) mostrou como se deu tal articulação (no Brasil, a partir do grupo de pesquisa coordenado pela Professora Eni Orlandi; na França, com a equipe de pesquisadores liderada Sylvain Aurox) que não acontece por vias da interdisciplinaridade e/ou complementares; mas por um ponto no qual reside em uma visão histórica da ciência, as “ciências da linguagem”. Segundo o autor,

a AD e a HIL têm seus métodos específicos, mas a partir do contato entre esses dois domínios e das questões que um coloca ao outro, temos ressonâncias tanto em uma quanto em outra direção. A denominação ciências da linguagem, no plural, marca a perspectiva de se considerar os estudos da linguagem na diversidade em que eles se apresentam no tempo e no espaço (NUNES, 2008, p. 109, grifos nossos).

Dois campos do saber que ao serem articulados não visam se complementar, uma vez que nenhum está em falta; o que temos são os estudos da linguagem sendo produzidos a partir de distintas teorias. Nessa mesma direção, poderíamos perceber a articulação da AD com outras teorias/estudos teóricos. Mas, por ora, podemos afirmar que, seja qual for o modo pelo qual a AD seja posta em movimento – com exclusividade e/ou articulada –, ela se dará ligada à origem, relacionada ao lugar na qual esteja, sem complementar ou sendo complementada, e jamais estanque. Ela seguirá, portanto, incomodando.

³³ Diversos brasileiros analistas de discurso que fazem história das ideias linguísticas se denominam assim.

4. NO BALANÇAR DO PÊNDULO: A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* E DOS GESTOS ANALÍTICOS

Antes de apresentarmos os caminhos assimétricos, como as montanhas de Minas Gerais, percorridos para construir o *corpus*, faz-se necessário retomar algo que agitou nossa pesquisa antes mesmo de iniciá-la. Trata-se de uma preocupação referente ao desenvolvimento do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso, algo que num primeiro momento soou amargo como jiló à mineira, mas que após leituras, discussões e reflexões³⁴ tornou-se mais suave como o *cafezim* mineiro passado na hora em filtro de pano, mas sem abrir mão do aroma e do sabor forte, intenso e marcante.

Desde a educação básica, e também durante a graduação, somos instruídos a desenvolver pesquisas que se apropriam de teorias para aplicá-las em suas análises e, a partir disso, obter uma conclusão fechada em si, um resultado acabado. Esse entendimento nos condiciona a compreender que todo e qualquer dispositivo teórico é passível de aplicabilidades. E é comum chegarmos à Academia com essa concepção. No entanto, quando nos deparamos com o fazer teórico-metodológico da AD, percebemos um grande desafio no sentido de que o objeto discursivo não é dado. É preciso converter a superfície linguística em um objeto teórico e passar o objeto teórico para o processo discursivo. Isto é, “há necessidade, na análise de discurso, de uma passagem da noção de ‘função’ à de ‘funcionamento’ e da construção de um dispositivo analítico baseado na noção de efeito metafórico” (ORLANDI, [1999] 2005, p. 66).

O texto **O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso**, de Verli Petri (2013), no qual nos inspiramos para intitular este capítulo, é fundamental para a compreensão da constituição e do funcionamento do dispositivo de análise em AD, praticada no território brasileiro; também é importante porque marca nosso primeiro encontro com a analista de discurso Verli Petri. Nesse texto, a pesquisadora elege dois ditos já cristalizados em nosso discurso de analista, “A Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio” e “O dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso se constrói num movimento pendular entre teoria e análise”, para refletir sobre a construção teórico-metodológica da/na AD. Se apropriando do pêndulo e observando seus funcionamentos para além da metáfora simples explicada pelo material “pêndulo”, a autora aponta para o vaivém do objeto enquanto algo que

³⁴ Agradeço imensamente ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pela oportunidade que me foi concedida de cursar a disciplina *Sujeito e Discurso – módulo I*, na condição de aluno especial, sob orientação da Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira.

tem peculiaridades no movimento; precisa considerar a imperfeição da mobilidade; agrega e desprende sentidos, reiterando e transformando-os via movimento (PETRI, 2013, p. 47).

O balanço pendular que se produz entre teoria e análises nos ajuda ainda a refletir sobre as condições de produção em que o vaivém acontece, bem como sobre o comportamento do analista frente ao seu trabalho, enquanto aquele que constrói seu dispositivo analítico e atende às injunções da escrita científica ao colocar um ponto final em sua pesquisa, por exemplo, mesmo sabendo que se trata de um efeito provisório de fim. Partindo desse entendimento, construiremos nosso dispositivo teórico-metodológico: no balançar do pêndulo.

4.1. A construção do arquivo

Orientados pela nossa questão de pesquisa, a qual retomamos: **Como o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso é mobilizado em teses, da área de Letras, desenvolvidas em Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior no estado de Minas Gerais-BR?**, nosso gesto de leitura e interpretação começou a partir de uma pesquisa geral, o que resultou nas seleções que fizemos para organizar o arquivo composto por 24 (vinte e quatro)³⁵ teses da área de Letras, desenvolvidas em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, localizadas em Minas Gerais, durante a vigência do último quadriênio 2017-2020 (CAPES). No total foram realizadas seis etapas de seleção, para as quais elegemos critérios (conforme descreveremos na sequência) que auxiliaram na busca e na construção do arquivo.

Após as etapas de seleção, conseguimos estruturar dois grupos de teses.

Primeiro grupo – formou-se a partir de 17 (dezessete) teses nas quais a Análise de Discurso é mobilizada com exclusividade nas/pelas pesquisas.

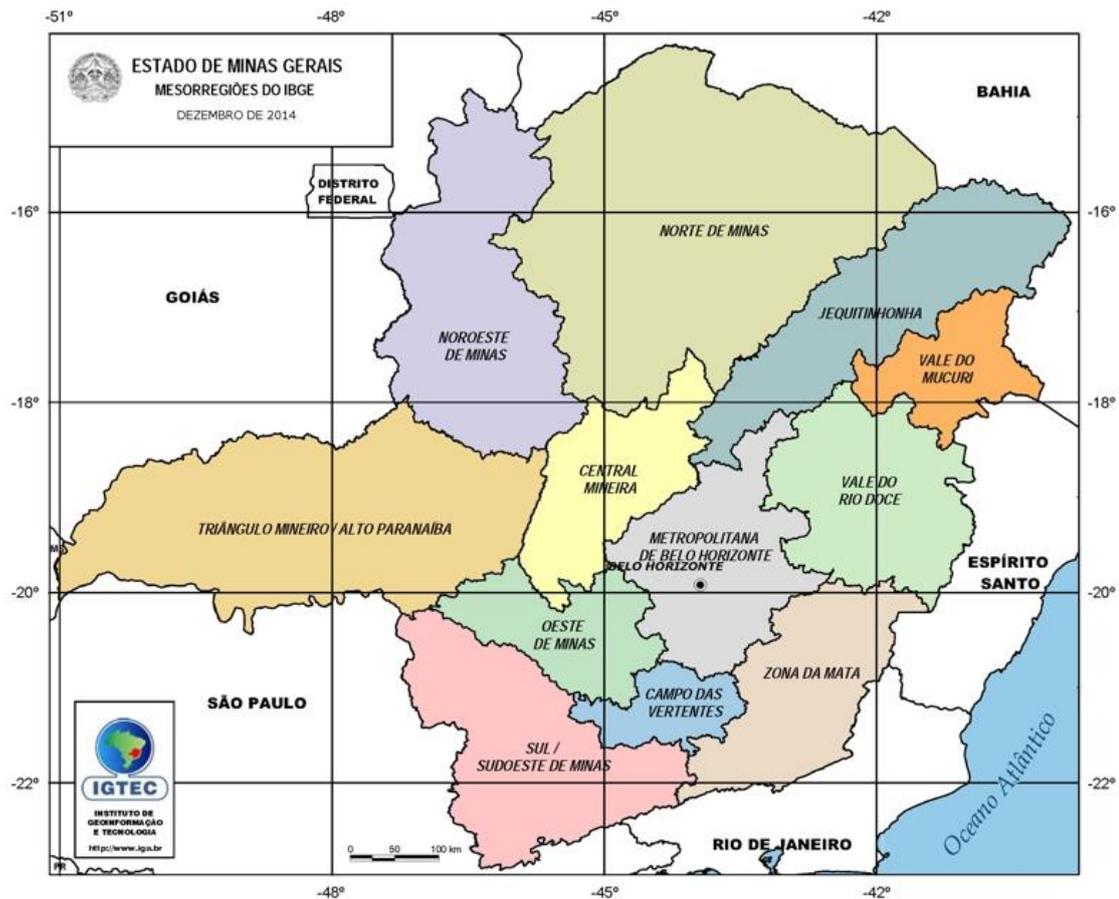
Segundo grupo – constitui-se de 7 (sete) teses nas quais a Análise de Discurso aparece conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos na realização das pesquisas.

No primeiro momento da construção do arquivo, considerando o território mineiro e o recorte cronológico, nosso interesse voltou-se para a seleção das IES públicas, federais e estaduais, e privadas que oferecem cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Humanas. Para isso, foi utilizada a plataforma *Google* e a busca se deu considerando as

³⁵ A apresentação dos números será feita da seguinte maneira: após a apresentação do número ordinal, o respectivo número por extenso estará mencionado dentro de parênteses.

mesorregiões do estado de Minas Gerais: Norte de Minas, Noroeste de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Central Mineira, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Oeste de Minas, Metropolitana de Belo Horizonte, Zona da Mata, Campo das Vertentes, e Sul/Sudoeste de Minas, conforme nos mostra, abaixo, o mapa político do estado mineiro.

Figura 7 – Mesorregiões de Minas Gerais



Fonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2021.

Nessa etapa, construímos o Quadro 1 que aponta para um total de 20 (vinte) IES que oferecem cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Humanas. Dessa totalidade, 2 (duas) são privadas e 18 (dezoito) são públicas, sendo 2 (duas) estaduais e 16 (dezesseis) federais. Considerando as mesorregiões, alcançamos o seguinte resultado: 5 (cinco) IES localizadas na Metropolitana de Belo Horizonte, 2 (duas) IES sediadas no Norte de Minas, 3 (três) IES situadas na Zona da Mata, 4 (quatro) IES posicionadas no Sul/Sudoeste de Minas, 3 (três) IES localizadas no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, 2 (duas) IES sediadas no Campos das Vertentes e 1 (uma) IES posicionada no Jequitinhonha. As mesorregiões Vale do Mucuri,

Noroeste de Minas, Central Mineira, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas não sediam nenhuma IES.

Quadro 1 – IES e as mesorregiões mineiras

Nº	Instituições de Ensino Superior	Sigla	Classificação das IES	Mesorregiões do Estado de Minas Gerais
01	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	CEFET-MG	Pública (Federal)	Metropolitana de Belo Horizonte
02	Instituto Federal do Norte de Minas Gerais	IFNMG	Pública (Federal)	Norte de Minas
03	Instituto Federal do Sudeste de Minas	IF SUDESTE MG	Pública (Federal)	Zona da Mata
04	Instituto Federal do Sul de Minas	IFSULDE MINAS	Pública (Federal)	Sul/Sudoeste de Minas
05	Instituto Federal do Triângulo Mineiro	IFTM	Pública (Federal)	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
06	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC Minas	Privada	Metropolitana de Belo Horizonte
07	Universidade do Estado de Minas Gerais	UEMG	Pública (Estadual)	Metropolitana de Belo Horizonte
08	Universidade Estadual de Montes Claros	Unimontes	Pública (Estadual)	Norte de Minas
09	Universidade Federal de Alfenas	Unifal-MG	Pública (Federal)	Sul/Sudoeste de Minas
10	Universidade Federal de Itajubá	UNIFEI	Pública (Federal)	Sul/Sudoeste de Minas
11	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Pública (Federal)	Zona da Mata
12	Universidade Federal de Lavras	UFLA	Pública (Federal)	Campos das Vertentes
13	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Pública (Federal)	Metropolitana de Belo Horizonte
14	Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	Pública (Federal)	Campos das Vertentes
15	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Pública (Federal)	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

16	Universidade Federal de Viçosa	UFV	Pública (Federal)	Zona da Mata
17	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Pública (Federal)	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba
18	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Pública (Federal)	Jequitinhonha
19	Universidade Federal Ouro Preto	UFOP	Pública (Federal)	Metropolitana de Belo Horizonte
20	Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	Privada	Sul/Sudoeste de Minas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Num segundo momento, nos propusemos a selecionar quais dessas 20 (vinte) IES possuem curso de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Linguagem. A partir desse critério, consultamos o *site* de cada Instituição e conferimos todos os Programas ofertados. De posse dos resultados, percebemos que 8 (oito) Instituições precisaram ser retiradas de nosso arquivo por não contemplarem o critério desta segunda seleção: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Instituto Federal do Sudeste de Minas (IF SUDESTE MG), Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Assim, conseguimos estruturar o Quadro 2 que apresenta 12 (doze) IES e os Programas em Estudos da Linguagem com sua(s) respectiva(s) área(s) de concentração e linha(s) de pesquisa.

Quadro 2 – Programas de pós-graduação em Estudos da Linguagem

Nº	Instituições de Ensino Superior	Sigla	Área/s de Concentração	Linha/s de Pesquisa
01	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	CEFET-MG	Tecnologias e Processos Discursivos	1) Literatura, Cultura e Tecnologia; 2) Discurso, Mídia e Tecnologia; 3) Linguagem, Ensino, Aprendizagem e Tecnologia; 4) Edição, Linguagem e Tecnologia
02	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC Minas	1) Linguística e Língua Portuguesa; 2) Literaturas de	1) Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas; 2) Linguagem e Atividade Cognitiva Humana; 3) Leitura, Escrita e Oralidade na

			Língua Portuguesa	Educação Básica (Linha de interseção entre Linguística e Literatura); 4) Trânsitos literários: produção, tradução, recepção; 5) Percursos da Literatura: histórias, críticas, teorias
03	Universidade Estadual de Montes Claros	Unimontes	Estudos Literários	1) Tradição e Modernidade; 2) Literatura, Identidade e Fronteiras; 3) Leitura Literária: representações do autor e do leitor
04	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Linguística	1) Linguagem e Humanidades; 2) Linguística e Cognição
05	Universidade Federal de Lavras	UFLA	Linguagem, Cultura e Sociedade	1) Estudos Analítico-Discursivos da Língua/Linguagem e suas Tecnologias; 2) Objetos Culturais e Produção de Sentidos
06	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	1) Linguística Teórica e Descritiva; 2) Linguística do Texto e do Discurso; 3) Linguística Aplicada	1) Estudo da Variação e Mudança Linguística; 2) Estudos da Língua em Uso; 3) Processamento da Linguagem; 4) Estudos Linguísticos baseados em Corpora; 5) Estudos Formais de Língua; 6) Estudos do Texto e da Textualização; 7) Análise do Discurso; 8) Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras; 9) Estudos da Tradução; 10) Linguagem e Tecnologia; 11) Ensino do Português
07	Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	Teoria Literária e Crítica da Cultura	1) Discurso e representação Social; 2) Literatura e Memória Cultural
08	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada	1) Teoria, Descrição e Análise Linguística; 2) Linguagem, Sujeito e Discurso; 3) Linguagem, Ensino e Sociedade
09	Universidade Federal de Viçosa	UFV	1) Estudos Linguísticos; 2) Estudos Literários	1) Literatura, Cultura e Sociedade; 2) Linguística Aplicada: Formação de Professores e Ensino e Aprendizagem de Línguas; 3) Estudos do Texto e do Discurso

10	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Linguagens e Letramentos	1) Estudos da Linguagem e Práticas Sociais; 2) Estudos Literários
11	Universidade Federal Ouro Preto	UFOP	Estudos da Linguagem	1) Linguagem e Memória Cultural; 2) Tradução e Práticas Discursivas; 3) Linguística Aplicada: interfaces entre práticas e teorias
12	Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	Educação, Conhecimento e Sociedade	1) Ensino, Linguagem e Formação Humana; 2) Educação e Tecnologia: inovação, ferramentas e processos; 3) Políticas Públicas e Gestão

Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo com a construção do arquivo, no terceiro momento, nosso critério se pautou na seleção das IES que oferecem curso pós-graduação *stricto sensu* na área de Estudos da Linguagem com área de concentração e linha de pesquisa que abordam a categoria *discurso*. Nesta fase, entendemos *discurso* enquanto categoria mobilizada em diversas áreas dos Estudos Linguísticos, sem o compromisso específico com determinada teoria. Dizendo de outra maneira, o termo *discurso* foi considerado dispensando a necessidade de uma adjetivação teórica. Para esse fim, verificamos o *site* de cada um dos doze Programas para observar informações sobre disciplinas ofertadas, ementas dessas disciplinas, propagandas de eventos e áreas afins. A seguir, o Quadro 3 mostra os resultados dessa seleção.

Quadro 3 – Linha(s) de pesquisa que aborda(m) a categoria *discurso*

Nº	Instituição de Ensino Superior	Sigla	Área de Concentração	Linha/s de pesquisa que aborda/m o discurso
01	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	CEFET-MG	Tecnologias e Processos Discursivos	Discurso, Mídia e Tecnologia
02	Pontifícia Universidade de Minas Gerais	PUC Minas	Linguística e Língua Portuguesa	Linguagem e Enunciação: interações sociais e práticas discursivas
03	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Linguística	Linguagem e Humanidades
04	Universidade Federal de Lavras	UFLA	Linguagem, Cultura e Sociedade	1) Estudos Analítico-Discursivos da Língua/Linguagem e suas Tecnologias; 2) Objetos Culturais e Produção de Sentidos

05	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Linguística do Texto e do Discurso	Análise do Discurso
06	Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	Teoria Literária e Crítica da Cultura	Discurso e Representação Social
07	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada	Linguagem, Sujeito e Discurso
08	Universidade Federal de Viçosa	UFV	Estudos Linguísticos	Estudos do Texto e do Discurso
09	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Linguagens e Letramentos	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais
10	Universidade Federal Ouro Preto	UFOP	Estudos da Linguagem	1) Linguagem e Memória Cultural; 2) Tradução e Práticas Discursivas
11	Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	Educação, Conhecimento e Sociedade	Ensino, Linguagem e Formação Humana

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao final dessa terceira etapa, a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) foi retirada da seleção porque seu Programa de pós-graduação é centrado, exclusivamente, nos Estudos Literários. Suas linhas de pesquisa “Tradição e Modernidade”, “Literatura, Identidades, Fronteiras” e “Leitura Literária: Representações do autor e do leitor” objetivam estudos comparados com literatura de outras nacionalidades; estudos sobre a tradição e a renovação na literatura brasileira; estudos sobre manifestações identitárias na literatura brasileira; estudos sobre a leitura literária, representações do autor e da personagem leitora; diálogos entre a literatura brasileira, o ensino e a formação do leitor crítico, etc. Com isso, nosso quadro de IES passou de doze para o total de onze Instituições.

Percebemos, ainda, que a Universidade Federal de Lavras e a Universidade Federal de Ouro Preto estavam representadas no quadro por duas linhas de pesquisa que abordam o termo *discurso*: Estudos Analítico-Discursivos da Língua/Linguagem e suas Tecnologias, Objetos Culturais e Produção de Sentidos, da UFLA; e, Linguagem e Memória Cultural, Tradução e Práticas Discursivas, da UFOP. Diante disso, e com o objetivo de delimitar nosso arquivo, buscamos observar quais dessas linhas de pesquisa convocam a Análise de Discurso, de qualquer vertente teórica, para o desenvolvimento das pesquisas.

Para a quarta fase, elegemos a Análise de Discurso enquanto termo macro no qual se contempla diversas frentes dos estudos discursivos: Análise Crítica do Discurso, Análise de

Discurso Francesa, Análise Dialógica do Discurso, etc. A partir disso, estruturamos o Quadro 4 que apresenta as onze IES representadas, respectivamente, por uma única linha de pesquisa.

Quadro 4 – IES representadas por uma única linha de pesquisa

Nº	Instituição de Ensino Superior	Sigla	Área de Concentração	Linha de Pesquisa que aborda a Análise de Discurso
01	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	CEFET-MG	Tecnologias e Processos Discursivos	Discurso, Mídia e Tecnologia
02	Pontifícia Universidade de Minas Gerais	PUC Minas	Linguística e Língua Portuguesa	Linguagem e enunciação: interações sociais e práticas discursivas
03	Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Linguística	Linguagem e Humanidades
04	Universidade Federal de Lavras	UFLA	Linguagem, Cultura e Sociedade	Objetos Culturais e Produção de Sentidos
05	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Linguística do Texto e do Discurso	Análise do Discurso
06	Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	Teoria Literária e Crítica da Cultura	Discurso e representação Social
07	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada	Linguagem, Sujeito e Discurso
08	Universidade Federal de Viçosa	UFV	Estudos Linguísticos	Estudos do Texto e do Discurso
09	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Linguagens e Letramentos	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais
10	Universidade Federal Ouro Preto	UFOP	Estudos da Linguagem	Tradução e Práticas Discursivas
11	Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	Educação, Conhecimento e Sociedade	Ensino, Linguagem e Formação Humana

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a quinta fase, nosso interesse voltou-se para a seleção de teses produzidas nas referidas linhas de pesquisa, no último quadriênio 2017-2020 (CAPES), em que o termo Análise de Discurso apareceu nas palavras-chave. Mais uma vez, elegemos esse termo sem o compromisso com qualquer teoria. A partir desse critério, foi consultado o banco de teses de cada uma das onze Instituições e todos os trabalhos tiveram suas palavras-chave observadas.

Nessa etapa, 5 (cinco) IES foram retiradas de nosso arquivo porque seu Programa não oferece curso de doutorado, apenas mestrado. A saber: Universidade Federal de Lavras

(UFLA), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Universidade Federal Ouro Preto (UFOP). A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), embora disponha de curso de doutorado, foi retirada do arquivo porque não localizamos no banco de teses da Instituição nenhuma tese que cumprisse o critério desta seleção e nem das próximas. Seguimos, portanto, com 5 (cinco) IES.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a quantidade de trabalhos selecionados em cada IES na quinta etapa, perfazendo um total de quarenta teses.

Tabela 1 – Primeira seleção de teses

Instituição de Ensino Superior	Sigla	Quantidade de Teses
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	CEFET-MG	04
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC Minas	12
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	01
Universidade Federal de Uberlândia	UFU	07
Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	16

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda sobre a quinta etapa, dois momentos precisam ser pontuados. O primeiro refere-se aos filtros de busca solicitados durante a seleção de teses na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Diferentemente de todos os outros repositórios das IES mencionadas/assumidas nesta pesquisa, o repositório de teses da UFMG solicitou que o nome do(a) professor(a) orientador(a) fosse mencionado nos filtros. Diante desse desafio, elegemos enquanto critério de seleção a seguinte pergunta: Quais dos professores que atuam no Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN), da UFMG, são membros da ANPOLL, vinculados ao GT de Análise de Discurso? Apareceram dois nomes: o da professora Helcira Maria Rodrigues de Lima e o do professor Luiz Francisco Dias³⁶. No entanto, conseguimos prosseguir com a seleção das teses na Universidade Federal de Minas Gerais observando, apenas, os trabalhos orientados pela professora porque o professor Luiz Francisco Dias atua na área de concentração (3), do POSLIN/UFMG, na linha de pesquisa (3D), Ensino do Português,

³⁶ Em 2018, o Prof. Luiz Francisco Dias criou o GT Semântica e Estudos Enunciativos, da ANPOLL, que “como objetivo promover a interação de pesquisadores que desenvolvem estudos linguísticos a partir de abordagens da enunciação”. Esse GT reúne diversas linhas de pesquisa, dentre elas, destacamos: Enunciação e sujeito; abordagens histórico-sociais; Aspectos antropológicos da enunciação; Fundamentos epistemológicos do campo enunciativo. Vale destacar, ainda, que o Prof. Luiz Francisco Dias segue filiado ao GT de Análise de Discurso. Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/semantica-e-estudos-enunciativos/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

que aborda ensino e a aprendizagem da língua portuguesa, o que, a *priori*, se distancia do objetivo maior da construção do nosso arquivo: selecionar teses assumidamente pecheuxtianas. As pesquisas desenvolvidas no âmbito dessa linha, em que atua o professor, focalizam:

(i) o conceito de interlíngua, no intuito de estudar a interface entre o ensino de português e o ensino de línguas estrangeiras, sob a orientação teórica da sociolinguística; (ii) aspectos da enunciação que favoreçam o desenvolvimento de uma gramática voltada para o ensino da língua materna; (iii) aspectos da pesquisa sobre léxico voltadas para o ensino; (iv) estudos sobre leitura e escrita no ensino médio e fundamental (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021).

O segundo ponto que merece ser esclarecido refere-se a uma constatação que fizemos ao elegermos como critério o termo Análise de Discurso presente nas palavras-chave das teses. Diante disso, nosso objetivo maior era olhar para as palavras-chave, entretanto, foi inevitável passar pelos resumos dos trabalhos sem lê-los. A partir desse nosso gesto, verificamos que muitos trabalhos, embora não apresentassem o termo escolhido por nós, mencionavam no resumo que o aparato teórico-metodológico eleito era da AD pecheuxtiana. Decidimos, então, seguir com essas teses em nosso arquivo, uma vez que elas contemplam o critério da sexta fase, apesar de não atenderem integralmente ao critério da quinta etapa.

Diante disso, fizemos os seguintes questionamentos: Qual(is) critério(s) é(são) levado(s) em consideração pelos sujeitos-autores no momento de eleger as palavras-chave da tese? A(s) teoria(s) assumida(s) na pesquisa precisa(m) comparecer nas palavras-chave? Quais os efeitos de sentidos possíveis ao dizer ou suprimir a teoria enquanto uma das palavras-chave? Não pretendemos responder essas questões nesta pesquisa, mas ela nos aguça a desenvolver reflexões futuras³⁷.

Na sexta fase da construção do arquivo, fizemos uma busca que assumiu como critério a seleção de teses nas quais a Análise de Discurso, exclusivamente, de vertente francesa ou pecheuxtiana, como preferimos, foi mobilizada enquanto dispositivo teórico-metodológico, ora convocada unicamente, ora conjugada com outra(s) teoria(s) e/ou estudos teóricos. Para essa tarefa, foi observado o resumo de cada trabalho a fim de perceber se esse critério foi contemplado. Após isso, estruturamos o Quadro 5 que reúne 24 (vinte e quatro) teses, incluindo a IES na qual elas foram desenvolvidas, o título das teses, o ano da defesa/publicação, o nome do(a) autor(a) e o nome do(a) professor(a) orientador(a).

³⁷ A escrita de pesquisa (cf. RODRIGUES, 2018), autoria na perspectiva da AD, plágio discursivo, citações discursivas, são temáticas sobre as quais cogitamos nos debruçar futuramente.

Quadro 5 – Teses selecionadas

Instituição de Ensino Superior	Sigla	Tese	Ano	Autor(a)	Orientador(a)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC Minas	Pertença ou não pertença: análise dos discursos de alunos cotistas do curso de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas	2017	Adenize Costa Acioli	Hugo Mari
		A identidade do professor em formação projetada no discurso de documentos oficiais da educação brasileira	2017	Tatiane Chaves Ribeiro	Jane Quintiliano Guimarães Silva
		Agir docente, representações sociais e desenvolvimento de capacidades letradas na educação básica	2019	Regina Aparecida de Moraes	Maria Angela Paulino Teixeira Lopes
		O pesquisador em formação e o trabalho com a linguagem na escrita acadêmico-científica: a construção de um posicionamento autoral	2019	Ana Paula Martins Corrêa Bovo	Jane Quintiliano Guimarães Silva
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Gênero e Militância: a gestão das distâncias e a disputa por sentidos no discurso da Marcha das Vadias	2019	Bruna Toso Tavares	Helcira Maria Rodrigues de Lima
Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Os sujeitos discursivos nas canções de Chico Buarque nos períodos ditatorial e democrático	2017	Maria Irenilce Rodrigues Barros	Cleudemar Alves Fernandes
		A Linguística Geral de Émile Benveniste como um acontecimento no espaço político-simbólico da Linguística: língua, cultura, personalidade	2019	Érica Daniela de Araújo	Carmen Lucia Hernandes Agustini
		Práticas de leitura e de escrita de alunos surdos na escola regular: das posições-sujeito a seus efeitos discursivos	2020	Onilda Aparecida Gondim	Ernesto Sérgio Bertoldo

Universidade Vale do Sapucaí	UNIVÁS	A (des)estabilização de sentidos para corpo-e-sujeito inscritos pela sexualidade e pelo gênero: efeitos de ruptura	2017	Lidia Noronha Pereira	Telma Domingues da Silva
		“Filosofia de botequim”: o discurso da malandragem resistente no Samba de Aaulfo Alves	2018	Francisco Antonio Romanelli	Andréa Silva Domingues
		Estudo da Articulação do Porta-Voz na Ressignificação das Alianças do Velho Testamento	2018	Alice Perucchetti Orrú	Renata Chrystina Bianchi de Barros
		Gestos de ensino-aprendizagem entre os sujeitos e o conhecimento nos processos de escrita - Ensino fundamental e médio	2018	Maraísa Rodrigues da Silva Borba	Maria Onice Payer
		Legislação e Escola Laica: o (contra)ditado	2018	Ellissa Castro Caixeta de Azevedo	Newton Guilherme Vale Carrozza
		Silêncio e arquivo no discurso literário	2018	Carina Adrielle Duarte de Melo Figueiredo	Joelma Pereira de Faria
		Narrativas Oraís e Discurso Fantástico - Versões e Sentidos nos Casos de Baependi, Sul de Minas	2018	Daianna Brasília de Araújo Pompeu	Maria Onice Payer
		Discurso e Ensino: as Leis Nº 10.639/03 E 11.645/08 no livro didático de História	2018	Cássio Silva Castanheira	Andrea Silva Domingues
		As campanhas publicitárias e a materialidade do discurso neoliberal do/no ensino superior privado	2018	Guilherme Marques Pereira	Newton Guilherme Vale Carrozza
		Discursos sobre/do sujeito idoso gay no espaço digital: formulação e circulação	2020	Cleyton Antônio Costa	Luciana Nogueira

		Espaço e sentidos na produção de café no Brasil e em Minas Gerais: uma análise das entrelinhas	2020	Fernando Alberto Facco	Paula Chiaretti
		Campanhas de Vacinação, dengue e câncer de boca: sentidos em circulação em propagandas do Ministério da Saúde	2020	Simone Catarina Silva Archanjo	Juliana de Castro Santana
		O movimento escola sem partido: silenciamento e litígio discursivo	2020	Michele Correa Freitas Soares	Luciana Nogueira
		O não saber, pré-requisito ou barreira para saber? Efeitos de sentido em redações de vestibular do IF Sul de Minas	2020	Sérgio Murilo Lucas	Joelma Pereira de Faria
		Sentidos de maternidade no discurso digital	2020	Erika Kress	Paula Chiaretti
		Sentidos de gestor e de gestão em instituições públicas e privadas: aproximações e diferenciações	2020	Aline de Fátima Chiaradia Valadão Rennó	Paula Chiaretti

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao final da sexta etapa, cogitamos a possibilidade de estabelecer outros critérios, a fim de construirmos um arquivo com um número menor de teses, sobretudo por entendermos que 24 (vinte e quatro) trabalhos nos exigiria um fôlego maior para desenvolver as análises. No entanto, resolvemos seguir com essa quantidade para, de fato, construirmos alguns contornos do que pretendemos denominar como AD à mineira.

A seguir, a Tabela 2 apresenta a síntese do processo de seleção que fizemos. A AD na terra de Carlos Drummond de Andrade será pensada e proposta a partir de 24 (vinte e quatro) teses da área de Letras, desenvolvidas durante a vigência do quadriênio 2017-2020 (CAPES), nos Programas de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS).

Tabela 2 – Seleção final de teses

Instituição de Ensino Superior	Quantidade de teses
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	04
Universidade Federal de Minas Gerais	01
Universidade Federal de Uberlândia	03
Universidade Vale do Sapucaí	16

Fonte: Elaborado pelo autor.

As 24 (vinte e quatro) teses selecionadas foram organizadas em dois grupos. Dessa forma, o segundo grupo foi organizado a partir de trabalhos desenvolvidos em três das quatro IES apresentadas na Tabela 2. Quais são: 4 (quatro) teses (PUC Minas), 1 (uma) tese (UFMG) e 2 (duas) teses (UFU).

Com base nisso, nossa análise se deu em **dois mo(vi)mentos**³⁸ no interior de cada grupo de teses.

No **primeiro mo(vi)mento**, o *corpus* foi construído a partir de recortes feitos na introdução das teses, os quais estamos chamando de sequências discursivas (SDs), que assumiu como critério as marcações linguístico-discursivas que apontam como a AD foi mobilizada, por meio de: *corpus* de pesquisa, conjugada (ou não) com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s), autores convocados e/ou categorias analíticas eleitas a serem postas em movimento para o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas.

Compreendemos o conceito de recorte tal como foi discutido por Orlandi (1984, p. 14), ou seja, “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Segundo a autora, o conceito de recorte, que designa uma unidade discursiva e diferente de segmentação, não é caracterizado pela linearidade da formulação do esquema sintático: sujeito-verbo-objeto.

Já no **segundo mo(vi)mento**, o *corpus* foi construído por meio de um levantamento realizado nas referências bibliográficas das teses que elegeu como critério as marcações linguístico-discursivas que mostram o uso (ou não) dos textos (fundadores) de Michel Pêcheux e as publicações de Eni Orlandi que embasaram as pesquisas.

Não pretendemos, com o segundo mo(vi)mento, aferir uma possível AD pecheuxtiana e AD orlandiana, por entendermos que todas as teses mineiras selecionadas se debruçaram sobre

³⁸ De acordo com Harb (2021).

a mesma teoria: Análise de Discurso, na qual se contempla Michel Pêcheux e os estudiosos que o cercavam, na França; e Eni Orlandi e os pesquisadores por ela formados que forma(ra)m tantos outros, no Brasil.

4.2. Primeiro grupo de teses: Análise de Discurso mobilizada com exclusividade nas/pelas pesquisas

Nesta seção, reunimos o primeiro grupo de teses composto por 17 (dezessete) trabalhos. A seguir, no Quadro 6, apresentamos: número atribuído a cada trabalho (algo que facilitará as menções que faremos às respectivas pesquisas), o título das teses, bem como a IES na qual elas foram desenvolvidas.

Quadro 6 – Primeiro grupo de teses

Nº do Trabalho	Tese	Instituição de Ensino Superior
Trabalho 1 (T1)	Práticas de leitura e de escrita de alunos surdos na escola regular: das posições-sujeito a seus efeitos discursivos	Universidade Federal de Uberlândia
Trabalho 2 (T2)	“Filosofia de botequim”: o discurso da malandragem resistente no Samba de Ataulfo Alves	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 3 (T3)	Estudo da Articulação do Porta-Voz na Ressignificação das Alianças do Velho Testamento	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 4 (T4)	Gestos de ensino-aprendizagem entre os sujeitos e o conhecimento nos processos de escrita - Ensino fundamental e médio	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 5 (T5)	Legislação e Escola Laica: o (contra)ditado	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 6 (T6)	Silêncio e arquivo no discurso literário	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 7 (T7)	Narrativas Oraís e Discurso Fantástico - Versões e Sentidos nos Casos de Baependi, Sul de Minas	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 8 (T8)	Discurso e Ensino: as Leis Nº 10.639/03 E 11.645/08 no livro didático de História	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 9 (T9)	As campanhas publicitárias e a materialidade do discurso neoliberal do/no ensino superior privado	Universidade Vale do Sapucaí

Trabalho 10 (T10)	Discursos sobre/do sujeito idoso gay no espaço digital: formulação e circulação	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 11 (T11)	Espaço e sentidos na produção de café no Brasil e em Minas Gerais: uma análise das entrelinhas	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 12 (T12)	Campanhas de Vacinação, dengue e câncer de boca: sentidos em circulação em propagandas do Ministério da Saúde	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 13 (T13)	O movimento escola sem partido: silenciamento e litígio discursivo	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 14 (T14)	O não saber, pré-requisito ou barreira para saber? Efeitos de sentido em redações de vestibular do IF Sul de Minas	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 15 (T15)	Sentidos de maternidade no discurso digital	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 16 (T16)	Sentidos de gestor e de gestão em instituições públicas e privadas: aproximações e diferenciações	Universidade Vale do Sapucaí
Trabalho 17 (T17)	A (des)estabilização de sentidos para corpo-e-sujeito inscritos pela sexualidade e pelo gênero: efeitos de ruptura	Universidade Vale do Sapucaí

Fonte: Elaborado pelo autor.

Antes de passarmos para os mo(vi)mentos de análise, faz-se necessário pontuar algo que chamou nossa atenção desde a organização da Tabela 1 – *Primeira seleção de teses*. A UNIVÁS, que desde então seguiu em nosso arquivo por atender a todos critérios estabelecidos, se apresenta com todas as teses selecionadas desde as primeiras etapas, com destaque para o número expressivo de pesquisas – 16 (dezesseis) – nas quais a AD foi mobilizada com exclusividade. Esse índice despertou nossa curiosidade, o que nos fez buscar mais informações sobre o Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, da Universidade do Vale do Sapucaí³⁹.

Durante a vigência do quadriênio 2017-2020 (CAPES), recorte cronológico que nos interessa, as teses produzidas na UNIVÁS e presentes nesta pesquisa foram desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem; até então, um Programa não fusionado,

³⁹ De acordo a UNIVÁS, “o Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS, resultante da fusão entre os Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, níveis mestrado e doutorado acadêmico; Educação, mestrado acadêmico; e Bioética, mestrado acadêmico foi aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela área da Educação por meio do Ofício nº 162/2020-DAV/CAPES, de 30 de dezembro de 2020”. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/menu/ensino/posgraduacao/fusionados.asp>. Acesso em: 18 ago. 2021.

que oferecia uma linha de pesquisa voltada à Análise de Discurso. Segundo o que dispõe o Projeto Pedagógico⁴⁰ do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem,

A linha de pesquisa *Análise de Discurso* tem por objetivo dar uma formação específica em Análise de Discurso, voltada para a compreensão do funcionamento da linguagem, pensando-se **a relação da língua com sua exterioridade (sujeito, situação e memória constitutiva)**. Desse modo, trabalhar-se-ão nas pesquisas desta linha **os processos de significação e os sujeitos em suas relações**, levando o doutorando à compreensão de como qualquer objeto de linguagem produz sentidos [...] (UNIVERSIDADE VALE DO SAPUCAÍ, 2021, grifos nossos).

Percebe-se, em nossos grifos, marcações que apontam para questões que interessam de perto à teoria materialista do discurso. Ou seja, já se anuncia aí qual AD era praticada na referida linha de pesquisa. Nessa direção, ainda de acordo com o Projeto Pedagógico, essa linha de pesquisa oferecia a disciplina introdutória *Introdução à Análise de Discurso*, que tinha como ementa:

Definição de discurso, de teoria do discurso, do método de análise do discurso; noções e procedimentos próprios à análise de discurso; metáfora e paráfrase. A especificidade da análise de discurso situada entre a linguística e as ciências sociais; a interpretação. O discurso como lugar de observação das relações entre língua e ideologia; a constituição do sujeito e do sentido (UNIVERSIDADE VALE DO SAPUCAÍ, 2021).

Seguida de uma vasta lista de referências das obras de Michel Pêcheux e de estudiosos que o cercavam; com publicações de Eni Orlandi e outros autores brasileiros. O Programa também dispunha de algumas disciplinas eletivas: *Discurso e Interpretação*; *Discurso e política*; *Língua, Sujeito e Ideologia*; *Texto e Discurso*; *A Linguagem e suas diferentes Materialidades*; *Língua, Memória, Nação e Estado*; *O Sujeito e as Línguas*; e outras, bem como disciplinas avançadas, dentre elas, *Tópicos em Análise de Discurso*. Essas disciplinas podem ser entendidas enquanto terreno próprio à AD de Michel Pêcheux que encontra(va) no sul do estado de Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Lavras, espaço para novas leituras, novas interpretações, novas pesquisas, e com isso, a formação de novos analistas de discurso brasileiros. Em outras palavras, as nomeações dessas disciplinas apontam de imediato o que vinha a ser a linha de pesquisa *Análise de Discurso*, da mesma maneira que o programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da UNIVÁS: um reduto pecheuxtiano em Minas Gerais. E é inevitável observar as nomeações dessas disciplinas e não lembrar de algo vivido por Eni

⁴⁰ Disponível em: http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/ProjetoPedag%C3%B3gicoPPGCL_1.pdf. Acesso em: 19 ago. 2021.

Orlandi, na USP, durante o período da ditadura militar no Brasil, mas que também afeta os analistas de discurso brasileiros. Segundo a autora,

para poder dar análise de discurso no curso de pós-graduação, eu inscrevi uma disciplina que se chamava “análise sociolinguística do discurso (o discurso pedagógico)”, onde eu ensinava análise de discurso, na filiação a Michel Pêcheux. Esse curso atraía muitos alunos. Era assim, silenciosa, mas decididamente, que se podia trabalhar, em programas fechados institucionalmente, na época da ditadura. Sempre foi possível dizer uma coisa para significar outra. E eu já sabia disso. Em todos os meus cursos, eu achava um jeito de, sub-repticiamente, introduzir a reflexão de filiação a Pêcheux. Mesmo na morfossintaxe, que era uma disciplina que dei durante muitos anos na USP, e em que trabalhava, sobretudo, com Hjelmslev (ORLANDI, 2019, p. 32).

O período ditatorial no Brasil foi encerrado, embora ainda vivamos em tempos sombrios; o fato é que hoje os Programas de Pós-graduação que se dedicam, cada um a seu modo, à AD não precisam fazer malabarismos para que a teoria pecheuxtiana seja uma realidade. Ainda é possível dizer abertamente sobre essa teoria, suas filiações, seus desdobramentos, realizar (re)leituras, promover eventos, discutir os objetos de pesquisa, apontar desejos de estudos futuros, etc.

Seguindo com nosso interesse no antigo Programa da UNIVÁS, vale destacar a atuação de Eni Orlandi, entre os anos de 2002 e 2018, conforme as informações disponíveis no currículo *Lattes* da professora. Nesse período, a pesquisadora coordenou o Programa e ministrou as disciplinas *Discurso, Sujeito e Política; Introdução à Análise de Discurso, Língua, Sujeito e História*. Durante 16 anos, Orlandi trabalhou na institucionalização e disciplinarização da AD em Minas Gerais, formando mestres e doutores. Isso diz muito!

Sendo assim, decidimos averiguar o currículo dos professores do Programa, que constam em nosso arquivo como orientadores de teses na UNIVÁS, para observar suas formações. Partimos do pressuposto que muitos poderiam ser formados em AD. Fizemos o levantamento na plataforma *Lattes* e destacamos algumas informações:

i) **Profa. Dra. Renata Chrystina Bianchi de Barros** possui mestrado e doutorado em Linguística, pela UNICAMP, ambos orientados por Eni Orlandi;

ii) **Profa. Dra. Maria Onice Payer** possui mestrado e doutorado em Linguística, pela UNICAMP, ambos orientados por Eni Orlandi;

iii) **Prof. Dr. Newton Guilherme Vale Carrozza** possui mestrado e doutorado, pela UNICAMP. No mestrado foi orientado por Eni Orlandi e no doutorado, por Claudia Regina

Castellanos Pfeiffer (que tem mestrado e doutorado em Linguística, pela UNICAMP, ambos orientados por Eni Orlandi);

iv) **Profa. Dra. Luciana Nogueira** possui mestrado e doutorado em Linguística, pela UNICAMP. Foi orientada por Eni Orlandi no doutorado.

Essas informações nos levam a compreender o porquê de tantas teses – 16 (dezesseis) – mobilizarem a AD com exclusividade em trabalhos produzidos na UNIVÁS. Com isso, não pretendemos medir a teoria do discurso praticada em nenhuma IES em Minas Gerais, tampouco apontar a Instituição que não a pratica. Por outro lado, essas informações nos interessam à medida que nos dão um parâmetro da AD à mineira.

4.2.1. Primeiro mo(vi)mento de análise: introdução

As sequências discursivas⁴¹ (SDs) foram estruturadas a partir de recortes feitos na introdução das 17 teses do primeiro grupo que assumiu como critério as marcações linguístico-discursivas que apontam como a AD foi mobilizada por meio de: *corpus* de pesquisa, autores convocados e/ou categorias analíticas eleitas a serem postas em movimento para o desenvolvimento teórico-metodológico das pesquisas.

As primeiras duas sequências discursivas apontam para a noção de sujeito, categoria importante à AD. Na SD1, recortada do Trabalho 16, e na SD2, recortada do Trabalho 17, as autoras fazem uma sinalização de como o sujeito é concebido na teoria do discurso, sujeito-efeito de linguagem:

SD1: “Há que se observar que o presente estudo, realizado por meio desta entrevista, **considera os sujeitos partícipes enquanto sujeitos de linguagem** [...]” (RENNÓ, 2020, grifos nossos).

SD2: “A presente tese, desenvolvida à luz do campo teórico da Análise de Discurso, toma como tema a significação do corpo-e-sujeito inscritos pelo sexo, pela sexualidade e pelo gênero em/por uma sociedade capitalista do século XXI, como a brasileira. Mais especificamente, tomo como objeto de estudo corpo-e-sujeito travestis e transexuais que, compreendidos **enquanto efeitos de linguagem**, significam sentidos outros para corpo-e-sujeito quando diante do olhar da sociedade” (PEREIRA, 2017, grifos nossos).

⁴¹ Nas SDs, nossos grifos serão marcados em negrito.

A noção de sujeito da AD é complexa no sentido de que o sujeito não é humanista, não é idealista, nem a origem; não tem intencionalidade e nem se coloca na neutralidade, também não é marionete. Ou seja, não se trata das pessoas entrevistadas pela pesquisa de Rennó (2020), tampouco as pessoas travestis e transexuais presentes na pesquisa de Pereira (2017). Em outras palavras, o sujeito da AD “não é empírico, não é biológico, nem sociológico, não é homem, não é mulher, não é homo, trans, bi, cis. Não é gênero” (CAMPOS; ALQUATTI, 2020, p. 283). Então, afinal, quem é o sujeito da AD? Trata-se daquele que é inscrito nas tramas do discurso, um *ser-em-falta*, no entremeio da *ideologia*, do *inconsciente* e da *linguagem* (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 21, grifos da autora).

O sujeito da AD é sujeito da ideologia. Isto é, toda e qualquer prática só existe sob uma ideologia, já que todo sujeito só consegue ser agente de uma prática social enquanto sujeito social.

O sujeito da AD é sujeito do inconsciente. Sem nos determos a uma linearidade cronológica, podemos pensá-lo, considerando o primado da AD, enquanto sujeito freudiano e, em outro momento, como um sujeito lacaniano: o sujeito “desejante”, que tem o inconsciente enquanto lugar do desejo. O inconsciente é o lugar no qual se fala antes do sujeito, lugar da não-evidência, do não-controle da significação.

O sujeito da AD é sujeito da linguagem. *Forma material* (LEANDRO-FERREIRA, 2010) em que se concebe a relação entre ideologia/inconsciente e na qual o sujeito é construído e “encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem” (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 24).

Dito de outro modo, é na construção social da subjetividade não-subjetiva, convocada por Pêcheux, que o sujeito da AD produz seu discurso: uma articulação entre o sujeito dotado de inconsciente; a interpelação pela ideologia, em sua constituição social; e a materialidade possível via linguagem. Para a AD, não existe a noção de sujeito empírico. O sujeito é, portanto, atravessado pela história, pela linguagem, é o sujeito do inconsciente, clivado, dividido, afetado pela língua e pela história. Só assim ele se constitui em sujeito e produz sentidos. Embora tenha a ilusão de ser a origem dos sentidos, é um sujeito *assujeitado*, que carrega consigo a ilusão da completude e da transparência do discurso e dos sentidos. Isto é, “submetendo o sujeito, mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o *assujeitamento* se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 51, grifo nosso).

Essa brevíssima retomada sobre a constituição/categoria de sujeito da AD, que propomos, nos instiga a problematizar as expressões “sujeitos de linguagem”, da SD1, e “sujeito

[...] efeitos de linguagem”, da SD2, no sentido de que, ao que nos parece, essas expressões, ainda que presentes em teses nas quais o aporte teórico principal é da teoria pecheuxtiana e, portanto, traz consigo a categoria de sujeito dessa teoria, funcionam nas SDs citadas como *palavras-conceito*.

Sobre essa noção, discutida no texto *Palavras-conceito: reflexões sobre a produção do conhecimento a partir da análise de discurso* (2021), concordamos com as autoras, Harb e Guasso, que os sentidos podem ser outros, mas não qualquer um. Diante disso, e de acordo com nosso gesto de leitura, as expressões que destacamos nas primeiras SDs não determinam qualquer sentido; entretanto, os sentidos podem ser outros (diferente dos sentidos de sujeito da AD) uma vez que as palavras-conceito “sujeitos de linguagem”, tão somente, também funcionam em outra teoria, como por exemplo, na Enunciação, de Émile Benveniste.

Seguindo com a análise, ainda para pensar a categoria de sujeito, a SD3, recortada do Trabalho 3, sinaliza que a noção de *porta-voz* é necessária para compreender o texto bíblico:

SD3: “O texto bíblico também se pretende ser um grande arquivo dessa história, e sobre ele voltamos os nossos olhos para compreendermos, como objetivo desta tese, **o discurso do porta voz** como fato de linguagem a partir da significação e ressignificação de alianças feitas entre Deus e a humanidade, no Velho Testamento, e os efeitos dessa discursivização na constituição e no sobrepular do discurso religioso” (ORRU, 2018, grifos nossos).

No texto *Delimitações, inversões, deslocamentos*, Pêcheux ([1980] 1990, p. 17), ao discutir sobre a interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos, introduzida por Althusser, por meio da genealogia das formas do discurso revolucionário, propõe um retorno “aos pontos de resistência e revolta que se incumbem sob a dominação ideológica”. É a partir desse movimento que o sentido do discurso da dominação passa a dar lugar ao discurso da rebelião. Nessas quebras de rituais e transgressões de fronteiras, o discurso dos rebeldes produz um *acontecimento histórico* ao romper com o círculo da repetição.

Ainda de acordo com o autor, nesse momento surge o *porta-voz*, enquanto aquele que “ao mesmo tempo é ator visível e testemunha ocular do acontecimento” (PÊCHEUX, [1980] 1990, p. 17), ao falar *em nome* daqueles que representa sob seu olhar. Essa dupla visibilidade do porta-voz, concede a ele uma posição de negociador potencial, o que o coloca em contato imediato com o adversário exterior. Dito de outro modo, o sujeito acredita ser dono de seu dizer, senhor de suas palavras, o que permite, inclusive, enunciar como legítimo integrante ao falar *em nome de* um dado grupo ou movimento. Isto é, ao apagar o efeito constitutivo da contradição,

o sujeito do discurso instaura e divulga o efeito de homogeneidade grupal, o efeito de consenso, por meio da figura do porta-voz.

Nessa direção, a categoria do porta-voz é cara à pesquisa de Orrú (2018) porque, por meio dela, é possível apreender que os efeitos do discurso do Velho Testamento (livro bíblico)

como arquivo, afetam os acontecimentos de formações sociais, por meio da observação dos sentidos que são produzidos a partir dele – e nele – e que deslizam e derivam para sentidos outros, pela circulação da memória, produzindo diferentes efeitos de pertencimento, tanto da ordem do pertencimento a um povo, quanto na ordem do pertencimento a uma terra ou a um Deus (ORRÚ, 2018, p. 9).

Em outras palavras, a Bíblia foi tomada na pesquisa de Orrú (2018) enquanto um arquivo, ou seja, um lugar possível de interpretação e, nessa medida, pela noção de porta-voz, os efeitos de significação e ressignificação de alianças feitas por Deus e a humanidade presentes no livro do Velho Testamento, bem como discursivizados em outros lugares de interpretação, como na Declaração de Balfour, na Declaração de Independência do Estado de Israel e no Moisés de Michelangelo, puderam ser compreendidos pelo “funcionamento do discurso fundador na relação povo, terra e Deus, como acontecimento linguístico, que atribui identidade, nome e sentidos aos sujeitos e aos lugares” (ORRÚ, 2018, p. 144).

Considerando a ideologia enquanto constitutiva do sujeito e que funciona pela via da interpelação, a SD4, do Trabalho 5; SD5, do Trabalho 2; e SD6, do Trabalho 1 apresentam, respectivamente, as designações *posições-sujeito*, *ideologia de pertencimento* e *tomadas de posição*:

SD4: “Se de um lado o capitalismo crescia, de outro lado havia uma tentativa de melhorar a qualidade de vida da população (trabalhadores) a partir de movimentos revolucionários inspirados na Revolução Francesa e nas **posições-sujeito** Iluministas” (AZEVEDO, 2018, grifos nossos).

SD5: “Ataulfo Alves, nascido em Minas Gerais, mas “formado” no samba malandro carioca [...] Ao compor, no entanto, sempre esteve afetado por certa **ideologia de pertencimento** ao sertão mineiro, que o acompanhou da distante Zona da Mata mineira” (ROMANELLI, 2018, grifos nossos).

SD6: “Ainda ancorados na perspectiva discursiva, vamos poder problematizar a ideia de que, para além do imaginário sobre a inclusão, os envolvidos nela são convocados a produzir **tomadas de posição**. Essas tomadas de posição estão pautadas nas identificações que lhes constituem com as línguas em funcionamento e com as concepções de surdez e de surdo” (GONDIM, 2020, grifos nossos).

Para pensar o sujeito, interpelado ideologicamente, mas que não sabe disso porque suas práticas discursivas são instauradas sob a ilusão que o coloca na origem do seu dizer e, por isso, domina o que diz, Pêcheux propõe “que o caráter material do sentido – mascarado por sua evidência transparente para o sujeito – consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos ‘o todo complexo das formações ideológicas’” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 146). Isto é, o sujeito funciona no discurso através de sua relação com a formação discursiva. Freda Indursky, leitora atenta de Pêcheux, no texto *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso* (2008) propõe uma reflexão sobre o sujeito do discurso que se identifica com os saberes de uma dada Formação Discursiva (FD). Segundo a autora,

a **primeira modalidade** remete ao que Pêcheux designou de **superposição** do sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva. Tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso, caracterizando o “discurso do ‘bom sujeito’ que reflete espontaneamente o Sujeito” (INDURSKY, 2008, p. 12, grifos da autora).

Ainda nesse texto, Indursky (2008) discute *a segunda modalidade, contraidentificação, e a terceira modalidade, desidentificação*. De acordo com a autora, que se baseia na reflexão pecheuxtiana, o sujeito do discurso pode contra-identificar-se ou desidentificar-se, por uma tomada de posição não-subjetiva, com os saberes da FD com a qual ele se identificava plenamente. Assim, é:

a **segunda modalidade** que caracteriza o discurso do que Pêcheux caracterizou como sendo o mau sujeito. Explicando melhor esta modalidade: ela ocorre quando o sujeito do discurso, através de uma **tomada de posição**, se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD com a qual o sujeito do discurso se identifica (INDURSKY, 2008, p. 13, grifos da autora).

Pontuando que o movimento de tomada de posição não acontece seguindo o fluxo de uma linha temporal linear, a autora explica que na *terceira modalidade, desidentificação*, que “o sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito” (INDURSKY, 2008, p. 14). Ela finaliza chamando nossa atenção: “[...] esta desidentificação não representa a ‘liberdade’ do sujeito do discurso” (INDURSKY, 2008, p. 14). Isto é, a desidentificação não implica em liberdade ideológica do sujeito do discurso, uma vez que, ideologicamente, o sujeito nunca estará “livre”.

As designações que destacamos nas SD4, SD5 e SD6 nos mostram que, além da noção de sujeito, Azevedo (2018), Romanelli (2018) e Gondim (2020) estão preocupados em

compreender os movimentos de sentidos por meio das tomadas de posição do sujeito a partir das operações ideológicas que o interpela, levando-o a identificar-se, contra-identificar-se, como também, desidentificar-se com uma dada FD.

Portanto, nas teses citadas, percebemos como a ideologia, que comparece na AD como materialidade constituída por intermédio das práticas sociais, é importante para compreender que os indivíduos, desde sempre sujeitos, assumem posições por meio de uma posição-sujeito. Nessa esteira dessa reflexão, as sequências discursivas que apresentaremos na SD7, do Trabalho 7, na SD8, do Trabalho 12, e na SD9, do Trabalho 13, em nosso entendimento, também mostram noções pelas quais perceber-se a ideologia em funcionamento no discurso:

SD7: “Assim, procuramos trazer para esta pesquisa narrativas e fragmentos representativos da memória oral de Baependi como objeto de análise, objetivando desvendar fragmentos das diversas **formações discursivas** que os atravessam, bem como a memória social que remonta à época colonial” (POMPEU, 2018, grifos nossos).

SD8: “Como qualquer material de marketing e propaganda, eles são desenvolvidos a partir das **formações imaginárias, discursivas e ideológicas** daqueles que os estruturam, e, assim sendo, podem produzir diferentes gestos de leitura e de interpretação no público alvo, para além daqueles esperados pelo Estado e pelos idealizadores das campanhas” (ARCHANJO, 2020, grifos nossos).

SD9: “O objetivo geral deste trabalho é compreender o processo de produção de sentidos do discurso do ESP, buscando dar visibilidade a como se formulam e circulam suas propostas, o modo como apontam para determinados grupos de professores. Como objetivos específicos trataremos de descrever e interpretar as **formações imaginárias** que o movimento projeta sobre os professores, alunos, pais e a escola, além de compreender como se dá o movimento de retomada de Paulo Freire, autor que o ESP ataca diretamente” (SOARES, 2020, grifos nossos).

De acordo com nossa leitura, tanto a noção de FD quanto a noção de Formações Imaginárias (FI), presentes nas sequências discursivas anteriores, que no quadro teórico da AD “são concebidas como constitutivas uma da outra” (PETRI, 2004, p. 42) nos possibilita compreender melhor o funcionamento do *interdiscurso*, mais uma noção importante para a/na teoria pecheuxtiana. Como nos ensina Orlandi, “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras” ([1999] 2005, p. 32). Dito de outro modo, o sujeito não consegue controlar os sentidos daquilo diz, mas acredita fazê-lo porque tem a ilusão que o dizível é “seu”, as palavras são “suas”. Esse dizer do sujeito mantém uma relação com um *já-*

dito, ou seja, o dito já foi dito em outro lugar, de um outro modo, sob outras condições, mas que ao ser (re)dito se apresenta como um “novo” dizer, por meio de “novas” palavras. Temos aí duas questões: o dizível, ou seja, o eixo da formulação, aquilo que configura o *intradiscurso*; e, o *já-dito*, isto é, o eixo da constituição, o que é denominado por *interdiscurso*, conforme denominou Pêcheux ([1975] 2014) em **Semântica e discurso**. Na discussão empreitada por Courtine (1984), a relação entre intradiscurso e interdiscurso se dá de modo intrínseco porque “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram os sentidos” (ORLANDI, [1999] 2005, p. 33). Entretanto, nos interessa, por ora, apenas o interdiscurso que auxilia as noções de FD e FI na constituição do sujeito e dos sentidos.

Dessa forma, foi por meio da mobilização dessas categorias que o trabalho de Pompeu (2018) teve acesso aos efeitos de sentidos, sustentados por uma memória social, materializados nas narrativas e fragmentos representativos da memória oral de Baependi. Do mesmo modo, o trabalho de Archanjo (2020) acessou os sentidos postos em movimento no material de *marketing* e propaganda de campanhas de vacinação, promovidas pelo Estado, lido e interpretado por sujeitos diferentes daqueles idealizados pelo Estado e idealizadores das campanhas. Nessa mesma direção, a pesquisa de Soares (2020) olhou para o discurso do Movimento Escola sem Partido, a fim de perceber o *já-dito* que sustenta esse discurso ao passo de atacar quem com ele não se identifica.

Courtine (1984) nos diz que no interdiscurso fala uma voz sem nome. Ou seja, aquilo que já foi dito precisa ser lançado num lugar de esquecimentos para que, ao ser dito novamente, surja com o efeito-novo, o que provoca no sujeito do discurso a ilusão do controle daquilo que se diz, das “suas” palavras. A memória presente no “sempre-já-aí” (PÊCHEUX, [1975] 2014) é primordial para o funcionamento da ideologia por meio da FD e FI.

Sobre a noção de *memória discursiva*, a seguir, na SD10, do Trabalho 4, é apresentada enquanto aquela que constitui o sujeito, nesse caso, sujeito-professor e sujeito-aluno:

SD10: “Nossa pesquisa, com base nessas reflexões, foi repensar os gestos de ensino que permitem produzir ou deslocar sentidos que levem tanto à re-significação dos sujeitos, quanto à produção do saber. Nossa sugestão é a de conceber o ensino como produção histórica do saber sempre enlaçado pela **memória discursiva** que constitui o sujeito professor e o sujeito aluno e pela **formulação discursiva** que atualiza os conhecimentos de ambos permitindo seus deslocamentos” (BORBA, 2018, grifos da autora).

A memória discursiva é um dos conceitos que dá sustentação à AD. Concordamos com a discussão promovida por Venturini (2008) na qual a memória é tratada como discurso *de* (rememoração) e discurso *sobre* (comemoração). Segundo a autora, há duas modalidades de rememoração:

A primeira, como interdiscurso, enquanto pré-construído e, a segunda, como discurso fundante. No primeiro funcionamento, a rememoração se realiza como memória e se materializa no discurso como efeito do discurso transverso.

[...]

O segundo funcionamento da rememoração – discurso *de* – realiza-se a partir do discurso fundante, por intermédio do qual o dizer se sustenta na materialidade e constitui no intradiscurso efeitos de verdade e de autoridade (VENTURINI, 2008, p. 64).

Diferentemente desse, o discurso de comemoração – discurso *sobre* – ancora-se no discurso de rememoração – discurso *de* – “que funciona como a memória que o constitui e como o discurso fundante que retorna e o ancora” (VENTURINI, 2008, p. 65). Ou seja, no discurso de comemoração contempla-se o sujeito porta-voz e a tensão entre o *já-dito* e o dito na formulação (discursiva). Isso nos condiciona a compreender que a categoria de memória a ser mobilizada na tese de Borba (2018), vai ao encontro da noção de comemoração problematizada por Venturini, uma vez que pela formulação discursiva, o sujeito-professor/aluno, mais “consciente”, ao atualizar os conhecimentos, os reformula e os reinscreve num efeito de memória que se apresenta como uma possibilidade do novo.

Ainda que um sentido deslize, a memória pode garantir que ele signifique. Nesse sentido concordamos com Orlandi que “para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido” (2020, p. 73). Sobre a noção de deslize, na SD11, recortada do Trabalho 9, fizemos o seguinte destaque:

SD11: “Muito mais do que uma questão, temos como ponto de partida a busca do entendimento dos modos como os discursos neoliberal e da educação se entrecruzam de tal maneira a ponto de produzir **deslizamentos de sentidos** para o próprio sentido de ensino superior” (PEREIRA, 2018, grifos nossos).

Ao nos filarmos à teoria do discurso, concordamos, portanto, que “o dizível é o repetível” (ORLANDI, 2020, p. 72). E dessa inscrição que decorre nosso olhar sobre os sentidos que circulam e se repetem, ainda que a repetição da palavra possa produzir um efeito do mesmo, sabemos que estabilizada ou não, os sentidos dela se movem, são provisórios, isto é, deslizam. Nessa direção, a pesquisa de Pereira (2018) buscou compreender o entrecruzamento dos discursos neoliberal e da educação que produz deslizamentos de sentidos. Em outras palavras, os sentidos de ensino superior deslizam porque os sentidos dos discursos que o incidem também

são provisórios; e dessa provisoriedade do dizer (dos discursos) surge o “novo” dizer. Na esteira da discussão em que o dito, o já-dito e o deslize, que ocasiona no (re)dito, significa, podemos acrescentar aquilo que não foi dito, mas que significa do mesmo modo.

Na obra **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos** (2007), Eni Orlandi a partir de seus estudos sobre o discurso religioso – no qual ela precisou defini-lo e, mais tarde, rever essa definição a fim de fazer ajustes – associado à sua convivência com o debate sobre o político na linguagem, interessou-se pelo tema a política do silêncio, ou seja, o silenciamento. Sobre essa questão, Orlandi ([1999] 2005) já havia iniciado uma reflexão pela qual ela distingue silêncio fundador de política do silêncio, silenciamento. A primeira definição está para o silêncio que anuncia que o sentido sempre poderá ser um outro. Já a segunda, subdivide-se em: silêncio constitutivo, aquele silêncio pelo qual um dizer exclui outro dizer, uma palavra apaga outra palavra; e silêncio local (censura), enquanto aquele que não se pode dizer, ou seja, a proibição do dizer determina que o sujeito não diga aquilo que poderia ser dito.

O fato é que “o silêncio é o real do discurso” (ORLANDI, 2007, p. 29) e nessa medida nossa atenção de analista de discurso é convocada para compreender não o que o silêncio fala, mas o que o silêncio é. Ou, como prefere a autora, o que o silêncio e o sentido (é) são. Na seleção de nossas sequências discursivas, percebemos que algumas teses mineiras mobilizaram a noção de silêncio a fim de desenvolver suas análises. A saber: SD12, do Trabalho 6; SD13, do Trabalho 8; e SD14, do Trabalho 14:

SD12: “Nosso objetivo inicial será compreender quais são os sentidos produzidos pelo **silêncio**, pois em *Vozes de Tchernóbil* o próprio silêncio **parece “gritar” na medida em que ele se manifesta, intensa e reiteradamente, em várias passagens** (o silêncio diante do inenarrável, o silêncio da morte, o silêncio enquanto pausa, o silêncio quando se nega uma informação, o silêncio na censura...). Após investigar os sentidos a partir do silêncio, abordaremos a relação entre Arquivo e História” (FIGUEIREDO, 2018, grifos nossos).

SD13: “A pesquisa apresentada teve como objetivo compreender o funcionamento discursivo da Lei 10.639/03 e Lei 11.645/08 em livros didáticos de história que são utilizados no sexto ano do ensino fundamental na cidade de Bom Sucesso, Minas Gerais, buscando compreender a forte afetação de fundamentos da historiografia positivista que promove, como efeito, o **silenciamento da cultura indígena e africana** nesses materiais que têm sido tomados como suporte pedagógico para o ensino de história no Brasil” (CASTANHEIRA, 2018, grifos nossos).

SD14: “A tese que procuraremos demonstrar neste trabalho, pelas análises discursivas que nos propusemos é de que, havendo no discurso **sentidos que se apagam** para que outros prevaleçam, esse apagamento tende a se dar pelo desvio da forma” (LUCAS, 2020, grifos nossos).

Em nosso entendimento, cada pesquisa, a seu modo, procurou na discussão sobre silêncio olhar para suas materialidades. Figueiredo (2018) buscou no silêncio aquilo que “grita” em Vozes de Tchernóbil. Nesse paradoxo, a autora acessou os sentidos do não-dizer, daquilo posto nas tramas do silêncio, mas que significa com ou sem palavras. Castanheira (2018) buscou na noção de silêncio o que (não) diz sobre os povos africanos e indígenas em livros didáticos de história que são utilizados no sexto ano do ensino fundamental na cidade de Bom Sucesso, em Minas Gerais. Por fim, na pesquisa de Lucas (2020) é dito que há no discurso “sentidos que se apagam”, a fim de que outros discursos “prevaleçam”; preferimos dizer que não há sentidos que se “apagam”, mas que são silenciados porque no fio do discurso nada há de se apagar, o que há é um repouso de sentidos, um silenciamento de caráter provisório, que logo será cessado quando o sentido for convocado novamente.

Seguindo nossa análise, na SD15, recortada do T2, nota-se a sinalização de outra categoria analítica importante para a AD: *resistência*.

SD15: “Ou seja, para o sujeito sambista malandro, que participa, ainda que de forma não consciente, da resistência levada adiante pelo samba, dependendo de qual(quais) formação(ções) discursiva(s) em que se inscreve e qual(quais) formação(ções) ideológica(s) o assujeita(m). Não é a pessoa do compositor ou do cantor, ou mesmo do narrador, que se apresenta, mas uma espécie de “incorporação” do **discurso** malandro e **resistente**” (ROMANELLI, 2018, grifos nossos).

Na/para AD, disciplina pertencente ao campo das Ciências Sociais, a noção de resistência apresenta-se como fundante da teoria do discurso porque a luta de classes, a dominação ideológica burguesa, a ideologia da classe dominada foram questões importantes tanto para a teoria quanto para quem a fundou. A disciplina de interpretação, na qual a possibilidade da falha, da falta e do furo é compreendida como constitutiva, possibilita o sujeito do discurso associar-se a determinadas formações discursivas, ocupando assim uma posição ideológica e, nessa mesma medida, ser resistente a algumas identificações para conseguir se filiar a outras. Ao tomarmos o par língua-linguagem, conforme concebe a AD, enquanto lugar que se abre à opacidade, perceberemos aí os movimentos de reprodução-transformação-resistência do sujeito do discurso que acontece pelos processos de interpelação: *identificação, contra-identificação, desidentificação*.

Na esteira dessa reflexão, a resistência foi tomada pela pesquisa de Romanelli (2018) não só enquanto categoria de análise, mas como pilar da teoria do discurso materialista para compreender como o discurso da malandragem, presente no Samba de Aaulfo Alves, mineiro

de Miraf/ MG que, interpelado em sujeito-compositor, resistiu a alguns discursos *sobre* o samba; o que possibilitou ao sambista, sobretudo, retomar “o ordinário da existência: trabalhador ou malandro, pobre, oprimido, reprimido, discriminado”. Dessa forma, o “que se encontra textualizado nos sambas de Ataulfo Alves podem-se atribuir derivas de sentidos que chancelem sua condição de ‘Filósofo de botequim’, assujeitado ao samba malandro e ao pensamento sincopado” (ROMANELLI, 2018, p. 176).

Adiante, apresentamos cinco sequências discursivas que mostram alguns dos autores mobilizados nas/pelas pesquisas. Conforme já mencionado, esta seção abarca, exclusivamente, teses nas quais a AD foi mobilizada unicamente. Dessa forma, já prevíamos sobre quais autores as pesquisas se debruçariam. No entanto, vale analisar o modo pelo qual essa convocação foi realizada:

SD16: “Dada a nossa inscrição na Análise de Discurso, particularizamos alguns trabalhos dos seguintes **autores como baliza para o nosso efeito-percurso: Pêcheux** (1969, 1975, 1983), **Courtine** (1981), **Orlandi** (1984, 1987, 1998, 2007, 2009, 2016, 2020), **Indursky** (2011) e **Grigoletto** (2005)” (GONDIM, 2020, grifos nossos).

Percebe-se nas escolhas teóricas de Gondim (2020), uma AD que se apresenta desde sua origem até seus desdobramentos. Isto é, são convocados: Michel Pêcheux (nosso timoneiro⁴²), Jean-Jacques Courtine (orientado por Pêcheux), Eni Orlandi (nossa timoneira no Brasil), Freda Indursky (orientada por Orlandi) e Evandra Grigoletto (orientada por Maria Cristina Leandro Ferreira, que foi orientada por Orlandi). Nessa seleção teórica, vemos, no fio da AD, o movimento que não se desprende de seu oriente e segue seu fluxo de desdobramentos. Isso também ocorre nas sequências seguintes:

SD17: “**Tratamos** em nossas análises e ao longo de nossa escrita com **inúmeros livros de Eni Orlandi**, nos primordiais conceitos de **Análise de Discurso de Michel Pêcheux** dentre outros” (AZEVEDO, 2018, grifos nossos).

SD18: “**Este estudo se filia ao dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso**, a partir das elaborações de **Michel Pêcheux**, na França, e **Eni Orlandi** no Brasil” (COSTA, 2020, grifos nossos).

SD19: “**Ancoramo-nos na disciplina de interpretação denominada “Análise de Discurso”, que vai ter sua fundação na França** do final dos anos 1960 com

⁴² (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2016).

Michel Pêcheux e a sua continuidade no Brasil nos anos seguintes com Eni Orlandi e outros relevantes teóricos” (KRESS, 2020, grifos nossos).

SD20: “As análises tomam como base teórico-analítica a escola francesa da **Análise de Discurso de Michel Pêcheux e os estudos de Eni Orlandi**, que introduziu e consolidou os conceitos da Análise de Discurso da linha francesa no Brasil” (RENNÓ, 2020, grifos nossos).

Percebemos em nossos grifos que, nas teses que compõem o primeiro grupo, há uma recorrência de qual AD é mobilizada: aquela cunhada por Michel Pêcheux e continuada por Eni Orlandi. Sobre essa questão, trataremos melhor na próxima seção, 4.2.2. *O segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas.*

A convocação de Pêcheux, Orlandi e demais estudiosos, por parte dos autores das teses do primeiro grupo, foi importante para mostrar para quais materialidades a AD apontava, considerando nossa delimitação cronológica e territorial. Sobre essas materialidades, destacamos o olhar que algumas pesquisas tiveram para questões mineiras. O que estamos chamando de questões mineiras são *corpus* de pesquisa que assumem assuntos que dizem de/sobre o estado de Minas Gerais, conforme podemos observar em nossos grifos nas últimas sequências discursivas desta seção:

SD21: “Assim, a proposta de pesquisa (o objetivo) é buscar, à luz da Análise de Discurso (AD), trilhar um caminho para compreendermos a construção dos diferentes 20 sentidos das campanhas publicitárias (de vestibular) que elegemos como corpus de análise, **observando a relação entre as palavras e imagens**, entre os slogans e marcas que constroem um discurso neoliberal publicitário e analisar o funcionamento deste discurso, materializado em outdoors (espaços urbanos) e em sites institucionais (espaço digital) **de 5 IES privadas (concorrentes) do Sul de Minas Gerais**” (PEREIRA, 2018, grifos nossos).

SD22: “A presente pesquisa aborda os **modos de significar o espaço**, dando a ver os processos políticos, históricos e econômicos que implicam as significações desses espaços, por meio da retomada do processo histórico de implementação da **produção do café no Brasil** e seus desdobramentos, com atenção especial ao **estado de Minas Gerais**. Essa pesquisa permite pensar o espaço rural pelo espaço urbano (ORLANDI, 2010) e os processos de significação desse espaço” (FACCO, 2020, grifos nossos).

SD23: “Para isso, **tomaremos como material de pesquisa os textos produzidos pelos candidatos** que se submeteram ao processo seletivo (vestibular) para o curso **de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFSULDEMINAS**, campus da cidade de Machado, MG, para o ano de 2018” (LUCAS, 2020, grifos nossos).

SD24: “Inscritos nessa perspectiva teórica e analítica, buscamos compreender os **sentidos** postos em **funcionamento na materialidade discursiva do digital** em aplicativos voltados para o acompanhamento da maternidade” (KRESS, 2020, grifos nossos).

Minas Gerais é uma unidade federativa que possui uma extensa dimensão territorial, ademais, tem uma história que significa nos mineiros e em suas práticas. Desse modo, muitas questões podem ser assumidas enquanto *corpus* de pesquisa: umas mais mineiras, como podemos perceber nos trabalhos de Pereira (2018), Facco (2020) e Lucas (2020); e outras, à primeira vista, nem tão mineiras assim, mas que nos interessam do mesmo modo porque foram construídas em solo mineiro a partir das condições de produção que afetam quem vive e desenvolve pesquisa nesse estado.

4.2.2. Segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas

Neste segundo mo(vi)mento, nos interessou olhar as referências das teses que compõem o primeiro grupo para perceber quais obras da/sobre AD foram assumidas a fim de que a teoria fosse mobilizada. Nos detivemos a observar, apenas, as referências aos textos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, de autoria própria e/ou, em alguns casos, de autoria compartilhada.

Após a consulta, organizamos a Tabela 3, apresentada a seguir, que mostra a quantidade de obras desses autores citadas em cada tese do primeiro grupo⁴³.

Tabela 3 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no primeiro grupo de teses

	Obras citadas de Michel Pêcheux	Obras citadas de Eni Orlandi
T1	5	7
T2	3	22
T3	10	16
T4	7	14
T5	5	7
T6	3	4
T7	3	15
T8	1	8

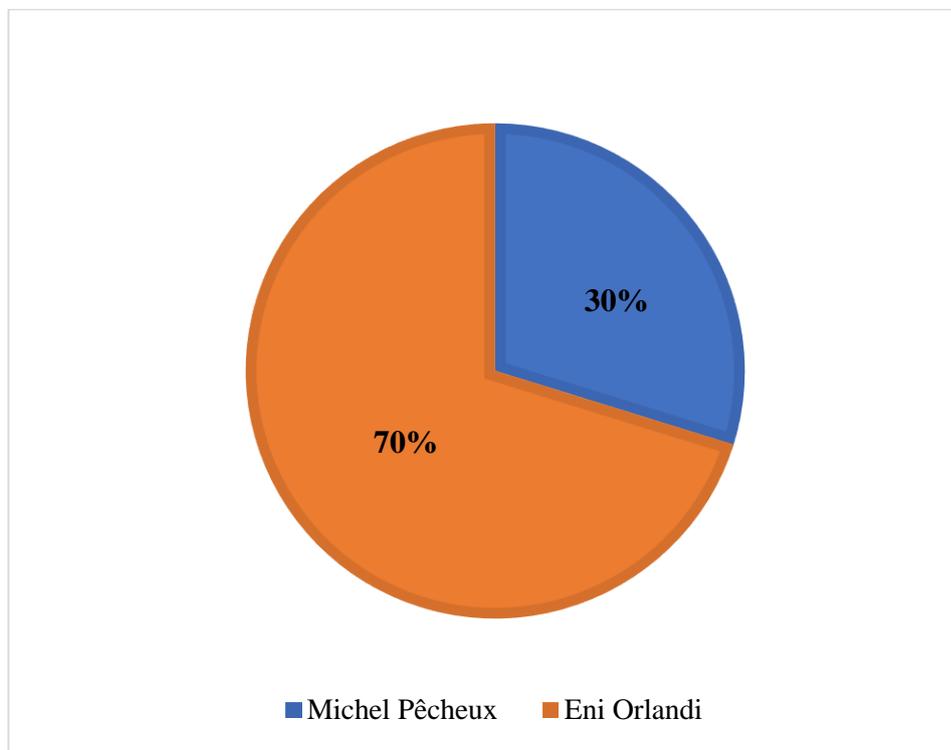
⁴³ Disponibilizamos, nos Anexos I. *Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 1º grupo de teses*, uma lista completa de quais publicações de Michel Pêcheux e Eni Orlandi foram citadas em cada trabalho presente na Tabela 3.

T9	5	13
T10	4	16
T11	1	6
T12	6	13
T13	11	16
T14	5	15
T15	5	7
T16	4	10
T17	7	11

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em todos os trabalhos, conforme notamos, as publicações de Eni Orlandi foram mais utilizadas em comparação às obras de Michel Pêcheux. No Gráfico⁴⁴ 1, apresentamos a porcentagem de obras citadas de cada autor.

Gráfico 1 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no primeiro grupo de teses



Fonte: Elaborado pelo autor.

⁴⁴ Agradeço imensamente ao meu querido Ricardo, pela enorme e indispensável ajuda na construção e organização dos gráficos, sem qual dificilmente conseguiria organizar as representações porque recorrer às ciências exatas, por muitas vezes, é sofrido.

Conforme já dissemos, ao olharmos para o percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, não objetivamos medir a AD que se fez na França e a que fazemos no Brasil.

Por outro lado, de acordo com nossa leitura, esse percentual mostra que, mesmo após a morte precoce do nosso timoneiro, no início da década de 80, a AD não ficou estagnada em solo brasileiro. Ela seguiu (e vem seguindo) produzindo elaborações relevantes para o campo dos estudos do discurso e colocando questões na atual conjuntura histórica, tendo em vista a ideologia vigente. Se hoje há na França analistas de linguagem que tomam Pêcheux como parte da história, no Brasil temos analistas de discursos que seguem afetados pela AD e, por isso, a fazem funcionar graças ao incansável trabalho da pesquisadora Eni Orlandi. Quando Pêcheux esteve no Brasil, em 1982, e após uma conversa com Orlandi, disse a ela que não sabia que no Brasil alguém conhecia tão bem a Análise de Discurso, ele não pode prever que, quase 40 anos depois, sua teoria estaria tão presente na vida do povo brasileiro que se interessa pelo discurso⁴⁵.

Dessa forma, compreendemos que os 30% de obras citadas de Michel Pêcheux representam o ponto de partida de uma teoria que encontrou em solo brasileiro espaço para seguir desdobrando-se, o que é possível de verificarmos nos 70% de obras citadas de Eni Orlandi. Ou seja, as teses mineiras nas quais a AD foi mobilizada com exclusividade reconhecem a origem dessa teoria, bem como seus desdobramentos.

Nesse sentido, será que podemos pensar numa Análise de Discurso brasileira orlandiana? Ou seja, numa teoria que jamais apagará sua fundação, seu timoneiro, mas que dadas as condições em que chega ao Brasil, ao ser institucionalizada e ser disciplinarizada em inúmeras IES brasileiras, concomitantemente, ao ser desdobrada, por meio do trabalho de Eni Orlandi e tantos outros analistas de discurso brasileiros, começa (desde algum tempo) a ter nossa identidade. Ademais, como Michel Pêcheux, caso estivesse fisicamente entre nós, veria/leria sua AD em nosso Brasil? Infelizmente, para essa última pergunta, de modo algum teremos resposta, mas cada analista de discurso, ao ler essa provocação, certamente, construirá respostas, mobilizará sentidos.

4.3. Segundo grupo de teses: Análise de Discurso conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos na realização das pesquisas

⁴⁵ Apesar de toda polissemia constitutiva da palavra discurso, aqui, concebemos discurso enquanto aquela noção desenvolvida na teoria pecheuxtiana, ou seja, como “efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 82).

Nesta seção, reunimos o segundo grupo de teses, composto por 7 (sete) trabalhos desenvolvidos na PUC Minas, UFMG e UFU. A seguir, no Quadro 7, apresentamos: número dado a cada trabalho, o título das teses, bem como a IES na qual elas foram desenvolvidas.

Quadro 7 – Segundo grupo de teses

Nº do Trabalho	Tese	Instituição de Ensino Superior
Trabalho 18 (T18)	Pertenço ou não pertenço: análise dos discursos de alunos cotistas do curso de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Trabalho 19 (T19)	A identidade do professor em formação projetada no discurso de documentos oficiais da educação brasileira	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Trabalho 20 (T20)	Agir docente, representações sociais e desenvolvimento de capacidades letradas na educação básica	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Trabalho 21 (T21)	O pesquisador em formação e o trabalho com a linguagem na escrita acadêmico-científica: a construção de um posicionamento autoral	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Trabalho 22 (T22)	Gênero e Militância: a gestão das distâncias e a disputa por sentidos no discurso da Marcha das Vadias	Universidade Federal de Minas Gerais
Trabalho 23 (T23)	Os sujeitos discursivos nas canções de Chico Buarque nos períodos ditatorial e democrático	Universidade Federal de Uberlândia
Trabalho 24 (T24)	A Linguística Geral de Émile Benveniste como um acontecimento no espaço político-simbólico da Linguística: língua, cultura, personalidade	Universidade Federal de Uberlândia

Fonte: Elaborado pelo autor.

Antes de passarmos para os mo(vi)mentos de análises, nosso gesto de leitura e interpretação buscou observar detalhadamente os Programas nos quais as sete teses deste segundo grupo foram desenvolvidas. Como já dito, não é nosso interesse aferir a AD praticada em nenhuma IES, e sim compreender em quais condições de produção os trabalhos foram produzidos. Para isso, olhamos a linha de pesquisa, o currículo⁴⁶ dos professores orientadores e possíveis informações que indiciem a institucionalização da AD pecheuxtiana nas IES presentes no Quadro 7.

⁴⁶ Todas as informações referentes à formação acadêmica dos professores citados foram retiradas na íntegra do currículo dos estudiosos disponibilizado na plataforma *Lattes*.

Começando pela PUC Minas, pudemos constatar que a linha de pesquisa (LP5), *Linguagem e enunciação: interações sociais e práticas discursivas*, na qual as quatro teses (Trabalho 18, Trabalho 19, Trabalho 20 e Trabalho 21) foram desenvolvidas não é centrada com exclusividade nos estudos discursivos sobre os quais nos interessam nesta dissertação. De acordo com as informações dispostas no *site*⁴⁷ do PPG-Letras, da PUC Minas, a:

LP5: Linguagem e enunciação: interações sociais e práticas discursivas – abordagem da relação entre sujeito, linguagens e sociedade, **com o objetivo de empreender pesquisas que se interessam por fenômenos linguísticos, textuais, enunciativos e discursivos** em diferentes esferas das atividades humanas de nossa sociedade (educacionais, midiáticas, religiosas, dentre outras), contemplando questões acerca do trabalho discursivo do sujeito que nelas atua. Orientando-se por uma **perspectiva transdisciplinar, a partir de abordagens teóricas e metodológicas de base sociointeracionista e discursivo-dialógica**, as frentes de pesquisa desenvolvidas no âmbito dessa linha buscam examinar o funcionamento dos discursos na vida social (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2021, grifos nossos).

Ademais, buscamos na plataforma *Lattes* o currículo dos professores que orientaram os trabalhos de tese por nós considerados. Quais são: i) do Trabalho 18: Prof. Dr. Hugo Mari tem Pós-doutorado pela Université Paris 13 (Paris-Nord) - Campus de Villetaneuse, e doutorado e mestrado em Estudos Linguísticos pela UFMG; ii) do Trabalho 19 e Trabalho 21: Profa. Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva possui Pós-doutorado pela Columbia University, doutorado em Linguística e mestrado em Educação, sendo estes dois últimos cursados na UFMG; iii) do Trabalho 20: Profa. Dra. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes tem Pós-doutorado pela Université Grenoble Alpes, doutorado em Estudos Linguísticos pela UFMG e mestrado em Letras pela PUC Minas.

Não encontramos no *site* do PPG-Letras da PUC Minas nenhuma informação acerca de eventos científicos (simpósios, seminários, congressos, mesas de debates, etc.) que se propusessem a promover discussões a partir de noções da teoria do discurso de Michel Pêcheux e/ou do grupo que a ele se filia⁴⁸. Também constatamos que nenhum dos três professores mencionados possuem vínculo com o GT de Análise de Discurso da ANPOLL. Por outro lado, pudemos perceber, inclusive pelos nossos grifos, que a Análise de Discurso praticada na PUC Minas pode ser caracterizada como Análise de Discurso de viés dialógico (Análise Dialógica do Discurso – ADD), aquela que se alicerça, sobretudo, nos estudos de Mikhail Bakhtin.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.pucminas.br/pos/letras/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 01 dez. 2021.

⁴⁸ No entanto, a *live O discurso científico: questões de leitura e escrita*, ocorrida em 23 de outubro de 2020, conduzida por Heitor Pereira de Lima, mestrando no PPG-Letras, da PUC Minas, na qual a analista de discurso pecheuxtiana, Verli Petri, foi entrevistada, pode ser considerada como um movimento no qual se percebe a abertura desse Programa para os eventos que se alicerçam na teoria de Michel Pêcheux.

Constatamos ainda que, no momento de produção desta dissertação, o PPG-Letras está promovendo o evento virtual *Seminários de Estudos Bakhtinianos* que tem recebido a presença de vários estudiosos brasileiros da teoria de Bakhtin. Dentre eles, destacamos a Professora Beth Brait e o Professor Luciano Vidon.

Seguindo com nossa análise sobre a linha de pesquisa *Análise de Discurso*, da UFMG, na qual o Trabalho 22 foi desenvolvido, destacamos o que dispõe o *site* do Programa⁴⁹:

Esta linha reúne abordagens variadas do discurso, refletindo a diversidade de fontes, de instrumentais teóricos, de metodologias, bem como a natureza diversa do objeto-discurso e os múltiplos interesses que nele são projetados. **Nela é dada uma especial ênfase ao discurso enquanto troca comunicativa entre parceiros** e à linguagem como comportamento cultural, em pesquisas tais como o estudo dos gêneros discursivos (publicitário, político, ficcional...), da argumentação e da persuasão, levando em conta dimensões psicossociais, ideológicas e psicanalíticas, bem como em pesquisas que englobam os diversos tipos de interação, de relações sociais e estratégias discursivas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021, grifos nossos).

Percebemos em nossos grifos que essa linha de pesquisa “reúne abordagens variadas do discurso”, isto é, distintas frentes dos estudos discursivos são mobilizadas. Por outro lado, ao observamos que nela “é dada uma especial ênfase ao discurso enquanto troca comunicativa entre parceiros” notamos um certo distanciamento desta com a AD pecheuxiana, uma vez que o discurso sobre o qual se dedica a teoria de Pêcheux diverge da troca comunicativa, com alternância de locutor, tampouco entre parceiros. Na/para AD, o discurso, conceito que surge em **Análise Automática do Discurso** (AAD-69), tem relação com a ideologia e a língua, ou seja, a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Na relação ideologia-discurso-língua, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (PÊCHEUX, 2014). Em outras palavras, não cabe na noção de discurso desenvolvida por Pêcheux a ideia de parceiros, muito menos de troca comunicativa.

Entretanto, como já constatado, a Professora Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima, orientadora do Trabalho 21, é vinculada ao GT de Análise de Discurso da ANPOLL. Ela tem Pós-doutorado pela UFMG e pela Universidad de Buenos Aires, doutorado em Teoria da Semiologia (Université Paris 13 [Paris-Nord] - Campus de Villetaneuse) e em Estudos Linguísticos (UFMG), também possui mestrado em Estudos Linguísticos (UFMG).

⁴⁹ Disponível em: http://www.poslin.lettras.ufmg.br/detalhes_linha.php?numaut=1. Acesso em: 01 jul. 2021.

Por fim, antes de passarmos aos dois trabalhos desenvolvidos na UFU e presentes no Quadro 7, precisamos fazer uma observação. Conforme mencionado no Quadro 4 – *IES representadas por uma única linha de pesquisa*, a linha de pesquisa da UFU sobre a qual nos debruçamos para construir nosso arquivo de leitura é *Linguagem, Sujeito e Discurso*, pertencente à área de concentração *Estudos em Linguística e Linguística Aplicada*. No entanto, notamos que o Trabalho 23 foi desenvolvido na linha de pesquisa *Linguagem, Texto e Discurso*. Diante disso, procuramos no *site* do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da UFU, alguma informação sobre mudança, fusão, inserção e/ou exclusão de linha de pesquisa, mas como não encontramos nada a respeito, resolvemos permanecer com o Trabalho 23 em nosso arquivo porque a linha de pesquisa na qual ele foi produzido, embora não seja a que assumimos, mantém aparentemente uma relação com a questão discursiva.

Sobre a linha de pesquisa *Linguagem, Sujeito e Discurso*, é disposto no *site*⁵⁰ do Programa, da UFU, que

a linha de pesquisa *Linguagem, Sujeito e Discurso* congrega projetos de docentes e discentes que desenvolvem projetos que abordam a **constituição e funcionamento do discurso em diferentes materialidades**, de seus efeitos de sentido e da relação sujeito-língua, tendo como objeto de análise e de teorização o discurso e/ou a enunciação em suas especificidades. Para tanto, vale-se de abordagens metodológicas diversas. **O enfoque dos trabalhos recai, portanto, nas incidências sócio-histórico-ideológicas na constituição do discurso**, bem como nas dimensões psicossociais e na subjetividade em jogo na enunciação e/ou no discurso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2021, grifos nossos).

Em nossos grifos, percebe-se que há nessa linha de pesquisa uma abertura às distintas frentes dos estudos discursivos, inclusive à AD de Michel Pêcheux. Fazemos essa afirmação devido à designação *sócio-histórico-ideológicas*, presente no texto e que mantém uma relação no modo pelo qual o discurso é pensando nos estudos pecheuxianos. Ademais, ao olharmos para o currículo dos professores orientadores, constatamos que o Professor Dr. Cleudemar Alves Fernandes tem Pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pela Universidade Estadual de Campinas, doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo; e a Professora Dra. Cármen Lúcia Hernandes Agustini possui Pós-doutorado, doutorado e mestrado pela Universidade Estadual de Campinas.

Nosso interesse em compreender um pouco mais sobre as IES presentes neste segundo grupo se deu pela necessidade em apreender as condições de produção nas quais as teses foram desenvolvidas, convocando a AD e outras teorias e/ou estudos teóricos.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.ppgel.ileel.ufu.br/areas-e-linhas-de-pesquisa/linha-de-pesquisa-2-linguagem-sujeito-e-discurso>. Acesso em: 01 dez. 2021.

4.3.1. Primeiro mo(vi)mento de análise: introdução

Organizamos as sequências discursivas seguintes em duas partes. Na primeira, há marcações linguístico-discursivas de categorias analíticas e conceitos da AD que foram mobilizadas nas/pelas teses. Tendo em vista que, nos trabalhos deste segundo grupo, a teoria pecheuxtiana não foi convocada com exclusividade, nos interessou compreender, a partir das noções mobilizadas, para onde as teses apontaram ao assumirem a AD. Já na segunda parte, nos importou observar quais outras teorias e/ou estudos teóricos foram mobilizados juntamente com a AD.

A SD25, recortada do Trabalho 18, aponta, a partir da “abordagem de Pêcheux”, para a noção de tomada de posição do sujeito:

SD25: “Para tanto, toma como referência a **abordagem de Pêcheux** que caracteriza o discurso do **“bom sujeito”** como aquele em que o sujeito se identifica com a formação discursiva dominante em seu discurso; já o **“mau sujeito”** produz um discurso decorrente da contraidentificação com o saber da formação discursiva” (ACIOLI, 2017, grifos nossos).

O sujeito do discurso cunhado na AD, enquanto aquele afetado pela ideologia, é uma das noções que comparecem em trabalhos que buscam compreender o funcionamento da ideologia, bem como o resultado da interpelação. No trabalho de Acioli (2017), para que o discurso produzido pelo aluno cotista ingressante no curso de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas seja analisado, faz-se necessário recorrer às noções de FD, FI, Interdiscurso, Posições-sujeito para apreender como se dá a interpelação ideológica. Dessa forma, a autora menciona, no decorrer da introdução do seu trabalho, que essas categorias, advindas do quadro pecheuxtiano, são preponderantes para compreender “a presença dominante da formação discursiva do Preconceito e o não pertencimento a essa comunidade científica” (ACIOLI, 2017, p. 11). Em nossos grifos, por fim, percebemos que a pesquisa de Acioli (2017) lança mão da discussão, também pecheuxtiana, sobre a terceira modalidade, a da desidentificação.

A noção de sujeito, conforme vimos nas sequências discursivas analisadas no primeiro grupo de teses, comparece fortemente também em pesquisas que não se debruçaram exclusivamente em/na AD. Na SD26, do Trabalho 19, Ribeiro (2017) traz essa noção numa interface com a noção de polifonia, pertencente a outro quadro teórico que não é o de Michel Pêcheux:

SD26: “Nesse percurso teórico-metodológico adotado, para investigarmos a identidade do sujeito professor projetada, nos citados discursos, **tomamos o sujeito como sendo heterogêneo, polifônico, inacabado que enuncia e se posiciona do interior de uma formação discursiva** (FD) norçada por uma formação ideológica (FI)” (RIBEIRO, 2017, grifos nossos).

Vemos que a noção de sujeito é trazida por Ribeiro (2017) entrecruzada pelo quadro da AD e dos estudos bakhtinianos. Sobre a noção de sujeito concebida na/pela AD, já discutimos na seção 4.2 *Primeiro grupo de teses: Análise de Discurso mobilizada com exclusividade nas/pelas pesquisas*; acrescentamos, então, como se dá a concepção dessa noção a partir teoria de Mikhail Bakhtin.

No texto **O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito**, Marlene Teixeira (2006) empreende uma discussão sobre a noção de sujeito na teoria bakhtiniana, mas sem clarear o ponto de vista do autor russo sobre o sujeito, muito menos retificar o que sobre ele já disseram. A autora afirma que Bakhtin não formulou propriamente uma teoria do sujeito. Segundo Teixeira (2006), a visão de Bakhtin

a respeito dessa noção emerge e se sustenta na enunciação, entendida como um processo em que o eu se institui através do outro e como outro do outro, sendo pela inter-relação entre dialogismo e alteridade que se pode tentar cercar a questão da subjetividade em Bakhtin. Um aspecto a destacar, nesse sentido, é a recusa de Bakhtin em descrever o sujeito como coisa em si (TEIXEIRA, 2006, p. 229).

Em suma, não pretendemos estabelecer uma discussão que aproxime ou distancie a noção de sujeito de Pêcheux com a discussão sobre essa categoria promovida por Bakhtin, tampouco colocar em suspenso a mobilização de sujeito proposta no Trabalho 17. O que desperta nosso interesse é como se deu a mobilização dessa categoria: cotejando distintos campos disciplinares dos estudos da linguagem.

Nas duas sequências discursivas seguintes, SD27, do Trabalho 21, e SD28, do Trabalho 23, as noções de escrita e autoria à luz da AD foram propostas:

SD27: “No Brasil, salientamos, há importantes estudos sobre processos de escrita na universidade [MATENCIO (2003); MARINHO (2010); SILVA (2010); FIAD (2011); ASSIS (2015), entre outros], **sobre o processo discursivo da escrita** [ORLANDI (1996, 2005); INDURSKY (2016), para citar alguns], sobre a escrita como trabalho [GERALDI (1996); CORRÊA (2006, 2013); SILVA (2019) e outros] e também **sobre autoria** [ORLANDI (1986, 1996, 2008, 2012); POSSENTI (2002, 2009, 2013), entre outros]” (BOVO, 2019, grifos nossos).

SD28: “Esta parte teve como núcleo de discussão **a autoria**, sob a perspectiva **de Michel Foucault, visando a sua relação com a Análise do Discurso**, bem como a produção das canções de Chico, enfocando os trajetos históricos assinalados. Buscou-se, além disso, demarcar um percurso da conjuntura política, cultural e histórica dos fatores que culminaram no Golpe Militar e Civil de 1964 e, ainda, apresentou a relação de poder existente entre os militares e a sociedade, em especial, e mais estreitamente com as canções buarquianas” (BARROS, 2017, grifos nossos).

No que tange à escrita em AD, Indursky (2009) esclarece que as relações entre o texto e sua exterioridade são essenciais para que se reflita sobre o sujeito com a linguagem e com sua prática discursiva de autoria. Ela nos lembra, inclusive, que o texto na AD é sempre heterogêneo, ou seja, “sob as palavras, os enunciados e os saberes que tecem um texto, outras palavras, outros enunciados, outros saberes se fazem ouvir” (INDURSKY, 2009, p. 117).

O texto, por esse viés, pode ser compreendido por/em duas instâncias. A primeira refere-se ao texto empírico, aquele da superfície linguística que deve atender às injunções de uma dada forma escrita, delimitando seu começo e anunciando seu fim. E a segunda, aberta para o simbólico, na qual a materialidade discursiva está aberta à exterioridade, isto é, ao interdiscurso e às condições de produção pelos quais o sentido permanece indeterminado.

No que se refere à autoria em AD, concordamos com Orlandi que a noção de autoria na/da AD, diferente daquela de Foucault “que guarda a noção de autor para situações enunciativas especiais”, compreende a função-autor que “se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (ORLANDI, 2020, p. 70-71). Entretanto, como vemos na SD27 e na SD28, as noções de escrita e autoria foram tomadas, além da AD, pelo viés de Michel Foucault e outros autores brasileiros.

Ainda sobre a SD28, percebe-se uma sinalização que muito nos interessa: a conjugação da AD com outras teorias e/ou estudos teóricos. Nessa SD, os estudos de Michel Foucault sobre autoria foram mencionados no trabalho de Barros (2017). Da mesma forma, na SD27, Bovo (2019), ao discorrer sobre o processo discursivo da escrita e sobre autoria, vai recorrer à produção teórico-metodológica da AD pecheuxtiana, por meio da produção intelectual de Orlandi e Indursky; bem como convocará outros autores, dentre eles, Possenti. Já as sequências discursivas, a seguir, apontam, especificamente, uma mobilização da AD com a teoria de Bakhtin. A saber:

SD30: “Dessa forma, entendemos, para a construção do quadro das reflexões teóricas [*sic*] deste estudo, ser necessário tomarmos como **arcabouço teórico** as

contribuições da **Análise do Discurso de linha francesa (AD)** e os estudos **bakhtinianos**” (RIBEIRO, 2017, grifos nossos).

SD31: “Os pressupostos da **Análise do Discurso de linha francesa e a concepção de língua inspirada em Bakhtin** compõem o prisma teórico deste trabalho, para o qual foi construído um caminho metodológico que se apoia em reflexões e procedimentos de Genética Textual e de um paradigma indiciário” (BOVO, 2019, grifos nossos).

Contudo, também, estudos advindos do campo da Psicologia e da Sociologia são mobilizados juntamente com a AD, o que nos mostra, portanto, alguns campos disciplinares que são postos em movimento pelas teses mineiras, considerando nossa seleção, em conjugação com a Análise de Discurso de Michel Pêcheux. Nas SD29 e SD30, percebemos as costuras teóricas propostas pelas autoras.

SD29: “[...] a seção 5 [...] traz o conceito de pertencimento a partir da **Psicologia Social na perspectiva conceitual de Heidrich e Bargall** e analisa enunciados de diferentes SDs a partir do sentimento de pertencimento e da FD do Preconceito” (ACIOLI, 2017, grifos nossos).

SD32: “Deste modo, além de nos fundamentarmos na visão retórica renovada das contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2004 [1958]), no sentido do consenso, e de Amossy (2012, 2017), Meyer (1998; 2008) e Angenot (2008, 2015), no reconhecimento do dissenso, para investigar, descrever e analisar a lógica do discurso feminista da Marcha das Vadias, sentimos a necessidade de lançar mão também de outras perspectivas. Assim, **buscamos na Análise de Discurso de viés materialista, de Michel Pêcheux, e na sociologia de Pierre Bourdieu** contribuições para compreensão do funcionamento retórico-discursivo do nosso corpus” (TAVARES, 2019, grifos nossos).

Também notamos uma conjugação muito recorrente (e interessante) da AD com a História das Ideias Linguísticas (HIL):

SD33: “Em nosso caso, considerando a problematização antes apresentada, nossa leitura dessa teorização desenvolve-se a partir da articulação entre dois domínios do saber, quais sejam: **Análise de Discurso (AD)** e **História das Ideias Linguísticas (HIL)**, tal como proposto por Eni Orlandi e seu grupo de pesquisa” (ARAÚJO, 2019, grifos nossos).

Sobre essa conjugação, diversos brasileiros analistas do discurso têm investido em pesquisa. Dentre eles, mencionamos alguns: Verli Petri (2018); Claudia Pfeiffer, Vanise

Medeiros, Amanda Scherer e Thaís Costa (2021); José Horta Nunes (2006); com destaque para o longo e consolidado trabalho de Eni Orlandi (2001).

Por fim, não foi recortada nenhuma SD do Trabalho 20 porque não houve nenhuma menção à AD na introdução da tese. Diferentemente da sinalização que ocorreu no resumo dessa pesquisa, conforme vemos:

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa – estudo de caso de caráter etnográfico (LUDKE; ANDRÉ, 1998), desenvolvida em instituições públicas, envolvendo observação, entrevista e questionário. **Os dados foram examinados sob a ótica da Análise do Discurso (ORLANDI, 1996, 2011, 2003; AUTHIER-REVUZ, 1990) e da Semântica Argumentativa (DUCROT, 1987; KOCH, 1996).** A pesquisa pretendeu contribuir para a compreensão do agir docente e subsidiar a formação de professores, a partir da análise de discursos de três docentes de Língua Portuguesa. O corpus coletado é composto de entrevistas, questionários, Projeto Político-Pedagógico de cada escola e diário de campo da pesquisadora” (MORAIS, 2019, grifos nossos).

Esse excerto da pesquisa de Morais (2019), em especial, despertou nossa atenção no sentido de que, segundo a autora, “os dados foram examinados sob a ótica da Análise do Discurso” (MORAIS, 2019). Sobre o léxico “dados”, ao que nos parece, tomado como produto, a AD rejeita tal entendimento por compreender que, tão somente, “dado”, não “nos coloca no campo do acontecimento linguístico e do funcionamento discursivo” (ORLANDI, 2020, p. 35). Ou seja, é preciso que haja um deslocamento fundamental da noção de “dado” para a noção de “fato” porque “com efeito, para a análise de discurso, não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma outra construção, de um gesto teórico” (ORLANDI, 2020, p. 37).

4.3.2. Segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas

Assumindo o segundo grupo de teses, no qual a AD foi conjugada com outras teorias e/ou estudos teóricos, percebemos um número menor de obras citadas, tanto de Michel Pêcheux, quanto de Eni Orlandi; no T19, a mesma quantidade de obras citadas dos dois autores; e, algo que não aconteceu no mo(vi)mento anterior (4.2.2. *Segundo mo(vi)mento de análise: referências bibliográficas*), as obras de Michel Pêcheux foram mais citadas em relação às obras de Orlandi (nos trabalhos T22 e T23). Na Tabela 4, apresentamos a síntese do levantamento que fizemos em cada tese pertencente ao segundo grupo⁵¹.

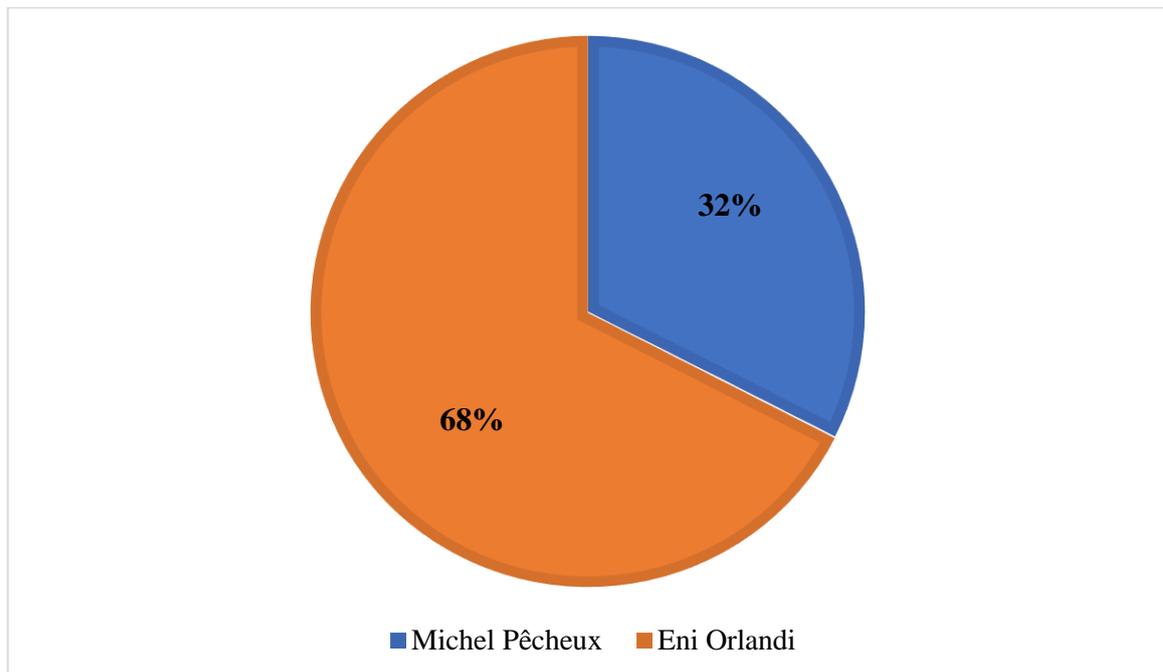
⁵¹ Disponibilizamos, nos Anexos II - *Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 2º grupo de teses*, uma lista completa de quais publicações de Michel Pêcheux e Eni Orlandi foram citadas em cada trabalho presente na Tabela 4.

Tabela 4 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no segundo grupo de teses

	Obras citadas de Michel Pêcheux	Obras citadas de Eni Orlandi
T18	2	3
T19	2	2
T20	1	4
T21	3	8
T22	6	7
T23	6	4
T24	5	22

Fonte: Elaborado pelo autor.

Adiante, no Gráfico 2, apresentamos o percentual de obras citadas dos dois autores.

Gráfico 2 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no segundo grupo de teses

Fonte: Elaborado pelo autor.

Se comparamos os percentuais apresentados no Gráfico 1 e no Gráfico 2, notaremos índices quase iguais considerando os dois grupos de teses. De acordo com nosso gesto de leitura, essa representação quase idêntica aponta para como a AD é percebida em Minas Gerais: uma teoria que teve em Pêcheux o desenrolar de sua historicidade e encontr(a)ou em Orlandi

oxigênio para continuar colocando questões que tanto interessam aos analistas de discurso brasileiros.

Em outras palavras, independentemente de como a AD for mobilizada em uma pesquisa (unicamente ou conjugada), ela se apresentará ligada ao lugar de fundação, mas sem se fechar em si, tocando em questões importantes ao colocar a homogeneidade ideológica em suspenso; ela seguirá, portanto, incomodando. Como dizia Pêcheux, “*Je déränge*” (ORLANDI, 2019, p. 51).

5. FINALIZANDO A PROSA, POR ORA

Por mais que sentar à mesa, geralmente ao fim da tarde, para prosear, enquanto se toma um *cafezim* passado na hora e prova uma fatia de bolo de fubá com um pedacinho de queijo mineiro, seja algo extremamente prazeroso de fazer, também é importante, na mesma medida, encerrar a prosa. No entanto, um ponto final em nada pode ser considerado enquanto sinônimo de fim. Pelo contrário, trata-se de uma pausa, sem tempo cronológico determinado, que certamente, em outro momento, sob outras condições de produção, movendo outros sentidos, será (re)tomada e, portanto, (re)significada.

Concordamos com Petri que,

além de construir seu dispositivo analítico, **o analista de discurso deve estar sempre olhando criticamente para seu trabalho**, retomando suas próprias questões, sendo que precisa lidar com **o efeito de fim**, pois, num determinado momento, deve colocar um ponto final, mesmo não acreditando na existência do fim (PETRI, 2013, p. 47, grifos nossos).

E é em consonância com esse entendimento de efeito de fim que, neste capítulo, finalizaremos a prosa, por ora.

Na citação anterior, Petri (2013) chamou nossa atenção para a criticidade enquanto ação que deve permear o trabalho do analista de discurso. Tal advertência da autora nos faz lembrar, por exemplo, do olhar crítico – uma das características tão presentes na literatura desenvolvida por Carlos Drummond de Andrade.

No poema, *O maior trem do mundo*, Drummond (2001) destaca um gesto bem característico de seus textos: na mesma medida em que exalta seu amor à Itabira/MG, sua terra natal, localizada na mesorregião mineira Metropolitana de Belo Horizonte (cf. Figura 7 – *Mesorregiões de Minas Gerais*), o itabirano aponta para a exploração mineral na região que, segundo ele, precisa(va) ser (sempre) denunciada. A *cidade do ferro*, como é conhecida Itabira, para além de seu relevo coberto por mares de morros e montanhas, seu clima ameno e suas construções de séculos passados que ajudam a contar a história da cidade, do povo e da região; é marcada, sobretudo, pelos rastros de minérios, advindos da atividade de mineração, promovidos pela empresa Companhia Vale do Rio Doce, mais conhecida como Vale. A mesma empresa responsável pelos crimes ambientais ocorridos em Mariana/MG, em 2015, e em Brumadinho/MG, em 2019.

(Em tom de denúncia) nos disse Drummond:

O maior trem do mundo

Leva minha terra

Para a Alemanha

Leva minha terra

Para o Canadá

Leva minha terra

Para o Japão

O maior trem do mundo

Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel

Engatadas geminadas desembestadas

Leva meu tempo, minha infância, minha vida

Triturada em 163 vagões de minério e destruição

O maior trem do mundo

Transporta a coisa mínima do mundo

Meu coração itabirano

Lá vai o trem maior do mundo

Vai serpenteando, vai sumindo

E um dia, eu sei não voltará

Pois nem terra nem coração existem mais.

(ANDRADE, 2001, p. 1450-1451).

Ou seja, o amor do escritor mineiro por sua querida Itabira não o impossibilitou de perceber, criticar e denunciar os problemas da/na sua terra natal. Tal gesto drummondiano, presente também em tantas outras obras desse autor, somado ao que nos alertou Petri (2013), nos ensina, desde então, sobre a necessidade de construirmos olhares de afetos e de críticas para aquilo que julgamos importante.

Na direção desse entendimento, portanto, compreendemos que, nesta pesquisa de mestrado, desenvolvemos um gesto de interpretação possível, mas que poderia ser tantos outros, pelo qual compreendemos **como o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso foi mobilizado em teses da área de Letras, desenvolvidas em Programas de Pós-graduação de Instituições de Ensino Superior no estado de Minas Gerais-BR**; o que nos possibilitou refletir sobre Análise de Discurso à mineira.

Sobre esse modo de nos referirmos à AD que funciona em Minas Gerais, cabe destacar que tal designação não objetivou fatiar nossa teoria. Quando propusemos uma reflexão a partir

da **Análise de Discurso à la française**, **Análise de Discurso à brasileira** e, conseqüentemente, **Análise de Discurso à mineira**, estávamos, a todo tempo, tratando da mesma teoria: Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, na França, e desdobrada por Eni Orlandi e tantos outros analistas de discurso brasileiros pelos brasis do nosso país. Em outras palavras, *à mineira*, é uma designação que representa nosso gesto de leitura sobre a AD mobilizada nas montanhas de Minas Gerais a partir do recorte cronológico que assumimos. Isso significa, portanto, que essa *AD à mineira*, sob outras condições de produção, por meio de outros critérios, de outras leituras e gestos de interpretação, certamente, será diferente dessa porque suscitará tantas outras leituras e efeitos de sentidos. Dizendo de um modo *amineirado*, podemos usar a mesma farinha de milho, manteiga e erva-doce; podemos até não abrir do mesmo leite, ovos e forno; mas, com certeza, as broas de milho nunca serão as mesmas, jamais terão sabor e aroma idênticos.

O fato é que a Análise de Discurso em Minas Gerais, assim como no Brasil, é uma teoria disciplinarizada que não perde de vista sua matriz, entretanto, não se fecha nela. Temos uma AD que é mineira, brasileira, francesa, pecheuxtiana (não necessariamente nessa ordem) e também orlandiana, por que não?

Pensando nessa AD, enquanto uma teoria que possui diversas facetas, concordamos com Scherer, Petri e Martins (2013), autoras que refletiram sobre a disciplinarização da Análise de Discurso no Sul do Brasil, que estamos vivendo uma *terceira época* de disciplinarização da AD. De acordo com as pesquisadoras,

uma **terceira época** estaria se delineando, que se constituiria como um horizonte de projeção (Auroux 2008) desta **segunda época**, mas que, ao mesmo tempo, descola-se dela ao produzir diferentes efeitos de sentido no seu processo de disciplinarização, começando pela interiorização dos programas de pós-graduação, as diferentes linhas de pesquisa que surgem neste campo do saber, sem necessariamente nomear a disciplina, mas designando-a no interior dos programas nos quais estão inseridos pesquisadores que apresentam diferentes relações acadêmico-científicas, novas redes de pesquisas, outros objetos de estudo, mais conceitos que vão sendo estudados, etc. (SCHERER; PETRI; MARTINS, 2013, p. 32-33, grifos das autoras).

Ou seja, desde o ano de 2013, as autoras já apontavam para o processo de disciplinarização (*terceira época*) da AD que segue desdobrando-se, por meio dos diferentes efeitos de sentidos desse processo. À vista disso, nossa pesquisa, por mais que objetive um efeito de completude, de acabamento, não está fechada nela mesma. Longe disso, e desde já, ela nos convoca a olharmos para AD à mineira em um tempo futuro (talvez, numa *quarta época*) a partir de outras condições de produção e de outros questionamentos. Isto é a Análise de Discurso: a teoria que olha (e é) **o curso, o percurso e os movimentos** (cf. ORLANDI, [1999]

2005); e que em solo mineiro, conforme nos mostrou esta pesquisa, foi mobilizada com exclusividade, “pura”, pelas teses que se debruçaram em Pêcheux, Orlandi e outros analistas de discurso. Por outro lado, essa mesma AD também foi mobilizada em conjugação com outra(s) teoria(s) e/ou estudo(s) teórico(s), ou seja, “uma AD que não hesita em convocar outros autores para juntarem-se aos textos fundadores” (INDURSKY, 2021, p. 36). Sendo que a primeira mobilização, em comparação à segunda, ocorreu em um número maior. Em suma, a AD nas Minas Gerais moveu-se mineiramente.

Seguindo com nosso gesto de leitura, conforme fizemos com as teses que compõem nosso arquivo, resolvemos olhar: i) para nossa introdução, Capítulo 1 – *Para começo de prosa*; e, ii) para nossas referências bibliográficas. No primeiro momento, nos propusemos a perceber, nesse capítulo, possíveis marcas linguístico-discursivas que mostrassem a relação do trabalho proposto com a teoria da Análise de Discurso, por meio de: menção de autores, objetivos propostos, categorias analíticas mencionadas, etc. Já no segundo momento, consultamos as referências desta dissertação a fim de perceber a recorrência das obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Em relação ao nosso primeiro olhar, acreditamos, então, que o Capítulo 1 traz do início ao fim a presença forte da AD, seja pela menção à Eni Orlandi, Freda Indursky, Verli Petri, Maria Cristina Leandro Ferreira, Bethania Mariani, Michel Pêcheux, etc; seja pelos objetivos elencados, como também pelo caminho de escrita anunciado. Ousamos afirmar que a prosa proposta no início desta dissertação “respira” a Análise de Discurso, uma vez que somos (declaradamente) afetados por essa teoria (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2019).

Ademais, nosso próximo olhar voltou-se para a presença de obras de Michel Pêcheux e Eni Orlandi nas referências bibliográficas. Com isso, organizamos a Tabela 4 que aponta o número exato de obras pecheuxianas e orlandianas presentes nesta dissertação.

Tabela 5 – Obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi

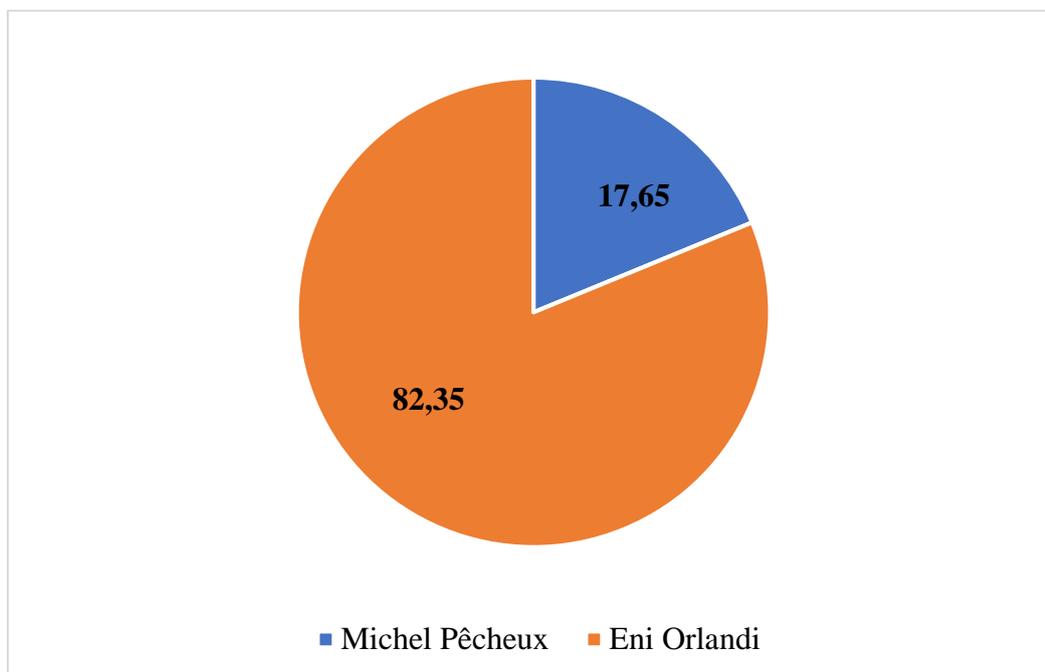
Obras citadas de Michel Pêcheux	Obras citadas de Eni Orlandi
3	14

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dessas informações, construímos o Gráfico 3 que nos mostra o percentual de obras de Michel Pêcheux e Eni Orlandi utilizado para construir nossa pesquisa que se ocupou

em compreender o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em Minas Gerais.

Gráfico 3 – Percentual de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi



Fonte: Elaborado pelo autor.

É interessante olharmos para nossa pesquisa e constatarmos que, de fato, não há controle *do que se diz, de como se diz e a partir de quem se diz*, embora, exista o desejo de controlar tudo isso. No entanto, considerando apenas *a partir de quem dissemos*, nos interessa perceber que, para além de qualquer porcentagem, nos debruçamos sobre a mesma teoria. Em nossas referências há uma presença (maior) de obras de Eni Orlandi, uma presença (menor) de obras de Michel Pêcheux, como, também, o comparecimento de obras de diversos analistas de discurso, o que nos leva à compreensão de que nossa pesquisa, à luz da organização dos grupos de teses proposta no Capítulo 4 – *No balançar do pêndulo: a construção do corpus e dos gestos analíticos*, caso fosse uma tese de doutorado, iria compor o primeiro grupo de trabalhos no qual a AD foi mobilizada com exclusividade.

Ademais, conforme pontuamos ao longo da dissertação, a produção intelectual de Freda Indursky (nos) significa muito, não só no campo da AD, mas para os Estudos da Linguagem. Destacamos, em especial, o trabalho apresentado por ela no IX SEAD, em Recife-PE, em 2019, sobre o qual discorreremos no Capítulo 1 – *Para começo de prosa*; bem como, o resultado desse trabalho, o texto **Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da análise do discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico** (2021). Essa produção de Indursky, com a qual

tivemos contato em 2019, enquanto pesquisa e, em 2021, já materializada em texto, nos instigou, desde então, a cartografar a AD à mineira, um dos nossos objetivos específicos.

Entretanto, sabemos de todos os riscos que corremos ao propor um mapeamento como esse dada a possibilidade de deixarmos de fora uma tese, um Programa ou até mesmo uma Instituição de Ensino Superior, embora, “esse é um risco que assumo(*imos*) correr, pois entendo(*emos*) que é importante fazer esse mapeamento” (INDURSKY, 2021, p. 34, acréscimos nossos).

Ainda nos valendo da polidez de Indursky, acreditamos que as contribuições de nossa cartografia da AD à mineira “compensarão possíveis omissões ou algum excesso”, uma vez que, ainda segundo a autora, “este mapeamento, como afirmei mais acima, não se propõe como a expressão exata do estado da arte” (INDURSKY, 2021, p. 34). Parafraseando Indursky, buscamos apontar que a Análise do Discurso se consolidou como área do conhecimento e pesquisa nas Instituições Universitárias mineiras. Na esteira do levantamento cartográfico que nos propomos a desenvolver, acreditamos também ter empreendido um esforço na direção do que Eni Orlandi (2001; 2018) tem denominado como História das Ideias Discursivas⁵², sempre levando em conta que ainda há muitas coisas a saber.

A imagem a seguir (Figura 8) apresenta o mapa do estado de Minas Gerais, organizado a partir de suas mesorregiões, com estrelas vermelhas, conforme fez e nos provocou Indursky (2021), que estão desdobradas nas diferentes IES em que a AD se faz presente.

⁵² Cf. também Guasso (2021); e Harb (2021).

Figura 8 – Mapa da Análise de Discurso em Minas Gerais (2017-2020)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa cartografia nos mostra, provisoriamente, as mesorregiões mineiras nas quais a AD foi mobilizada, seja com exclusividade ou não, a partir das mais diversas materialidades, convocando Eni Orlandi, Michel Pêcheux e tantos outros autores...

Como perspectivas de/para trabalhos futuros, algumas perguntas, desde já, nos provocam: i) quais reflexões a mobilização da AD à mineira em artigos e/ou dissertações promoveria?; ii) quais sentidos mobilizará a AD à mineira daqui há uma década, por exemplo?; iii) quais sentidos a mobilização da AD, considerando outras unidades da federação, promoveriam? Ademais, cabe mencionar o incômodo que sentimos ao promover essas subdivisões da teoria do discurso, uma vez que elas não existem efetivamente porque a AD pecheuxtiana é única, independentemente do lugar no qual ela for mobilizada. No entanto, também entendemos que, para fins metodológicos de pesquisa, fazer esse recorte geográfico foi necessário. Dito isso, e levando em consideração a grandiosidade dessa teoria que nos afeta e

circula sem fronteiras definidas questionamos, iv) quais são as implicações de olhar para AD considerando um estado, um país, um continente? Para buscar respostas a essas provocações nos debruçaremos oportunamente.

Por fim, como já dissemos, essa é a “nossa” Análise de Discurso que, independentemente do lugar físico, tempo cronológico e condições de produção em que for mobilizada; bem como o sujeito que a mobilize, merece nossa luta.

Em outras (últimas) palavras, “A Análise de Discurso merece que continuemos a lutar por ela”, *uai!*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2001.

CAMPOS, Luciene Jung de; ALQUATTI, Raquel. Sujeito. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada/ Prefácio: Bethania Mariani. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, 298 p.

COURTINE, Jean-Jacques. (1984). Définition d'orientations théoriques et méthodologiques en Analyse de Discours. **Philosophiques**. v. IX, n. 2, Paris, 1984.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Vanice Sargentini (Org.). São Carlos: EdUFSCar, 2009. 250 p.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. Político/política. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. Prefácio: Bethania Mariani. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. 298 p.

GUASSO, Kelly. **Discursos que ressoam sentidos: por uma história das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pêcheux**. 203 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-graduação em Letras/UFSM. Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13498/DIS_PPGLETRAS_2017_SILVA_KELY.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 nov. 2021.

GUASSO, Kelly; HARB, Fidah Mohamad. Palavras-conceito: reflexões sobre a produção do conhecimento a partir da análise de discurso. **Revista Interfaces**. Guarapuava, PR, v. 12, n. 4, p. 275-285, 2021.

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. (Org.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

HARB, Fidah Mohamad. **O funcionamento do dispositivo teórico e metodológico da Análise de Discurso em trabalhos científicos para além da área de Letras**. 2021. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **RUA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 63–89, [1968] 2015. DOI: 10.20396/rua.v1i1.8638926. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926>. Acesso em: 5 out. 2021.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prata, p. 9- 33, 2008.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da análise do discurso. In: CORTINA, Arnaldo & NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição. (Org.). **Sujeito e linguagem**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009, p. 117-131.

INDURSKY, Freda. Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da Análise do Discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio (Org.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da terceira República Brasileira (1964-1984)**. 1992. 382f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1992. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270684>. Acesso em: 02. jul. 2021.

INDURSKY, Freda. **A Fala dos Quartéis e As Outras Vozes**. 1. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, 268 p.

INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

INDURSKY, Freda. Do legado de Pêcheux ao campo brasileiro da Análise do Discurso: uma aventura teórica nos dois lados do Atlântico. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. (Org.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Análise de discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 17-34, 2010.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade do equívoco**. 1994. 165f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1994. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269533>. Acesso em: 01 jul. 2021.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 135–143, jul./dez. 2008.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Pêcheux, nossa bússola inspiradora. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Org.). **Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A Análise de Discurso merece que continuemos a lutar por ela. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari (Org.). **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

LIMA, Heitor Pereira de; SILVA, Kátia Regina de Sousa e. Os sentidos mudam e a cozinha também: análise da(s) formação(ões) discursiva(s) das propagandas da Todeschini. **Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio**, n. 37, p. 200-216, 2020.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA. **Governo do Estado de Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/localizacao-geografica>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução: Eni Puccineli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 – 1989)**. 1996. 256f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1996. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270690>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. Disciplinarização dos estudos em Análise do Discurso. **Gragoatá**, Niterói, n. 34, p. 15-25, 1. sem. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32956/18943>. Acesso em: 01 set. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sobre a quadrienal**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrienal/sobre-a-quadrienal>. Acesso em: 01 ago. 2021.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

NUNES, José Horta. Uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso. **Letras**, Santa Maria, n. 37, p. 107-124, jul/dez 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11982>. Acesso em: 20 out. 2021.

ORLANDI, Eni. Recortar ou segmentar? In: **Linguística: Questões e Controvérsias**. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.

ORLANDI, Eni (Org.). **História das idéias linguísticas no Brasil: construção do saber metalingüístico e a constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, [1999] 2005.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso no Brasil. In: RAUS, Rachele (Org.). **Partilha de saberes e influência cultural: a análise do discurso “À Francesa” fora da França**. Tradução: Débora Massmann e Eni Orlandi. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ORLANDI, Eni. Ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis. In: BARONAS, R. L. *et al.* (Org.). **Ética, Ciência, Ideologia, Interpretação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 89-101.

ORLANDI, Eni. Uma lenda urbana: o capeta da Borda da Mata. In: ORLANDI, Eni. **Eu, Tu, Ele** – Discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Eu, Tu, Ele** – Discurso e real da história. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. Penso que toda história intelectual começa muitos antes de começar. In: OLIVEIRA, Guilherme Adorno; NOGUEIRA, Luciana. (Org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. Penso que toda história intelectual começa muitos antes de começar. In: OLIVEIRA, Guilherme Adorno; NOGUEIRA, Luciana. (Org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania Sampaio Mariani [et. al.] 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 1997.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos** [sic], Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez. [1980] 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v. 13, n. 19, p. 47- 58,

2018. Disponível em: [ttp://seer.ufgrs.br/conexaoletras/article/view/85032/49004](http://seer.ufgrs.br/conexaoletras/article/view/85032/49004). Acesso em: 01 jul. 2021.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Programa de Pós-graduação em Letras**, 2021. Disponível em: <https://www.pucminas.br/pos/letras/Paginas/%C3%81rea-de-Concentra%C3%A7%C3%A3o-e-Linhas-de-Pesquisa.aspx>. Acesso em: 01 jul. 2021.

RAUS, Rachele (Org.). **Partilha de saberes e influência cultural: a análise do discurso “À Francesa” fora da França**. Tradução: Débora Massmann e Eni Orlandi. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. **Escrita de pesquisa e para a pesquisa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SCHERER, Amanda; PFEIFFER, Claudia; MEDEIROS, Vanise; COSTA, Thaís de Araújo da. História das ideias linguísticas e sua institucionalização: um primeiro percurso em um programa coletivo de pesquisa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 3, p. 646-659, jul.-set. 2021.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli; MARTINS; Taís. Na Análise de Discurso, “a paisagem é realmente acidentada”, ou reflexões acerca de seu processo de disciplinarização no sul do Brasil. **Signo y Señá**, Argentina, n. 24, p. 21-34, 2013.

TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN**, 2021. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/area3.php>. Acesso em: 01 jun. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**, 2021. Disponível em: <http://www.ppgel.ileel.ufu.br/areas-e-linhas-de-pesquisa/linha-de-pesquisa-2-linguagem-sujeito-e-discurso> Acesso em: 01 jul. 2021.

UNIVERSIDADE VALE DO SAPUCAÍ. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem**, 2021. Disponível em: http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/ProjetoPedag%C3%B3gicoPPGCL_1.pdf Acesso em: 19 ago. 2021.

VENTURINI, Maria Cleci. **Rememoração/comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano**. 2008. 235 f. (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3952/MARIACLECIVENTURINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2021.

VENTURINI, Maria Cleci. A história e as polêmicas do/no político. In: PETRI, Verli; GUASSO, Kelly; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine de. (Org.). **Dicionários em análise: palavra, língua, discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação de ADD-69. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. (Org.). **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

TESES

ACIOLI, Adenize Costa. **Pertenço ou não pertenço: análise dos discursos de alunos cotistas do curso de medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas**. 2017. 101f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_AcioliAC_1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

ARAÚJO, Érica Daniela de. **A Linguística Geral de Émile Benveniste como um acontecimento no espaço político-simbólico da Linguística: língua, cultura, personalidade**. 2019. 242f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2395>. Acesso em: 14 jun. 2021.

ARCHANJO, Simone Catarina Silva. **Campanhas de Vacinação, dengue e câncer de boca: sentidos em circulação em propagandas do Ministério da Saúde**. 2020. 150f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2019/dissertacoes/SIMONECATARINASILVAARCHANJO.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

AZEVEDO, Ellissa Castro Caixeta de. **Legislação e escola laica: o (contra)dito**. 2018. 111f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/0000000000000000000000132.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

BARROS, Maria Irenilce Rodrigues. **Os sujeitos discursivos nas canções de Chico Buarque nos períodos ditatorial e democrático**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20376>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BORBA, Maraísa Rodrigues da Silva. **Gestos de ensino-aprendizagem entre os sujeitos e o conhecimento nos processos de escrita – Ensino fundamental e médio**. 2018. 145f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/0000000000000000000000133.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. **O pesquisador em formação e o trabalho com a linguagem na escrita acadêmico-científica: a construção de um posicionamento autoral**. 2019. 174f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,

Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_BovoAPM_1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

CASTANHEIRA, Cássio Silva. **Discurso e ensino:** as Leis N° 10.639/03 e 11.645/08 no livro didático de História. 2018. 80f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000123.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

COSTA, Cleyton Antônio. **Discursos sobre/do sujeito idoso gay no espaço digital:** Formulação e circulação. 2020. 167f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000275.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

FACCO, Fernando Alberto. **Espaço e sentidos na produção de café no Brasil e em Minas Gerais:** uma análise das entrelinhas. 2020. 137f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000286.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Carina Adrielle Duarte de Melo. **Silêncio e arquivo no discurso literário.** 2018. 128f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000130.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

GONDIM, Onilda Aparecida. **Práticas de leitura e de escrita de alunos surdos na escola regular:** das posições-sujeito a seus efeitos discursivos. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31206/7/PraticasLeituraEscrita.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

KRESS, Erika. **Sentidos de maternidade no discurso digital.** 2020. 118f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/dissertacoes/ERIKAKRESS.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LUCAS, Sérgio Murilo. **O não saber, pré-requisito ou barreira para saber?** Efeitos de sentido em redações de vestibular do IF Sul de Minas. 2020. 123f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000000287.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

MORAIS, Regina Aparecida. **Agir docente, representações sociais e desenvolvimento de capacidades letradas na educação básica.** 2019. 325f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_MoraisRA_1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

ORRÚ, Alice Perucchetti. **Estudo da articulação do porta-voz na resignificação das alianças do Velho Testamento.** 2018. 153f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) –

Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000128.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

PEREIRA, Guilherme Marques. **As campanhas publicitárias e a materialidade do discurso neoliberal do/no ensino superior privado**. 2018. 146f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000127.pdf. Acesso em: 02 jul. 2021.

PEREIRA, Lidia Noronha. **A (des)estabilização de sentidos para corpo-e-sujeito inscritos pela sexualidade e pelo gênero: efeitos de ruptura**. 2017. 163f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2017. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000137.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

POMPEU, Daianna Brasília de Araújo. **Narrativas orais e discurso fantástico – versões e sentidos nos casos de Baependi, Sul de Minas**. 2018. 185f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000120.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

RENNÓ, Aline de Fátima Chiaradia Valadão. **Sentidos de gestor e de gestão em instituições públicas e privadas: aproximações e diferenciações**. 2020. 140f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2020/dissertacoes/ALINEDEFATIMACHIARADIAVALADAORENNO.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RIBEIRO, Tatiane Chaves. **A identidade do professor em formação projetada no discurso de documentos oficiais da educação brasileira**. 2017. 233f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RibeiroTC_1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

ROMANELLI, Francisco Antonio. **“Filosofia de botequim”**: o discurso da malandragem resistente no Samba de Ataulfo Alves. 2018. 193f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2018. Disponível em: <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2018/dissertacoes/FRANCISCOANTONIOROMANELLI.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SOARES, Michele Correa Freitas. **O movimento escola sem partido: silenciamento e litúgio discursivo**. 2020. 160f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2020. Disponível em: http://m.univas.edu.br/Repos_Biblioteca/00000000000000000283.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

TAVARES, Bruna Toso. **Gênero e Militância: a gestão das distâncias e a disputa por sentidos no discurso da Marcha das Vadias**. 2019. 302f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BCUM9P>. Acesso em: 12 jun. 2021.

APÊNDICES

I. Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 1º grupo de teses

	Obras de Michel Pêcheux	Obras de Eni Orlandi
T1	<ul style="list-style-type: none"> * A análise do discurso: três épocas * Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * O discurso: Estrutura ou Acontecimento * O papel da memória 	<ul style="list-style-type: none"> * Segmentar ou Recortar * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * Paráfrase e Polissemia: a fluidez dos limites do simbólico * Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia * Análise do discurso: princípios e procedimentos
T2	<ul style="list-style-type: none"> * Análise Automática do Discurso (AAD-69) * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas 	<ul style="list-style-type: none"> * A língua brasileira * Discurso, imaginário social e conhecimento * Texto e Discurso * Discurso e argumentação: um observatório do político * Ética e política linguística * Vão surgindo sentidos * Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Michel Pêcheux e a Análise de Discurso * Educação em direitos humanos: um discurso * Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital * Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos * Discurso e Leitura * Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico * A palavra dança e o mundo roda: Polícia!! * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Maio de 1968: os silêncios da memória * Era uma vez Corpos e Lendas: versões, transformações, memórias * A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem

T3	<ul style="list-style-type: none"> * L'étrange Miroir de l'Analyse du Discours * Discurso: estrutura ou acontecimento * Delimitações, Inversões e Deslocamentos * Liège: "Silence, sujet, histoire" * Ler o arquivo hoje * Análise automática do discurso (AAD-69) * Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Análise Sintática e Paráfrase Discursiva * Papel da memória 	<ul style="list-style-type: none"> * A análise do discurso: algumas observações * Discurso e leitura * Discurso e argumentação: um observatório do político * Efeitos do verbal sobre o não-verbal * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Análise de discurso: princípios e procedimentos * Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos * Texto e discurso * Vão surgindo os sentidos * A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Análise de discurso: princípios & procedimentos * Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade * Discurso em análise: Sujeito, Sentido, Ideologia * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico
T4	<ul style="list-style-type: none"> * L'étrange miroir de l'analyse de discours * O discurso: estrutura ou acontecimento * A propósito da Análise automática do discurso: atualização e perspectivas * Análise Automática do Discurso * Ler o arquivo hoje * Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do Óbvio * Papel da memória 	<ul style="list-style-type: none"> * Palavra, Fé e Poder * Vozes e Contraste: Discurso na Cidade e no Campo * As formas do silêncio: No movimento dos sentidos * Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico * A leitura e os leitores * Discurso e leitura * Formação de um espaço na produção linguística: a gramática no Brasil * Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil * Ler a Cidade: O Arquivo e a Memória * Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Análise do discurso. Princípios e procedimentos * Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos * A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso * Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia

T5	<ul style="list-style-type: none"> * O discurso: estrutura ou acontecimento * Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio * Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso * O papel da memória * O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo 	<ul style="list-style-type: none"> * A Linguagem e seu funcionamento: as formas do Discurso * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * Cidade dos sentidos * Discurso e texto - formulação e circulação dos sentidos * Terra à vista - discurso do confronto: velho e novo mundo * Um Sentido Positivo para o Cidadão Brasileiro * Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa
T6	<ul style="list-style-type: none"> * A língua inatingível * Ler o arquivo hoje * O discurso: estrutura ou acontecimento 	<ul style="list-style-type: none"> * Ler a cidade: o arquivo e a memória * Gestos de Leitura - da História no Discurso * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Maio de 1968: Os Silêncios da Memória
T7	<ul style="list-style-type: none"> * Análise Automática do Discurso (1969) * Delimitações, inversões, deslocamentos * A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas 	<ul style="list-style-type: none"> * A Análise de Discurso: Algumas Observações * As Formas do Silêncio * Cidade dos Sentidos * Discurso e Leitura * Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos * Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória * História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e constituição da Língua Nacional * Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Língua Brasileira e Outras Histórias. Discurso sobre a língua e ensino no Brasil * Paráfrase e Polissemia: A fluidez nos limites do simbólico * Política Linguística na América Latina * Sentidos em Fuga: Efeitos da polissemia e do silêncio * Silêncios: presença e ausência * Terra à Vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo * Vozes e Contrastes. Discurso na Cidade e no Campo
T8	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e Discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio 	<ul style="list-style-type: none"> * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso

		<ul style="list-style-type: none"> * Análise de discurso: princípios e procedimentos * As formas de Silêncio: no movimento dos sentidos * Discurso e Leitura * Discurso fundador * Discurso, imaginário social e conhecimento * Língua e Conhecimento Lingüístico * Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo
T9	<ul style="list-style-type: none"> * Análise Automática do Discurso * Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio * Papel da Memória * O discurso: estrutura ou acontecimento * A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso 	<ul style="list-style-type: none"> * Discurso, imaginário social e conhecimento * Discurso e leitura * Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico * Discurso e Texto * Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Cidade dos Sentidos * Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Discurso em análise * Formação ou Capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento * Discursos sobre a Inclusão * Análise de Discurso: princípios & procedimentos * Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história
T10	<ul style="list-style-type: none"> * Delimitações, inversões, deslocamentos * Ler o arquivo hoje * O discurso: Estrutura ou acontecimento * Papel da Memória 	<ul style="list-style-type: none"> * “Segmentar ou Recortar” * Discurso: uma noção fundadora * Coreografar: inscrever significativamente o corpo no espaço * Análise de Discurso * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Terra à vista – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo * Educação em direitos humanos: um discurso * A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade * Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos * Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo? Ainda a Propaganda de Estado * Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico

		<ul style="list-style-type: none"> * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia * Eu, Tu, Ele: Discurso e real da história
T11	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio 	<ul style="list-style-type: none"> * A casa e a Rua: uma relação política e social * Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos * Discurso, espaço e memória – Caminhos da identidade no Sul de Minas * Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso * Espaço violência: O Sentido da Delinquência * Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico
T12	<ul style="list-style-type: none"> * Análise Automática do Discurso (AAD – 69) * O discurso: estrutura ou acontecimento * Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal? * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso * Les vérités de la palice, maspero 	<ul style="list-style-type: none"> * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * Análise de discurso Michel Pêcheux textos escolhidos * Cidade dos sentidos * Discurso, imaginário social e conhecimento * Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso * Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos * Discurso e textualidade * Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia * Eu, Tu, Ele: discurso e real da história * Formação ou capacitação?: duas formas de ligar sociedade e conhecimento * As formas do silêncio no movimento dos sentidos * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico
T13	<ul style="list-style-type: none"> * Delimitações, Inversões, Deslocamentos * Posição sindical e tomada de partido nas Ciências Humanas e Sociais * A língua inatingível * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo * Foi “propaganda” mesmo que você disse? 	<ul style="list-style-type: none"> * Segmentar ou recortar * Do não sentido e do sem sentido * Discurso e argumentação: um observatório do político * Do Sujeito na História e no Simbólico. Escritos * Para uma enciclopédia sobre a cidade * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * As formas do silêncio no movimento dos sentidos * A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso

	<ul style="list-style-type: none"> * Ler o arquivo hoje * O discurso: estrutura ou acontecimento * Papel da memória * Análise automática do discurso (AAD-69) * A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas 	<ul style="list-style-type: none"> * Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico * Gestos de leitura: da história no discurso * Análise do discurso: princípios e procedimentos * Maio de 1968: os silêncios da memória * Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia * Eu, Tu, Ele: discurso e real da história * Entre Letras, o Mundo
T14	<ul style="list-style-type: none"> * Les vérités de la palice, Paris: Maspéro * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Análise automática do discurso (AAD-69) * O discurso: estrutura ou acontecimento * Metáfora e interdiscurso 	<ul style="list-style-type: none"> * Unidade e dispersão: uma questão do sujeito e do discurso * Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo * Gestos de leitura: da história no Discurso * Efeitos do verbal sobre o não-verbal * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Análise de discurso: princípios e procedimentos * Língua e conhecimento linguístico * O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo * Educação em direitos humanos: um discurso * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem * Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * Discurso e leitura * Formação ou capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento * Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo, pessoa
T15	<ul style="list-style-type: none"> * Ler o arquivo hoje * O discurso: estrutura ou acontecimento * Delimitações, inversões, deslocamentos * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * A língua inatingível: o discurso na história da linguística. 	<ul style="list-style-type: none"> * Análise de discurso: princípios e procedimentos * Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia * Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos * Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia * A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo
T16	<ul style="list-style-type: none"> * O papel da memória 	<ul style="list-style-type: none"> * Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade

	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Análise Automática do Discurso (AAD-69) * Discurso: estrutura ou acontecimento 	<ul style="list-style-type: none"> * Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil * Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos * Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo * A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica * Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso
T17	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * O discurso: estrutura ou acontecimento * Delimitações, Inversões e Deslocamentos * Ideology: Fortress or Paradoxical Space * Ideologie – Festung oder paradoer Raum? * Ler o arquivo hoje * Les Vérités de la Palice. Paris: Maspero 	<ul style="list-style-type: none"> * Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito * Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia * Os sentidos de uma Estátua: Fernão Dias, individuação e identidade Pousoalgrense * A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade * As formas do silêncio – no movimento dos sentidos * Interpretação; Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Ler a cidade: o arquivo e a memória * Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos * Discurso e Argumentação: um Observatório do Político * Do não-sentido e do sem-sentido * Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional

II. Levantamento de obras citadas de Michel Pêcheux e Eni Orlandi no 2º grupo de teses

	Obras de Michel Pêcheux	Obras de Eni Orlandi
T18	<ul style="list-style-type: none"> * O Discurso: estrutura ou acontecimento * Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio 	<ul style="list-style-type: none"> * Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Discurso e leitura
T19	<ul style="list-style-type: none"> * Análise Automática do Discurso (AAD-69) * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio 	<ul style="list-style-type: none"> * Identidade linguística escolar * Análise de discurso: Princípios e procedimentos
T20	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio 	<ul style="list-style-type: none"> * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * Análise de discurso: princípios & procedimentos * Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Discurso e texto. Formulação e circulação de sentidos
T21	<ul style="list-style-type: none"> * Análise do discurso: três épocas * Semântica e Discurso * Estrutura ou acontecimento 	<ul style="list-style-type: none"> * Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Do sujeito na história e no simbólico * Análise de discurso: princípios e procedimentos * Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos * Silêncios: presença e ausência * Discurso e Leitura
T22	<ul style="list-style-type: none"> * Delimitações, inversões, deslocamentos * Análise automática do discurso (AAD-69) * A análise de discurso: três épocas * O Discurso – Estrutura ou acontecimento * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * A fronteira ausente (um balanço) 	<ul style="list-style-type: none"> * Interpretação: autoria, leitura e efeitos dos trabalho simbólico [<i>sic</i>] * Discurso e argumentação: um observatório do político * Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos * Michel Pêcheux e a Análise de Discurso * Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia * Análise de Discurso: princípios & procedimentos * Análise do Discurso
T23	<ul style="list-style-type: none"> * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Papel da memória * Língua, linguagem, discurso 	<ul style="list-style-type: none"> * Maio de 1968: os silêncios da memória * As formas do silêncio: no movimento e dos sentidos * Análise de Discurso: princípios e procedimentos

	<ul style="list-style-type: none"> * Análise do Discurso na França: especificidades de uma disciplina de interpretação * O discurso: estrutura ou acontecimento * Língua, 'linguagens', discurso 	<ul style="list-style-type: none"> * Análise de discurso: Michel Pêcheux
T24	<ul style="list-style-type: none"> * (HERBERT, Thomas) Observações para uma Teoria Geral das Ideologias * O discurso: estrutura ou acontecimento * Análise automática do discurso (AAD-69) * Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio * Ler o arquivo hoje 	<ul style="list-style-type: none"> * Segmentar ou recortar? * Discurso e argumentação: um observatório do político * Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico * N/o limiar da cidade * Maio de 1968: os silêncios da memória * Um fato, um acontecimento, uma história: ideias linguísticas no brasil * História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional * A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil * Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil * Ler a cidade: o arquivo e a memória * Introdução: a leitura proposta e os leitores possíveis * Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico * Análise de Discurso: princípios e procedimentos * A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil * As formas do silêncio: no movimento dos sentidos * Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo * Língua Brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil * O que é linguística * A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso * A casa e a rua: uma relação político-social * Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos * Ciência da Linguagem e Política - Anotações ao pé das Letras